Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia
Mestrado em História

SAÚDE E DIETÉTICA:
O *LÍBER DE CONSERVANDA SANITATE* DO FÍSICO PORTUGUÊS PEDRO HISPANO (SÉC. XIII)

Maria Dailza da Conceição Fagundes

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos

Goiânia

2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Maria Dailza da Conceição Fagundes

SAÚDE E DIETÉTICA:
O *LÍBER DE CONSERVANDA SANITATE* DO FÍSICO PORTUGUÊS PEDRO HISPANO (SÉC. XIII)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História, da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Mestre em História.
Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.
Linha de Pesquisa: História, Memória e Identidade Sociais.
Orientadora: Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos (UFG).

Goiânia

2006

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(GPT/BC/UFG)

F156s

Fagundes, Maria Dailza da Conceição.

Saúde e dietética: o líber de conservanda sanitate do físico português Pedro Hispano (séc. XII) / Maria Dailza da Conceição Fagundes. – Goiânia, 2006.

121 f.

Orientadora: Dulce Oliveira Amarante dos Santos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2006.

Bibliografia: f. 124-129.

1. Medicina medieval 2. Saúde – Regimento 3. Dietética 4. Saúde 5. Alimentação I. Santos, Dulce Oliveira Amarante dos II. Universidade Federal de Goiás Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia III. Título.

CDU: 61”04/14”

Maria Dailza da Conceição Fagundes

SAÚDE E DIETÉTICA:
O *LÍBER DE CONSERVANDA SANITATE* DO FÍSICO PORTUGUÊS PEDRO HISPANO (SÉC. XIII)

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em História da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, aprovada em ____ de _____ de 2006, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

_____
Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos (UFG)
(Orientadora)

_____
Profa. Dra. Terezinha Oliveira (UEM)

_____
Profa. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)

_____
Prof. Dr. Marlon Salomon (UFG)
(Suplente)

_____
Profa. Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro (UnB)
(Suplente Externo)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria da Conceição,

amiga e protetora em todos os momentos, merecedora da minha gratidão e do meu afeto, cujo exemplo, de luta e de vida me servem de inspiração, como as histórias contadas à noite na varanda de casa, e que no dia-a-dia me ensinaram a lutar pelos meus sonhos. A maior referência na minha vida e sempre que penso nela me vêm à tona palavras como admiração e orgulho; minha mestra e preceptora na vida, fosse com seus sábios conselhos, nos incentivos aos estudos ou no apoio durante esses dois anos de esforço e dedicação.

A meu pai, José Fagundes de Adahyr,

in memorian, que sempre estará em meu coração e permanecerá vivo em minhas lembranças.

Aos meus irmãos,

Altair e Juraci, por terem me proporcionado uma infância maravilhosa, cheia de brincadeiras, estripulias e pequenos conflitos, e por me presentearem com os meus queridos sobrinhos que são a alegria da minha vida.

Ao meu irmão e amigo Ailton,

pelo incentivo e apoio nos momentos de estudo e de dificuldades e por torcer sempre pelas minhas vitórias.

A professora e orientadora Dulce,

a qual tenho muita admiração, e a quem devo a minha formação universitária, sobretudo, na pesquisa. Pela orientação e inúmeras contribuições, sem as quais este estudo não seria viável. Pelos conselhos, encorajamentos e paciência nos momentos em que mais precisei e por ter me concedido o privilégio de “conhecer” o intelectual Pedro Hispano e o seu regimento de saúde *Líber de Conservanda Sanitate*.

Aos professores Marlon Salomon e Ana Teresa Marques

pelas significativas contribuições.

Ao Dr. Joffre Marcondes Rezende,

pelos ensinamentos que muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço pelos conselhos e pelos esclarecimentos acerca das teorias médicas medievais e, principalmente, por ter “apresentado” a mim as grandes autoridades da medicina: Hipócrates, Galeno e Avicena.

Aos professores Leandro Mendes Rocha,

Armênia Maria de Sousa, Heliane Prudente Nunes, Carlos Oitti, Cristina de Cássia, Fabiana Fredigo pelo convívio e pelas trocas de conhecimento ao longo do curso.

Aos amigos e colegas do CEPAE (UFG) Andréa Delgado, Ataíde Felício, Ségis, Marcelo Henrique e Nelson Júnior,

pelos momentos de estudo e diversão.

Á professora Elizângela Gonçalves Pinheiro,

pela correção do texto e pelas sugestões que contribuíram para uma melhor clareza do trabalho.

Às amigas, Simone, Karina, Renata

pela amizade, incentivo, momentos de descontração e por me mostrarem o lado divertido e companheiro da História.

À Dianina,

amiga de todas as horas, pelas sugestões e encorajamentos nos momentos mais difíceis de minha vida, e pela força, estímulo e companhia nas horas de estudo e de diversão.

À minha amiga Samara,

pelo companheirismo e incentivo nos momentos de angústias no final do curso.

À D. Aura e à Denise

que nestes seis anos tornaram-se minhas amigas e as quais considero como parte de minha família.

A bibliotecária Márcia Queiróz Calil,

pelas contribuições, pelo apoio e companhia nos diversos momentos de procura e investigação.

A CAPES,

pelos 24 meses de bolsa, que possibilitaram a realização deste trabalho.

Ao intelectual e homem do saber Pedro Hispano,

in memorian, por ter devotado a sua vida ao estudo e a busca do conhecimento e por ter contribuído para o enriquecimento da ciência médica medieval.

A Deus,

pela família que tenho e por todos os momentos maravilhosos que tenho tido em minha vida.

Considerando eu, Pedro Hispano, que os diversos padecimentos mórbidos se originam no corpo humano por negligência, encontrei e provei com razão verdadeira algumas observações úteis e experimentadas para conservar a saúde da vida humana, as quais se não encontram no seio da arte da medicina. Uma vez que é melhor preservar a saúde do que lutar com a doença, deve tratar-se da dita doença.

Líber de Conservanda Sanitate

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar a teoria médica medieval e os conselhos dietéticos presentes no regimento de saúde *Líber de Conservanda Sanitate* do físico português Pedro Hispano (1210-1277). Este regimento foi escrito no século XIII momento em que o Ocidente europeu vivenciava a emergência das universidades, a redescoberta e assimilação do aristotelismo proporcionado pelas traduções árabes e também a afirmação da medicina como disciplina do curso superior. Fruto dessas transformações, o *Líber de Conservanda Sanitate* possui uma fundamentação teórico-filosófica baseada na filosofia natural de Aristóteles e nas teorias médicas sobre as *coisas naturais*, *coisas não naturais* e *coisas contra natureza* herdadas da medicina galênica. Trata-se de uma importante fonte de estudo para a compreensão da medicina universitária, pois é rico em preceitos e recomendações sobre a conservação da saúde. Tinha como objetivo orientar a prevenção de doenças mediante a combinação de exercícios, descanso, massagens, banhos e dieta alimentar. Para Pedro Hispano, a saúde resumia-se ao bom funcionamento do estômago e para ser alcançada recomendava-se a importância da moderação na comida e na bebida. Nesse ponto havia concordância entre o discurso médico e o religioso, que condenava o pecado capital da gula.

Palavras-chaves: Medicina medieval, regimentos de saúde, saúde, dietética e alimentação.

ABSTRACT

This research intends to analyze the medieval medical theory and dietary advices described in the health regiment *Líber de Conservanda Sanitate*, by Portuguese physicist Pedro Hispano (1210-1277). The regiment was written in the XIII century, epoch in which the European occident was seeing the emergency of universities, rediscovery and assimilation of Aristotelism provided by Arabic translations and also the affirmation of Medicine as a discipline of university. As a result of these transformations, *Líber de Conservanda Sanitate* is theory-philosophically based on Aristoteles' natural philosophy and on medical theories about natural things, not natural things and things against nature, inherited from Galen Medicine. It is, in fact, an important source for the comprehension of academic Medicine, because it is rich in precepts and recommendations related to the preservation of health. It has the goal of guiding disease prevention by means of combining exercises, rest, massages and baths with a diet. Pedro Hispano summarizes the concept of health as the good operation of the stomach, which could be reached through moderation in food and drink consumption. In this point there was an agreement between medical and religious speeches, as both condemned the capital sin of gluttony.

Key-words: Medieval Medicine, health regiments, health, dietetic, food and drink consumption.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: A teoria humoral 65

Quadro 2: Os cuidados dietéticos ordenados de acordo com a estação do ano 69

Quadro 3: As qualidades inerentes aos alimentos 85

Quadro 4: Estrutura da dieta alimentar apresentada no terceiro opúsculo *Preservação da Saúde* 90

SUMÁRIO

Resumo 8
Abstract 9
Lista de Quadros 10

INTRODUÇÃO 12

Capítulo 1 - MEDICINA UNIVERSITÁRIA E SOCIEDADE: O FÍSICO PEDRO HISPANO 17
1.1 O ensino universitário europeu no século XIII 18
1.2 A disseminação e a assimilação do aristotelismo 30
1.3 Pedro Hispano: o filósofo, o físico e o papa 34

Capítulo 2 - *LÍBER DE CONSERVANDA SANITATE*: A TEORIA E Á PRÁTICA MÉDICA MEDIEVAL 47
2.1 A filosofia natural em Pedro Hispano 48
2.2 As teorias médicas e filosóficas presentes na obra 60
2.3 Estrutura do regimento de saúde 67
2.4 Elementos da dietética medieval 75

Capítulo 3 - SAÚDE E ALIMENTAÇÃO NAS OBRAS DIETÉTICAS 83
3.1 A valorização da dieta alimentar 84
3.2 Elementos de distinção social 89
3.3 O pecado capital da gula 103

CONSIDERAÇÕES FINAIS 110

FONTES IMPRESSAS 113

REFERÊNCIAS 114

APÊNDICE 120

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma pesquisa iniciada na graduação, durante a qual fui bolsista PIBIC/CNPq e tive oportunidade de participar do projeto: *Caminhos Cruzados: Magia e Ciência nos Reinos Ibéricos de Leão, Castela e Portugal (século XIII),* coordenado pela Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos. Nesse período, fiz um levantamento bibliográfico acerca da medicina medieval; pesquisei trabalhos de autores que discutem Pedro Hispano. Para entrar no mestrado, verticalizei minha pesquisa em uma de suas obras, o regimento *Líber de Conservanda Sanitate* produto da medicina universitária do século em estudo. A partir da análise dessa obra, procurei descrever alguns traços característicos da medicina no século XIII. Assim, durante o mestrado, no qual tive a oportunidade de ser bolsista CAPES, dedico-me a um maior aprofundamento de minha análise e, também, a um diálogo com a Historiografia, principalmente no que se refere aos Regimentos de Saúde.

A fonte de pesquisa utilizada neste trabalho é o regimento de saúde *Líber de Conservanda Sanitate* (*Livro sobre a conservação da saúde*) do físico português Pedro Hispano. Trata-se de um intelectual que circulou pelas cúrias régias e pontifícias da sua época. A edição utilizada foi comentada e traduzida por Maria Helena da Rocha Pereira, a partir do manuscrito CLM 615 (*Codex Latinus Monacensis*), guardado na cidade de Munique, na Alemanha. Esta obra médica é constituída de três opúsculos. No primeiro, *Summa de Conservanda Sanitate* (*Suma da Conservação da Saúde*), Pedro Hispano trata da saúde do corpo em geral; no segundo, *De his Conferunt et Nocent* (*Coisas que fazem bem e mal*), aborda a saúde de cada órgão do corpo humano em particular e, por último, no *Qui uult Custodire Sanitatem* (*Preservação da Saúde*), consta várias recomendações para conservar a saúde, entre elas, exercícios, banhos, sono e uma dieta alimentar.

A maioria dos regimentos do período era escrito sob a encomenda de alguns monarcas ou dedicados a uma autoridade como papas, reis, príncipes e nobres. No caso do *Líber de Conservanda Sanitate,* é provável que tenha sido dedicado ao imperador Frederico II de Nápoles e da Sicília (de 1208 a 1250), com quem Pedro Hispano teve boas relações no período em que esteve em Siena **(**1245? a 1250). Não se sabe ao certo o ano em que esta obra foi redigida, mas é provável que tenha sido escrita no período em que Pedro Hispano lecionava medicina no *Studium Generale* desta cidade.

Trata-se de uma obra rica em preceitos e recomendações dietéticas, pertencente ao gênero de texto de medicina preventiva, *os regimentos de saúde,* que, na ciência médica medieval, eram textos destinados às pessoas sãs, recomendando-lhes diversos procedimentos para a manutenção de uma vida saudável. Mas é importante lembrar que a literatura dietética não é algo novo na Idade Média.

A preocupação com a preservação da saúde remonta à medicina antiga e, é nos ensinamentos de autoridades como Hipócrates e Galeno e, posteriormente de árabes como Avicena que os físicos na Baixa Idade Média foram buscar subsídios para redigir suas obras. Embora a indicação de dietas e conselhos higiênicos já tivessem sido preocupações desde a Antiguidade, é no século XIII que temos todos princípios da dietética condensados num gênero próprio: os regimentos de saúde.

Herdeiros da tradição greco-árabe, os regimentos aparecem na segunda metade do século XIII, sendo escritos principalmente em latim, o que passa a mudar a partir da segunda metade do século XIV, quando começaram a ser traduzidos nas línguas vulgares. Eram escritos em prosa como o *Líber de Conservanda Sanitate*, mas em alguns casos em versos, como o *Regime Sanitate Salernitarum*, também conhecido como a Flor da Medicina, o mais popular livro da história médica medieval.

As obras médicas de Pedro Hispano constituem-se em fontes que têm sido pouco estudadas e sua análise permitirá abrir novos caminhos para esclarecer melhor a teoria e a

prática médica medieval e, também, compreender como os físicos assimilaram o saber dos mestres filósofos e físicos antigos como Aristóteles, Hipocrates e Galeno. Assim, estudar o *Líber de Conservanda Sanitate* representa possibilidades de realizar pesquisa de caráter inédito e de grande importância não apenas para se compreender a medicina européia no século XIII (tema pouco trabalhado pela historiografia), mas também, porque amplia a área de conhecimento da produção histórica no Brasil no que diz respeito à Idade Média.

Esta pesquisa tem por objetivo a análise da teoria médica medieval, mediante o estudo do regimento de saúde *Líber de Conservanda Sanitate*, a partir do qual busca-se compreender a sua fundamentação teórico-filosófica baseada, sobretudo na filosofia natural aristotélica e, também, identificar as medidas higiênicas ou dietéticas mais indicadas no século XIII. Além disso, este estudo permitirá a compreensão da relação entre a medicina e a sociedade, uma vez que poderá revelar muito sobre o caráter prático e preventivo da ciência médica medieval. Assim, ao investigar a interação existente entre essa nova medicina universitária e a sociedade da época, poderemos identificar o exercício de funções sociais desempenhadas pelos físicos treinados nas universidades.

Este trabalho desenvolve-se no sentido de realizar diálogos com historiadores que se ocupam com a ciência médica na Idade Média, e de analisar o documento *Líber de Conservanda Sanitate*, procurando compreender a estrutura da obra e sua fundamentação teórica, as principais *auctoritates* utilizadas, bem como os conselhos dietéticos mais recomendados pelo autor.

O século XIII costuma ser chamado o século das universidades. No entanto, o termo universidade não tinha, nesse período, o sentido atual. Na verdade, eram centros de estudos ou corporações nos quais mestres e alunos organizavam-se para dedicar-se ao estudo de certas disciplinas. A palavra universidade só passou a ter a acepção atual com normas de admissão, regras para avaliação do aproveitamento letivo, diplomas e licenças, a partir do século XIV (Oliveira, 1981). Nesse sentido, é preferível, então, adotar a designação se

Studium Generale (*Estudos Gerais*). Mesmo assim, quando a palavra universidade for utilizada neste trabalho, será com o mesmo significado de Estudos Gerais, ou seja, estará se referindo à comunidades de mestres e alunos para assegurar o ensino de um determinado número de disciplinas do ensino superior.

A concepção de saúde de Pedro Hispano está intimamente relacionada à filosofia natural de Aristóteles. Esse caráter natural atribuído à saúde tem sua origem na palavra *physis* que para os gregos antigos correspondia à natureza interna e externa dos seres vivos. É a partir deste conceito, aristotélico, que surgirão as teorias sustentadoras da ciência médica medieval. Vale ressaltar que a Física era conhecida como a ciência da natureza. Assim, aqueles que se dedicavam à medicina eram os especialistas da natureza e por isso chamados de físicos (*physicis*). O emprego desse termo, compreendido como o especialista da arte de manter a saúde e também de prevenir e curar as doenças será utilizado ao longo deste trabalho.

Esta pesquisa foi composta em três capítulos. No primeiro, intitulado "Medicina Universitária e Sociedade: o físico Pedro Hispano", procuro mapear o contexto europeu das universidades, ambiente este marcado pelos vínculos com as tradições intelectuais greco-árabes que serviram como alicerce para a fundamentação teórica dos escritos do período. Será estudado ainda como se deu nas universidades a recepção e interpretação das obras aristotélicas, bem como a conciliação destas com a doutrina cristã. Por último, teço uma análise sobre a vida do físico português Pedro Hispano, indicando os dados conhecidos de sua biografia e conferindo destaque especial à importante contribuição de suas obras para a medicina medieval.

No segundo capítulo, que tem como título "*Líber Conservanda Sanitate*: a teoria e a prática médica medieval", analiso a fundamentação teórico-filosófica deste regimento de saúde, baseado na filosofia natural de Aristóteles e nas teorias sobre as *coisas naturais*, as *não-naturais* e *as contra a natureza*, assim como, as principais autoridades e conceitos utilizados por Pedro Hispano em sua obra.

No último capítulo, intitulado “Saúde e alimentação nas obras dietéticas”, dedico-me ao estudo dos vários aspectos a serem abordados em relação aos alimentos e as bebidas na Idade Média. Assim, observo primeiramente a íntima relação entre a ingestão dos alimentos e a manutenção da saúde, e em seguida, a alimentação sob a perspectiva de distinção social. Nessa parte do capítulo, a análise do relato da Cocanha é importante porque nele estão contidas representações acerca das práticas alimentares no século XIII. E a sua leitura complementa, de certa forma, as informações sobre a alimentação presentes na dieta alimentar indicada no *Líber de Conservanda Sanitate*. Percebe-se, ao analisar o documento que um dos traços característicos dessas obras é o conselho sobre a moderação no comer e no beber. Nesse sentido, faço uma análise na última parte deste capítulo, da relação existente entre o discurso médico e religioso sobre a condenação do pecado capital da gula.

CAPÍTULO 1

MEDICINA UNIVERSITÁRIA E SOCIEDADE:

O PAPEL SOCIAL DOS FÍSICOS MEDIEVAIS

> João XXI, Hispano de origem, natural de Lisboa, anteriormente chamado Pedro, de Bispo de Túsculo foi elevado a Pontífice. Ele era julgado digno dos maiores encômios, não tanto pela sua exímia sabedoria nas belas letras, como ainda pela sua benevolência para com os jovens letrados. Pois fazia muito bem, especialmente aos que eram pobres, ajudando-os com benefícios eclesiásticos e com dinheiro.
>
> Guilherme Adolfo Escribórnio

Este capítulo está dividido em três partes. Na primeira, dedico-me à análise do ensino, dos programas e dos métodos de estudo nas primeiras universidades (*Studium Generale*), locais de formação e de trabalho de Pedro Hispano, para assim mapear o contexto intelectual e compreender a função social desempenhada pelos físicos formados pelas faculdades de medicina do período. Nesse sentido, analiso as relações entre este saber médico, oriundo desses centros intelectuais e a sociedade, ou seja, trata-se de detectar a presença e o impacto social dessa nova medicina mediante a análise da atuação e receptividade dos profissionais formados por estas instituições.

Na segunda parte, analiso a renovação do saber no Ocidente europeu com a entrada dos trabalhos de Aristóteles, sobretudo, os da filosofia natural e também como se deu a disseminação bem como a interpretação dessas obras no ensino universitário no século XIII.

É neste capítulo também que será analisada a vida do físico Pedro Hispano, enfocando inicialmente os seus dados biográficos, a sua formação intelectual para assim

compreender sua atuação nos principais centros de saber no século XIII, seja como físico, mestre em medicina, conselheiro na corte portuguesa e também sua carreira eclesiástica.

1.1 O ensino universitário no século XIII

O ensino universitário exerceu um importante papel para o desenvolvimento da Ciência Ocidental. Essas instituições destacaram-se ainda como locais de preservação dos registros e do conhecimento. De fato, as universidades européias absorviam e expandiam o grande volume de novos conhecimentos greco-árabes e assim, tornaram-se instrumentos diretos para moldar e disseminar a herança intelectual para novas gerações. Por isso, é necessário compreender o contexto em que essas instituições emergiram e descrever a estrutura e o funcionamento do seu ensino**.**

Até o século XI, era nas escolas monásticas que se concentrava o saber, cujo ensino ficava subordinado ao bispo da cidade, sendo que tanto os alunos quanto os professores eram clérigos. No século XII, multiplicaram-se essas escolas catedrais especializadas no ensino das Artes Liberais e de Teologia. Havia também escolas particulares onde mestres se instalavam para dar aulas aqueles que se dispusessem a pagar pelos seus ensinamentos.

Em Portugal, havia as escolas episcopais como a de Braga e a de Lisboa, abertas por iniciativas dos bispos respectivos dessas cidades. Além dessas, existiam as escolas paroquiais como a de Coimbra e a de Alcobaça, composta por membros da ordem religiosa cisterciense. O ensino ministrado nesses locais apresentava um caráter básico e elementar em que se ensinava a leitura, a Gramática e a Lógica e também, a Teologia, disciplinas, geralmente, freqüentadas por estudantes religiosos (SERRÃO, 1971).

No século XIII, houve uma renovação do ensino com a emergência das universidades em diversas cidades européias, como a de Paris (1200), Oxford (1206), Nápoles

(1220), Pádua (1228), Cambridge (1229), Salamanca (1243), Siena (1240), Lisboa (1290) (Oliveira, 1981). Um primeiro aspecto, para se compreender o surgimento desses centros de ensino, é a transformação da sociedade e a vida intelectual que ocorreu na Europa Ocidental a partir do século XII. Assim, o processo de urbanização com o qual a cidade passou a ser um importante pólo econômico, político, religioso e cultural do continente europeu, forneceu condições para a emergência das universidades.

Com esse crescimento urbano, juntamente com as novas necessidades dos príncipes e da Igreja, tornou-se necessária a atuação de profissionais que auxiliassem diversos setores da cidade, como os médicos, os juristas e os teólogos. Esse fato, gerou um aumento do número de empregos para os graduandos provenientes desses centros de ensino. Soma-se a isso, o importante apoio recebido pelas universidades dos poderes superiores eclesiásticos e laicos. Além disso, uma outra contribuição para a emergência dessas instituições foi a renovação do saber ocorrida nos anos posteriores a 1200, a partir do contato e assimilação dos trabalhos de Aristóteles e seus comentadores árabes como Avicena e Averróes (VERGER, 1995).

No início do século XIII, o termo universidade não apresentava o sentido atual. Era utilizado referindo-se às associações ou centros de estudo onde mestres e estudantes se reuniam para estudar certas disciplinas. Inicialmente, apesar de muitas corporações terem usado o termo universidade com idéia de instituições superiores de ensino, ele era aplicado mais com o sentido de designar o grêmio que formou uma associação reconhecida e de governo autônomo. Nesse sentido, a faculdade de Artes era uma universidade, ou seja, uma corporação, assim como a faculdade de Medicina, de Teologia e de Direito. Eram, na verdade, organizações de mestres e estudantes que moravam próximos, formando verdadeiras comunidades e corporações de vida e estudo.

Muitos mestres e estudantes eram estrangeiros nas cidades em que ensinavam e estudavam, e atuando individualmente não tinham os mesmos direitos e privilégios daqueles que estavam unidos em uma associação. Era preciso receber o apoio das autoridades políticas

e religiosas com quem tinham que negociar as condições de ensino. Assim, os mestres em Paris e outras partes viam vantagens em associar-se e usar as universidades de ofícios como um modelo para a base e suas organizações na cidade (Grant, 1996).

Assim, era comum na metade do século XIII, o emprego de termos como universidades ou associações universitárias e studium generale. Cada mestre e estudante não era somente um membro de própria universidade ou corporação, mas também do studium (GRANT, 1996). O termo era normalmente usado para nomear as escolas que eram prestigiosas, como as universidades de Paris, Oxford, Bolonha. A maior vantagem para uma escola designada studium generale eram o diploma de graduação conferido aos estudantes, a licentia docendi para ensinar em qualquer lugar e o conhecimento em Latim. Na prática, no entanto, era mais o próprio prestígio do studium que validava a graduação de ensino em qualquer lugar.

Como entidade corporativa, as várias associações medievais reservavam importantes privilégios monopolistas. Assim, as universidades eram sem exceção, recebedoras de tratamento especial da Igreja e das autoridades seculares, que procuravam encorajar seu crescimento. Cada faculdade tinha sua jurisdição sobre á área ocupada. Por essa razão tinham o direito de julgar a qualidade de ensino dos professores e estudantes que se uniam em uma corporação.

A universidade, englobando faculdades e estudantes, tinha um importante papel como fornecedora de privilégios e os seus integrantes tinham certos direitos. Para Grant (1996), o mais importante era o *status* clerical que conferia aos mestres e estudantes privilégios de clérigo. Por exemplo, atacar um estudante ou mestre que estava viajando era o mesmo que atacar um sacerdote e estava sujeito a severas penalidades.

Além disso, esse *status* também concedia aos estudantes, suspensos pelas autoridades civis, uma investigação em cortes eclesiásticas, que nesses casos eram mais brandas que na área civil. Isso também permitia ao estudante e seus mestres receberem os benefícios da Igreja e desfrutar desses frutos enquanto seguiam regularmente as atividades

universitárias. Em acréscimo a esse prestígio individual, outro importante direito concedido aos universitários era a possibilidade de suspender as leituras e ainda para partir das cidades quando alguns de seus direitos fossem violados.

Foi o que aconteceu em Paris, em 1229, quando numa taverna do bairro de Saint-Marcel, houve um conflito entre sargentos e estudantes sendo que estes últimos acabaram se ferindo. A universidade entrou em greve, uma vez que pediu providências às autoridades (o regente e o bispo), mas seus pedidos não foram atendidos. Com isso, mestres e escolares deixaram a cidade de Paris numa dispersão voluntária pela duração de seis anos. Foi necessária a intervenção de Gregório IX, papa no período de 1227 a 1241, que mostrou a importância dos "universitários" para a cidade de Paris. Além disso, enfatizou que aqueles que estavam ligados às universidades eram beneficiados com a proteção pontifical. Assim, depois de dois anos de negociação, foi firmado um acordo permitindo a volta dos exilados (VERGER, 2001). Percebe-se assim, que a greve era uma importante arma contra a direção da universidade e das cidades em que as universidades estavam localizadas. Além disso, representava um direito reconhecido pelo papado, inclusive estava inscrita nos estatutos da universidade.

No dia 13 de abril de 1231, o papa Gregório IX, num ato de solenidade para firmar este acordo, proclamou sua bula *Parens scientiarum*. Este documento, conhecido como a "Grande Carta" da universidade passa a ser utilizado como fundamento canônico da autonomia universitária. Trata-se de um elogio à Universidade de Paris:

> Paris, mãe das ciências [*parens scientiarum*], brilha, cara a nossos corações, como uma segunda Cariath Sapher, a cidade das letras; certamente grande, ela faz que esperemos delas coisas maiores ainda... É ali que se extrai da terra o mineral de ferro e que, enquanto é solidificada a fragilidade terrestre, ele se torna escudo da fé, o gládio espiritual e todo o resto da armadura da milícia cristã, poderosa diante das potências aéreas; e a pedra fundida pelo calor se transforma em bronze porque estes corações de pedra, enquanto queimados pelo fogo do Espírito Santo, lançam chamas e tornam-se, pela pregação, os arautos ecoantes da louvação do Cristo (GREGÓRIO IX. *Parens scientiarum.* Apud: VERGER, 2001, p. 203).

Isto nos leva de volta a questão do *status* das pessoas que estavam ligados à universidade e mais especificamente ao papel dos mestres. Estes controlavam o *curriculum*, os exames, a admissão de novos mestres, e concediam o grau de bacharel e mestre de artes. Além disso, podiam criar estatutos, eleger oficiais, incluindo um representante deles. Com o grêmio de professores, eles decidiam o que era ensinado e qual deveria ser o método de ensino. Por exemplo, os mestres de medicina decidiam o que era a medicina e quais eram as grandes autoridades nessa área (FRENCH, 2000).

A universidade surge com um caráter marcadamente "internacional", ou melhor, universal: tanto pelos alunos e professores provindos de diversas regiões e países quanto pelo saber que era o mesmo. E também porque nos vários centros de ensino europeus, o conhecimento era uniformemente extraído de uma dupla fonte: da ciência antiga enriquecida pelos árabes e da Revelação cristã. Além disso, esse saber era ensinado em uma língua universal (o latim) e apoiado pelas mesmas autoridades Prisciano, Aristóteles, Galeno, o *Corpus iuris civilis*, a Bíblia, as sentenças de Pedro Lombardo. Ao mesmo tempo, as universidades estavam ligadas ao poder universal: o papado. Era o papa que confirmava os seus privilégios, era em seu nome que a chancelaria conferia a licença, era ele que protegia os mestres e estudantes contra abusos das autoridades locais, laica ou eclesiásticas. Além disso, a designação "*universitas*" sugeria a tentativa de organizar e trabalhar a universalidade do conhecimento humano (ALESSO, 2002).

Após a análise da emergência das universidades é importante conhecer seu funcionamento, familiarizar-se com os seus métodos de ensino e o sistema de exames. Com esse objetivo será analisada a forma de ensino utilizada na faculdade de Artes de Paris, porque, primeiramente, existem pontos em comum entre o ensino nesse curso e as demais faculdades superiores, como o próprio método que é o mesmo em ambas. Além disso, era nessa faculdade que os estudantes dos cursos superiores começaram suas trajetórias de estudo.

O programa de estudo da faculdade de Artes baseava-se nas disciplinas do *trivium* e do *quadrivium*. As artes liberais constituem-se na base de ensino da cultura medieval. Sua definição sistemática remonta-se a Marciano Capella (séc. IV-V), enquanto a distinção entre o T*rivium* e o *Quadrivium* foi introduzida por Severiano Boecio (séc. V-VI) e Isidoro de Sevilha (séc. VI-VII). Com a formação das universidades, as sete artes liberais passam a ser matéria de ensino básico para cursar uma das faculdades superiores**.** Na primeira, distinguiam as três artes das palavras e dos signos (Gramática, Retórica e a Dialética) e, já, a segunda era constituída pela Aritmética, Música, Astronomia e Geometria. Por intermédio, dos estudos literários, os estudantes adquiriam a elegância para escrever e aprendiam também as regras e procedimentos para falar em público (QUEIROZ, 1999).

Mas no século XIII, a filosofia aristotélica (*Física* e a *Metafísica*) bem como alguns de seus comentários passaram a integrar o currículo das faculdades. Baseado essencialmente no estudo e assimilação de uma autoridade escrita, o ensino universitário repousava sobre os livros que podiam ser acompanhados, seja sob a forma de glosas, seja em volumes separados, de comentários e de leituras feitas pelos antigos ou pelos árabes, ou pelos próprios mestres parisienses dos séculos XII e XIII.

A universidade e a escolástica estão ligadas uma à outra: a primeira é o corpo constituído pelos mestres e estudantes enquanto a segunda é o ensino proporcionado pela universidade. Na definição de Alesso (2000), o termo escolástica designa o magistério de um corpo profissional que se apóia sobre o estatuto sancionado pelo papa e que se compõem de mestres encarregados de comentar textos consagrados que têm autoridade. Ela é a detentora do saber adquirido das suas fontes.

A escolástica caracterizava-se pelo ensino oral e com uso exclusivo do latim e também pela longa duração dos estudos com custo muito elevado. Como vimos, na prática, o ensino consistia em explicar e comentar os autores, ou seja, os textos considerados “autoridades” em determinados assuntos, famosos por contar o saber sobre o qual todo o

conhecimento deveria basear-se (LE GOFF, 2003). Saber este, que repousava em um determinado número de textos de autoridades herdadas da Antiguidade e também nos escritos (*comentários)* dos grandes mestres do século XII e XIII que podem ser compreendidos como um anseio por parte desses físicos de preencher lacunas no reconhecimento dessas *auctoritates.*

Assim, pode-se afirmar que a escolástica tem como tarefa específica o comentário de textos consagrados que possuem uma autoria defendida. Ela se sustenta nos textos recebidos do saber, originalmente grego e árabe, que deviam ser analisados gramaticalmente a fim de detectar o seu sentido preciso, e então, finalmente eram discutidos, localizando-os em relação a um conjunto de doutrinas para, em seguida, retirar-lhe os ensinamentos. Num primeiro momento, eram comentados as obras das *auctoritates* e depois passam a comentar os próprios textos produzidos no interior da universidade.

O que fornece a unidade da escolástica é a maneira de proceder, ou seja, o método de ensino e estudo empregado nas universidades e que tornou-se o principal instrumento teórico dos estudantes e professores. O método escolástico passa por quatro momentos: primeiro vem a leitura de um texto (a l*ectio*); depois vem a colocação de um problema (a *quaestio*); em terceiro vem a discussão e o debate em torno da questão (a *disputatio*), que constitui o ponto alto de todo o método; por último, vinha a solução do problema (a *determinatio*), fruto de uma decisão intelectual do mestre (VERGER, 2001).

Para introduzir a medicina como uma disciplina universitária, era necessário adotar métodos de ensino que já estavam sendo usados pelas faculdades. Assim, seus mestres, como os do curso de artes, recorriam à leitura de textos fragmentando-os em pontos ou partes de frases para serem submetidas às explicações e à discussão. O programa do curso de medicina era definido por uma lista de textos, de origem grega e árabe. Primeirament, o aluno ouviria a explicação literária (*lectio*) feita pelos mestres. Em seguida, era solicitado a *quaestio* com o objetivo de confrontar a opinião do autor às opiniões dos outros e resolver argumentos

contraditórios. O ensino médico recorria também a *disputatio*, exercício pelo qual mestres ou estudantes apresentavam argumentos contraditórios em relação a um assunto que lhes era lançado. As questões envolviam várias áreas de estudo como os fundamentos da fisiologia e da patologia, da filosofia natural, as *coisas naturais, não naturais* e *contra a natureza*, bem como o efeito de alguns medicamentos.

Para compreender o método da questão, Jacquart (1995), apresenta o texto *Quodlibet* de Jacques de Plaisance apresentado em Bolonha nos anos de 1320 e que continha 10 questões, sendo nove sobre teoria e uma versando sobre a prática. As primeiras são direcionadas às *coisas naturais*. Por exemplo: a virtude da nutrição é essencialmente a mesma que a virtude do crescimento? Sobre as *não naturais* temos: pode o ar temperar o calor do nosso corpo? os corpos celestes podem ser a causa de uma crise aqui na terra? Depois vinham as questões sobre as coisas *contra a natureza*: a febre sistina existe? o ressecamento do fígado é mais difícil de desaparecer que sua umidade? E por último uma questão prática: devemos sangrar no início de um inchaço sanguíneo?

Essas questões refletem os debates científicos, vivenciados no ensino médico século XIII e serviam como exercícios escolares destinados a levar o estudante a utilizar a argumentação lógica e a se lembrar dos conhecimentos fundamentais adquiridos, sobretudo nos princípios galênicos e a filosofia natural de Aristóteles. Era com base nesse saber que os mestres procuravam justificar caráter científico da medicina universitária. Além disso, ao discutir as obras dessas a*uctoritates* e os comentários árabes, os mestres forneciam ao aluno o conhecimento necessário para que pudesse estabelecer o diagnóstico e a descrição de doenças, bem como a compreensão de suas causas, os seus sintomas e tratamentos. Assim, o que o estudo alcançava na sala era a habilidade para confrontar situações particulares da prática médica por meio do conhecimento baseado na interpretação das autoridades.

No que se refere ao ensino universitário, percebe-se que o conhecimento fornecido era essencialmente teórico, apoiado sobre a Filosofia de Aristóteles e outras

autoridades como Galeno[1] e Avicena. O *Líber de Conservanda Sanitat*e apresenta, no decorrer do texto, constantes referências a autores e suas teorias médicas e a textos filosóficos e médicos gregos clássicos, árabes, judeus, tais como João Damasceno[2], Platão[3], Avicena, Isaac[4], Galeno, a *Techne*[5] e o *Regimen Sanitatis Salernitarum*.

Sobre este último, sabe-se que ele é um conjunto de regras e conselhos de higiene e regime de vida. De autoria desconhecida, foi escrito originalmente em latim durante o século XII e em verso rimado para que pudesse facilmente ser memorizado. É a esse poema didático, composto inicialmente com 269 versos que estava ligada em grande parte a fama da escola de Salerno. Esta obra consta de 10 secções: Higiene, Drogas, Anatomia, Fisiologia, Etiologia, Semiologia, Patologia, Terapêutica, classificação das doenças e prática da Medicina e, a terminar, um Epílogo (SOUSA, 1996).

Pedro Hispano conhecia, assim, as principais obras e autoridades que influenciavam a ciência médica no século XIII. De todos eles, é principalmente em Galeno que ele buscará subsídios para sustentar suas teorias. Há citações de várias doutrinas galênicas ao longo dos três opúsculos da obra analisada. Há dez referências a essa autoridade e é citada uma de suas obras: a *Techne*. Sabe-se que a medicina hipocrática foi sintetizada e aprofundada por Galeno (130 – d.C.), natural de Pérgamo, na Ásia menor, e que adquiriu renome em Roma por seus conhecimentos, chegando a ser médico do imperador romano Marco Aurélio (121 – 180 d. C.). Seus textos[6] formam a síntese do conhecimento médico no

---

[1] O físico Galeno nasceu em Pérgamo, a capital da Mysia na Ásia menor. Em Pérgamo foi físico e cirurgião dos gladiadores. Supervisionava suas dietas e tratava de seus ferimentos. Em 164 a.C. foi para Roma onde tornou-se o médico do imperador Marco Aurélio.

[2] Mesue (777 – 857 d.C.), médico árabe conhecido no ocidente por João damasceno. Traduziu obras de medicina de Hipocrates e de Galeno do grego para o árabe. Escreveu um tratado sobre doenças dos olhos e foi também autor de várias obras em ginecologia e dietética (Sousa, 1996, p.158).

[3] Platão (427 – 347 a.C.), filósofo e matemático que considerava o corpo um instrumento da alma, o meio que se torna possível as suas funções (Sousa, 1996, p. 119).

[4] Isaac (832 – 932 d.C.), médico e filósofo judeu nascido no Egito cujos múltiplos tratados (das urinas, das febres, das dietas, etc) revelam uma orientação clínica, curativa ou preventiva (Verger, 2001, p.142).

[5] *Tecne* é um compêndio (um resumo) de livros galênicos. Inclusive, há um comentário de Pedro Hispano a essa obra que é conhecida também em latim como *Ars Parva*.

[6] Entre o vasto conjunto de suas obras temos: *Sobre as seitas, Comentários a Hipócrates, Sobre a medicina empírica, Método terapêutico...*

mundo antigo e caracterizam-se pela apropriação e condensação de elementos de correntes médicas diversas (SOUSA, 1996).

Outra autoridade presente no *Líber de Conservanda Sanitate* é o árabe Avicena (980-1037 d. C.), natural da Pérsia. Foi médico, astrônomo, matemático e enciclopedista. Pedro Hispano recorre a seus ensinamentos, principalmente quando prescreve um conselho prático, como por exemplo, ao indicar o uso de ventosa para fazer a sangria ou ainda quando recomenda evitar o excesso de alimentos.

Ao discutir as contribuições gregas para a medicina medieval, deve-se destacar a importância dos árabes que, além de contribuir com seus textos foram responsáveis pela transmissão dos conhecimentos gregos para o Ocidente cristão por intermédio das suas traduções que podiam ser feitas por uma pessoa sozinha ou na maioria das vezes em equipe.

Essa transmissão deu-se no ocidente, em dois principais centros: o sul da Itália e na Espanha. Foi pela via italiana que o Ocidente fez os primeiros contatos com o conhecimento grego por meio dos árabes. O sul da Itália ocupava um lugar privilegiado, pois era uma espécie de encruzilhada com as tradições culturais gregas, os árabes e a cultura cristã latina. Os principais focos de tradução na Itália eram a Sicília, especialmente a corte de Palermo e as cidades marítimas de Pisa e Veneza (SOTRÉS, 1995).

Outro grande foco foi a Espanha cujo principal centro de tradução foi Toledo. Esta cidade era o local onde podia se entrar em contato com a filosofia a ciência da natureza. Seu principal tradutor foi Gerardo de Cremona. Como nessas cidades não havia grandes centros de ensino, essas traduções eram divulgadas em todo o Ocidente. Nesse trabalho, tanto de tradução quanto da divulgação desses textos traduzidos, destaca-se a atuação dos financiadores, sobretudo os reis como no caso da Espanha com a importante contribuição exercida por D. Alfonso X com sua Escola de tradutores de Toledo. Assim, foi a Espanha e o sul da Itália com suas escolas de tradutores que legaram ao Ocidente as conquistas da medicina greco-árabica.

Com tudo isso, foi nas universidades do século XIII que se desenvolveu a vida intelectual e científica da Europa, foi aí que se cultivou a ciência filosófica e teológica, a Medicina e o estudo do Direito romano e canônico. Foi justamente neste espaço universitário, que se fez a recepção e a interpretação das obras de diversos pensadores mais antigos, os filósofos gregos, em cujo centro estavam os diversos livros de Aristóteles.

É importante questionar a real importância social da medicina universitária nesse período. Em que medida ela foi capaz de dirigir-se aos anseios dos homens da época? Havia, de fato, alguma efetividade prática nessa medicina que a elevava à categoria de disciplina academicamente importante? Qual o papel desempenhado pelos físicos desse período?

A medicina medieval caracterizava-se por um saber teórico, direcionado para a intervenção, que tem por intento a cura do paciente, o controle da moléstia, o qual, no século XIII, só podia ser empreendido a partir de um diálogo com as autoridades. Assim, o aluno da faculdade de medicina debruçava-se sobre as várias obra das *auctoritates* de onde retirava subsídios e exemplos para dar forma e sustentar seus discursos. Esse saber acumulado orientaria seu pensamento e sua prática médica no futuro, garantindo um nível de racionalidade à medicina universitária que é todo o núcleo da renovação médica do período (GARCIA-BALLESTER, 1994).

No século XIII, temos a atuação dos intelectuais que podem ser definidos como pensador por profissão, científico, sábio e também professor. Ou seja, é o estudioso que faz do pensar e do ensinar o conhecimento, uma profissão. Nas palavras de Le Goff (2003), os intelectuais são os profissionais urbanos que devem a suas formações às universidades que os dotavam dos conhecimentos necessários para que tivessem acesso ao poder através do exercício de suas profissões. Eles são, antes de tudo, fiéis servidores da Igreja e do Estado. A novidade desse trabalho intelectual é que ele é definido pela união entre o estudo e o ensino restrito agora ao espaço urbano e não mais ao mundo monástico. Além disso, era em relação a sua profissionalização que se distinguiam do restante da sociedade, uma vez que a

competência intelectual, comprovada pelo diploma, permitia aos estudantes, o exercício de suas funções sociais.

Segundo Verger (1999), no final da Idade Média, há uma crescente atuação dos “homens de saber”, detentores de valores culturais que lhes permitiam o exercício de profissões, a participação no poder e, até mesmo, uma atividade erudita. Para a sua formação, um importante contributo foi o ensino universitário que os dotava do conhecimento necessário para exercer uma profissão, possibilitando-lhes o desembaraço social para que se tornassem também, politicamente úteis. A universidade fornecia aos que a freqüentavam uma visão de mundo adquirida pela filosofia natural de Aristóteles e, transmitida pelos árabes, assim como a arte de analisar minuciosamente os textos, envolvendo várias etapas que iam desde a exposição do texto, aos comentários e às discussões.

O ensino da medicina universitária recebeu um reconhecimento social por duas razões. Primeiramente, os médicos formados foram bem sucedidos ao conseguirem o apoio dos mais poderosos e influentes grupos na sociedade, seja em cortes régias ou eclesiásticas. A segunda razão, e mais importante, todo o saber médico descansou sobre o conhecimento da teoria fornecida pelas autoridades, era considerada pelos mestres como verdadeira. Foram com base nesses dados que os físicos ganharam a legitimidade social e atraíam os clientes (BOYLE, 1994).

Além disso, ao cursar uma das faculdades (Artes, Direito, Teologia e Medicina) o estudante tinha a possibilidade de adquirir *status*, condições materiais e também a prática efetiva de uma profissão. Percebe-se assim, que as “universidades”, mediante seus diplomas, representavam um meio de ascensão social. Os graduados, provenientes destas instituições, gozavam de grande prestígio junto a vários setores da sociedade. Esses centros de saber vão formando um número crescente de secretários letrados, mestres, pregadores, médicos e juristas que alcançavam as posições sociais mais prestigiosas, tanto a serviço de particulares como médicos como no alto clero ou no serviço reais, auxiliando-os na administração e na justiça (VERGER, 1999).

É o caso de Pedro Hispano que exerceu vários e importantes cargos, seja como mestre de medicina ou deão da Sé de Lisboa. Ele esteve próximo do poder quando era conselheiro do rei D. Afonso XIII e ascendeu ao próprio exercício do poder ao alcançar o mais alto cargo da hierarquia eclesiástica, tornando-se papa em 1276. É nesse sentido que Verger (1999) afirma que no século XIII inicia-se o período de doutores, teólogos e legistas. Percebe-se que ser formado em um dos cursos superiores significava ter acesso à bagagem intelectual e à competência necessária para que esses intelectuais se apoderassem de altos cargos junto às principais autoridades eclesiásticas ou seculares das cidades.

1.2 A disseminação e a assimilação do aristotelismo

Em 1277, o ensino universitário em Paris viveu um clima muito tenso causado pela condenação de 219 teses averroístas consideradas pelo bispo de Paris, Étienne Tempier[7], perigosas por colocar em risco a fé. É nesse contexto, do difícil equilíbrio entre a fé e a razão, que Pedro Hispano na função de sumo pontífice fez redigir a bula *Flumen Aquae* Vivae *(Rio de Água Viva)* datada de 28 de abril de 1277 e escrita por Berardo de Nápoles, notário da chancelaria pontifícia, desde Urbano IV cujo pontificado foi de 1265 a 1268, até a morte do papa Honório IV em 1287 (Ferreira, 1954). Esta bula foi enviada ao bispo Étienne Tempier querendo um esclarecimento a cerca desse conflito que estava ligado à Universidade de Paris. Pode-se supor que a condenação feita pelo bispo não tenha agradado ao papa João XXI cuja formação esteve ligada a este centro de ensino, ou ainda, porque a discussão e a eventual reprovação das ditas teses devessem caber ao sumo pontífice. Além disso, é provável que

[7] Étienne Tempier, nascido em Orleans, tornou-se cânone de Notre Dame e em 1263, chanceler da universidade e em 1268 tornou-se bispo de Paris. Na briga das faculdades, ele era um adversário do partido averroísta e teve um papel central na condenação das teses retiradas dos comentários do árabe Averroés sobre as obras de filosofia natural de Aristóteles**.** É neste contexto que foi redigida a bula *Flumen Aquae Vivae*.

Pedro, enquanto papa João XXI, se sentisse no direito de questionar pelo fato de estar familiarizado com os problemas referentes ao ensino na universidade, principalmente se houvesse algo que comprometesse a fé cristã**.**

Para compreender esse conflito é necessário, primeiramente, saber como se deu a disseminação e assimilação da filosofia natural de Aristóteles[8] nos centros de ensino europeus a partir do século XII. Essa problemática fica mais clara quando ao analisar algumas das doutrinas ensinadas por Aristóteles (a eternidade do mundo), percebe-se que elas parecem nitidamente contrárias às verdades da religião revelada e até mesmo a concepção de Deus criador. Isso nos leva a questionar como o cristianismo respondeu a essa literatura que não lhes era familiar e que tinha possibilidade de criar problemas sobre a fé? Havia possibilidade de um equilíbrio entre a fé e a razão?

A introdução dos trabalhos de Aristóteles dentro da língua latina e a subseqüente disseminação e assimilação de suas obras, sobretudo os referentes à filosofia natural (a Física e a Metafísica) transformou a vida intelectual no Ocidente europeu. Com a redescoberta e tradução desses textos do grego para o árabe, o ensino foi profundamente reformulado. Para compreender o impacto de Aristóteles no ensino universitário, é só observar a enorme quantidade de comentários dos seus trabalhos feitos pelos árabes durante os séculos IX e XIII. Apesar dos trabalhos de Aristóteles darem forma a percepção medieval de mundo, muitos dos comentários sobre suas obras também modelaram os julgamentos nesse período. Esse compacto das idéias de Aristóteles e suas interpretações influenciaram a compreensão da filosofia natural na Idade Média.

Em geral, a filosofia medieval nos é apresentada como inteiramente dominada pela autoridade de Aristóteles, uma vez que foi o único filósofo grego cujas obras chegaram

---

[8] Aristóteles nasceu em Estagira (Trácia) em 384 a.C. e era filho do médico pessoal do rei da Macedônia Amintas III (o pai de Felipe II). Em 373 Aristóteles foi nomeado preceptor do príncipe Alexandre. Foi filósofo, astrônomo, físico e biologista. Do vasto *corpus aristotelicum* a parte de maior interesse à medicina é o conjunto de textos sobre sua filosofia natural (*Física* e a *Metafísica*).

em grande número. Por isso, ao mesmo tempo, é fonte de estudo para os mestres como também objeto do ensino já que é discutido e comentado no ensino universitário (KOYRÉ, 1982).

No entanto, é importante lembrar que o "aristotelismo na Idade Média não é o mesmo de Aristóteles" (KOYRÉ, 1982, p. 34). Trata-se do olhar dos autores desse período sobre os ensinamentos presentes em suas obras. Não podemos nos esquecer que é um momento histórico diferente. Deste modo, o Aristóteles que chega aos centros de ensino europeus como representante da ciência e do saber científico é na verdade uma leitura árabe presente nas traduções e nos comentários como os de Avicena[9] e Averroés[10]. Utilizando essas origens os mestres escolares acrescentavam seus próprios comentários, bem como compunham tratados especializados nas idéias de Aristóteles que também tornavam-se autoridades no ensino. Por isso, o aristotelismo medieval é a interpretação, um novo olhar sobre os trabalhos aristotélicos.

O trabalho dos escolásticos foi fundamental para que o Ocidente europeu retomasse o contato com a obra filosófica da Antiguidade. Mas esse contato se deu inicialmente pela via árabe, já que as primeiras traduções de obras filosóficas e científicas gregas para o latim foram feitas, não diretamente do grego, mas através do árabe. E são estes comentários e tratados não aristotélicos de origem árabe os quais continham idéias derivadas da filosofia natural de Aristóteles que serão o foco das principais controvérsias e divergências no ensino universitário.

E não pode se esquecer que a filosofia medieval se coloca no interior de uma religião revelada: "num mundo onde se sabia que havia e só podia haver um único deus" (KOYRÉ, 1982, p. 26). Nesse sentido, dá pra se compreender porque a autoridade religiosa

---

[9] Natural da Pérsia. Foi médico, astrônomo, matemático e enciclopedista. Na medicina, um de seus principais legados foi o Cânon, uma enciclopédia médica em que procurou conciliar as doutrinas de Hipócrates e Galeno com os postulados de Aristóteles.

[10] Averróis nasceu em Córdoba em 1126. Ele estudou Teologia, Direito, Matemática e Filosofia, mas teve também grande interesse em Medicina, Matemática e Filosofia.

condenou “Aristóteles”. Por isso os mestres eram obrigados a interpretá-lo, a repensá-lo num novo sentido, comparável com o dogma religioso.

Os conflitos contra os ensinamentos de Aristóteles presentes nos comentários de árabes de Averroés concentraram-se na universidade de Paris. Em 1210 foi decretado que ensino dos trabalhos (a *Física* e a *Metafísica*) de Aristóteles disponíveis em latim e seus comentários não poderiam ser lidos em público ou em segredo em Paris, sob pena de excomunhão. No entanto, devemos questionar se essa proibição foi realmente respeitada?

Essa proibição foi renovada em 1215 e 1228. Em 1231, o papa Gregório IX começou a enternecer sua posição. Os textos proibidos deveriam ser examinados e corrigidos do que poderia ser considerado nocivo. Mas na prática isso não aconteceu e a filosofia natural de Aristóteles era lida em Paris. Na verdade, o Aristóteles que entra no Ocidente pode ser dividido em duas tendências: a dos grandes doutores dominicanos (Alberto Magno e Tomás de Aquino) os quais queriam conciliar Aristóteles e as Escrituras; e a dos averroístas que, onde viam contradição, aceitavam-na e queriam seguir tanto Aristóteles como as Escrituras (LE GOFF, 2003). É a essa segunda tendência que está ligada a condenação feita pelo bispo de Paris Etienne Tempier.

Por volta de 1250, a filosofia aristotélica foi o principal componente no novo curso de artes, a leitura necessária para os bacharéis querendo tornar-se mestres. Mais tarde, era o conhecimento da filosofia natural que qualificava um homem, permitindo-lhe fazer parte do corpo de mestres e se tornar um mestre. Foi provavelmente no início da década de 1260 que certos regentes da faculdade de Artes começaram a se inspirar diretamente em Averroés e seus comentários de Aristóteles.

O sucesso obtido pelos comentários averroístas sobre a dupla verdade, a eternidade do mundo negando a idéia da criação, a onipotência divina, entre outros, culminou na censura, por parte do bispo de Paris, Etienne Tempier que, em 10 de dezembro de 1270, publicou uma lista de treze artigos condenados, atribuídos aos averroístas da faculdade de

Artes. Em 7 de março de 1277, Ètiene elaborou uma nova lista de 219 proposições condenadas como heréticas. Esses erros deviam ser totalmente proibidos e quem os professasse seria excomungado. Após essa condenação, os mestres averroístas tiveram que fugir e seus escritos foram destruídos ou censurados (VERGER, 2001).

Com esse conflito podemos perceber que as universidades não tinham total autonomia. Pois, constantemente havia a interferência das autoridades nesses centros de ensino questionado tudo o que acontecia e o que era lido e ensinado. Freqüentemente intervinham reis, príncipes, bispo ou o papa para influenciar e tentar controlar professores e alunos e as teorias que estes produziam.

1.3 Pedro Hispano: o filósofo, o físico e o papa

É no ambiente social e intelectual das "universidades" européias do século XIII que figura Pedro Hispano[11] também conhecido como Pedro Julião[12], identificado como médico, filósofo, mestre de medicina em Siena (Itália). Ele ocupou um importante lugar entre os homens de sua época, exercendo vários cargos políticos e eclesiásticos tais como: conselheiro porta-voz do rei de Portugal D. Afonso III, deão e mestre das escolas de Lisboa, arcebispo eleito de Braga, cardeal de Túsculo (Itália) e, finalmente, sumo pontífice com o nome de João XXI.

A partir de 1260, Pedro Hispano encontrava-se circulando constantemente na Cúria Romana e tendo boas relações com o papa Gregório X (1271-1276), começava então, a sua carreira eclesiástica que culminará na sua ascensão ao trono pontifício em setembro de

[11] O apelido de Hispano deve ter lhe sido atribuído quando esteve em Paris em que os estudantes eram conhecidos pelo nome da região de origem. E nesse período Hispania significava toda a Península Ibérica (Ponte, 1968).

[12] Pode estar referindo-se ao seu pai Julião e/ou também a freguesia de São Julião, local em Lisboa onde Pedro Hispano deve ter nascido.

1276, adotando o nome de João XXI. Seu pontificado durou somente oito meses (13 de setembro de 1276 a 20 de maio de 1277), quando ficou ferido e acabou falecendo devido ao desabamento de uma das alas do palácio de Viterbo[13] que ele mesmo tinha mandado construir para a biblioteca (ANTUNES, 1995).

Pedro Hispano transitou pelo ambiente das universidades européias, deixando um vasto legado literário. As obras, a ele atribuídas, constituem um *corpus* que transita pela Filosofia Natural, Teologia, Lógica e Medicina, numa ampla combinação de conhecimentos que o tornou um dos grandes mestres e intelectuais da Idade Média. Era, portanto, um personagem que não somente acompanhava de perto as transformações pelas quais passavam a sociedade, mas também, de certo modo, as alimentava com suas obras.

Entre seus contemporâneos já era visto como o mais culto do seu tempo e um homem formado em todos os ramos do saber. Ptolomeu de Lucca (1236-1326) o chamava "magnus in Scientis" e "Clericus universalibis" (instruído em tudo), Francisco Pipini (1314), chamava-lhe "egrégio varão de letras" e "grande filósofo" e outro contemporâneo seu, o cronista Salimbene de Adam (século XIII) sintetiza: "magnus sophista, logicus, disputator at que theologus" (SERRÃO, 1971).

Essa fama justifica a homenagem que Dante Alighieri lhe prestou na Divina Comédia. No canto 12 do *Paraíso*, Dante apresenta alguns estudiosos escolásticos representantes da ciência do Ocidente, como Santo Agostinho, Joaquim de Fiore e Boaventura. Ao lado desses intelectuais, aparece Pedro Hispano que é apresentado como sendo aquele que brilhou no mundo mortal com os doze livros de lógica como o *Summulae Logicale* a ele atribuído (ALIGHIERI, 1968).

Um dos maiores problemas enfrentados por aqueles que se aventuraram em reconstituir a sua biografia é caminhar por uma estrada repleta de lacunas, sobretudo sobre a

[13] A cidade italiana de Viterbo acolheu em seu solo a cúria pontifícia por quase vinte anos entre, 1260 e 1280 (Bagliani, 1995).

sua origem. No decorrer das pesquisas, nos deparamos com muitos dados obscuros. Sobre a sua origem, a data de seu nascimento e a família a que pertencia, pouco se sabe. Pedro Hispano dirigiu-se à Paris muito jovem. Mas não sabemos exatamente a idade ou o ano em que chegou nesta cidade. Além dessas dúvidas, há muitas outras que necessitam de esclarecimento, sobretudo a respeito do período de sua formação e atividade docente. Como por exemplo, saber quais as disciplinas por ele estudadas no *Studium Generalle* de Paris. Quem foram os seus mestres? Exerceu docência nesta cidade? Até quando permaneceu aí? Estudou em outros centros intelectuais europeus? Quando chegou em Siena?

A reconstituição de sua vida é realizada a partir dos testemunhos de seus contemporâneos e também a partir das pouquíssimas informações obtidas nas referências internas das obras a ele atribuídas. Outra importante fonte de informação são os documentos onde consta o seu nome, providos das instituições a que esteve ligado, seja a universidade, ao poder régio português ou a cúria papal. Na maioria das vezes, essas informações não são baseadas em dados que possam ser comprovados por documentos, e a ausência de elementos seguros, sobretudo sobre a data do seu nascimento, faz com que a sua biografia seja elaborada, muitas vezes, a partir de hipóteses nem sempre comprovadas.

A época de sua vida, sobre a qual estamos mais informados, são os oito meses de seu pontificado (setembro de 1276 a maio de 1277). Há alguns documentos referentes à esse período como às bulas papais enviadas a religiosos, como o bispo de Paris e reis, como Filipe III da França. Dentre as "Leis Apostólicas", a que merece uma atenção especial é a *Jucundidatis et Exultationis,* enviada ao rei de Portugal D. Afonso III, mas de data incerta, traduzida por Antunes (1995). Nela, encontramos informações muito valiosas para a reconstituição da biografia de Pedro Hispano, sobretudo a respeito de sua naturalidade. Pela leitura do texto verificamos que há três passagens que confirmam a sua origem portuguesa:

> Ao ilustre Rei de Portugal (...) Com efeito, foi a sua própria terra que gerou aquele que veio a alcançar as honras da dignidade Apostólica (...). É verdade que, logo desde o início da nossa elevação ao Pontificado, esteve presente no nosso espírito enviar Letras da sé Apostólica aos reis e príncipes católicos e a ti principalmente. Com efeito, embora dediquemos a todos os outros uma consideração de paternal benevolência, para contigo inflama-se, por pertencermos ao mesmo Solo Natal, um ardente Zelo de sincera caridade, pois a força da nossa origem leva-nos a favorecer, com os mais altos favores, a pessoa do Rei (...). Deste que é originário do teu Reino. (Bula *Jucundidatis et Exultationis*. Apud: ANTUNES, 1990, p.161-163). (Os grifos são nossos).

Alguns autores como Schipperges (1973), ao traçar a biografia de Pedro Hispano, afirmam ter nascido em Lisboa mais ou menos em 1215 e era filho de um físico e boticário bem situado chamado Julianus. Para outros, como Antunes (1995), Pedro Hispano é igualmente natural de Lisboa, contudo deve ter nascido entre 1210 e 1220. Nesta hipótese, ele seria filho do chanceler da corte portuguesa, Julião Pais, pertencia à família dos Rebolos – pequena nobreza urbana ou da burguesia com ligações a clérigos. Para Antunes, o silêncio das fontes sobre sua paternidade confere uma certa verossimilhança à hipótese de ter sido filho ilegítimo, o que explicaria ter deixado Portugal bem jovem e bem mais tarde ter seguido carreira eclesiástica. Além disso, pode se supor que Pedro Hispano pertenceu a uma família de posses, pois decerto teve influentes protetores que lhe custearam os estudos em Paris.

Sobre sua formação provavelmente iniciou os seus estudos em sua cidade natal, na escola catedralícia de Lisboa, onde obteve a sua formação básica com o primeiro contato com a Teologia e as Artes Liberais, pelo menos as disciplinas que preenchiam o programa do *Trivium* (Gramática, Retórica e Dialética). Além disso, outro dado sobre os seus primeiros estudos é que também freqüentou a Escola catedral de Leão antes de dirigir-se à Paris, considerada o centro espiritual e intelectual do mundo daquela época (SCHIPPERGES, 1973).

Não se sabe ao certo a idade com que Pedro Hispano deixou a pátria para se entregar ao aperfeiçoamento superior dos estudos no centro universitário de Paris. Mas ele

mesmo nos informa que lá esteve desde os tenros anos de idade. A sua estadia nessa cidade pode ser comprovada pelo testemunho da bula já citada *Flumem Aquae Vivae* (28 de abril de 1277). Como visto anteriormente, esta bula foi enviada ao bispo de Paris, Estevão Tempier, o qual em 1277 considerou que no ensino de filosofia no *Studium* parisiense havia erros que poderiam colocar em risco a fé. O interessante desse documento é que ele nos fornece chaves que podem desvendar um pouco o período nebuloso de sua formação. Veja a seguir trechos deste documento para compreendermos melhor a sua estadia nesta cidade.

> Com efeito, tendo vivido nos seus lares durante muito tempo, desde os tenros anos, aí nos dedicamos com diligência às várias ciências e permanecendo por muitos anos junto ao curso do rio, provamos as libações saborosíssimas dessas mesmas ciências, tanto quanto o Senhor da Majestade, doador da verdadeira sabedoria, nos concedeu. É por isso que não o podemos esquecer (Bula *Flumem Aquae Vivae*. Apud: ANTUNES, 1995, p. 159). (Os grifos são nossos).

O próprio título da bula *Flumem Aquae Vivae* pode ser considerado como um elogio a Universidade de Paris considerada por Pedro Hispano um rio de água viva, ou seja, fonte de sabedoria ou rio de saber. Pelo próprio conteúdo do documento percebe-se a sua ligação com esta universidade. A passagem grifada nos fornece três dados importantes, mesmo não sendo claramente específicos. O primeiro é que Pedro Hispano esteve em Paris "desde os tenros anos", entretanto não nos fornece uma data exata do momento em que ali chegou. O segundo é que lá esteve por muitos anos, mas também não especifica o tempo exato de sua permanência naquela cidade. E o terceiro é que se dedicou com zelo às várias ciências. Dos três, o último é o que nos suscita mais indagações porque afirma que Pedro Hispano estudou várias ciências, mas não nos especifica quais foram. Provavelmente, deve ter aprofundado os estudos iniciados em Lisboa.

Assim, decerto cursou a Faculdade de Artes que continha as disciplinas preparatórias para o ensino superior e era um requisito básico para todos aqueles que

pretendiam cursar Direito Canônico (ou Civil), Medicina e Teologia. No provável período em que Pedro realizou seus estudos, o *Studium Generale* de Paris, centro intelectual no século XIII, tinha no rol dos seus docentes os mais famosos da época, entre eles destaca-se Wilhelm Shyreswood, morto em 1249 e Lambert de Auxerre, falecido em 1250. Com Lambert Auxerre, Pedro Hispano aprendeu a Lógica. Já a Filosofia foi lhe transmitida pelo magistrado Shyreswood. Esta afirmação é plausível, sobretudo porque ao comparar obras como a *Summulae Logicales* com as deste mestre parisiense percebe-se certa afinidade (SCHIPPERGES, 1973).

Ainda no que se refere aos seus mestres, era comum citar entre eles Alberto Magno e João de Parma. Novamente esses dados são hipotéticos. O critério utilizado por autores como Ferreira (1954), para detectar os possíveis mestres de Pedro Hispano, é identificar aqueles que lecionaram durante o período que afeta a sua estadia nesta cidade. Nesse sentido, os nomes que compõem a lista devem ser os de pessoas que já exerciam a docência no período anterior a 1245, porque, a partir deste ano Pedro Hispano já se encontra em Siena (Itália). Assim, a hipótese de que ele fora aluno de Alberto Magno (1206-1280) não é aceita pelo simples fato deste ser docente da universidade a partir de 1245. Quanto à hipótese de João de Parma ter sido seu mestre é mais plausível, porque, segundo o testemunho de seu contemporâneo Salimbene, este mestre parisiense de Medicina e Teologia estava na lista das pessoas com quem o papa João XXI mantinha amizade. Dos mestres de Teologia é provável que Alexandre de Hales, Rolando de Cremona e João de la Rochelle poderiam ter sido professores de Pedro Hispano por lecionarem na dita universidade na época em que este esteve em Paris.

Podemos concluir, pela análise da bula acima mencionada, que os estudos de Pedro Hispano foram realizados em Paris. No entanto, resta saber se ele ocupou nesta universidade a cadeira de mestre. Sobre a docência de Pedro Hispano no *Studium generale* parisiense, autores como Pontes (1962) defendem essa hipótese com base no conhecimento do

currículo acadêmico, em que consta que os bacharéis em Artes e os alunos da faculdade de Medicina deveriam exercer o magistério durante dois anos no sistema chamado *biennium complere*. Mas, caso tenha realmente sido professor nesta cidade, quais foram as disciplinas por ele ministradas? Perguntas como estas e outras como, quanto tempo permaneceu em Paris, permanecem ainda sem respostas.

Sabe-se que após concluir a Faculdade de Artes e da alta ciência no *Studium Generale*, Pedro Hispano viajou ao sul da Itália em aprofundamento de seus estudos. Segundo Schipperges (1973), neste momento ele deve ter visitado locais famosos de cura da época como Salerno. Em Palermo, Pedro Hispano entrou em contato com o médico local, Theodorus Physicus e é provável que essa amizade tenha fornecido-lhe a oportunidade de circular pela corte e assim entrar em contato com o rei Frederico II. Há hipóteses de que ele tenha estudado em outros centros de ensino médico como Montpellier (França). Mas, uma vez que não há documentos que as comprovem, estas tem sido refutadas pelos historiadores.

Já em meados do século XIII, Pedro Hispano encontrava-se na Itália como mestre de medicina na Universidade de Siena fundada por volta de 1240 na qual se ensinava Gramática, Dialéctica, Direito Civil e também Medicina, o que explica a sua presença nesta universidade. A sua estadia nesta cidade pode ser comprovada com a existência de vários documentos que são mencionados por Meirinhos (1996) e Antunes (1995). Por esses documentos percebe-se que houve um Pedro Hispano circulando por essa cidade ensinando medicina e exercendo clínica.

O primeiro documento é datado de 11 de janeiro de 1245 e consta que o mestre Pedro Hispano promete não ofender[14] Maria di Roberto, obrigando-se a uma indenização de 50 liras se porventura viesse a faltar ao seu compromisso. Em uma ata, datada de 5 de fevereiro de 1248 aparece o seu nome constando que vendeu uma bíblia por 7 libras a frei

[14] Em nenhum dos livros que mencionam este documento explicam quem era Maria di Roberto e qual era o compromisso que Pedro Hispano tinha com ela. Eles só citam essa passagem.

Bandino, prior da ordem dos Frades eremitas. Neste mesmo ano, é referido entre alguns mestres que pagaram a mensageiros que foram a Toscana para convocar alunos para o Estudo em Siena. Em abril de 1250 recebia os honorários de uma consulta. E em junho, deste mesmo ano, consta que Pedro Hispano recebeu os vencimentos pelo magistério no *Studium*. Para os historiadores portugueses essa é a última data na qual consta a presença de Pedro Hispano na cidade de Siena.

Vale ressaltar que, de acordo com as informações de Schipperges (1973), é no ano de 1247 que Pedro Hispano começa a trabalhar como mestre de Medicina na recente fundada universidade e em 1261 ainda é mencionado nos documentos do caixa da cidade como doutor em Física. Ao comparar estes dados com os fornecidos pelos historiadores Antunes e Meirinhos mencionados acima, podemos identificar algumas divergências. O primeiro ponto refere-se à data que comprova o início da estadia de Pedro Hispano nesta cidade: 1245 ou 1247. Ele poderia até ter chegado antes, mas o primeiro documento conhecido relata a sua presença em Siena a partir de 1245. Mas este não referia-se à sua função como mestre na universidade, apenas comprova a sua estadia nesta cidade a partir de então. Talvez Pedro Hispano só tenha começado a exercer de fato a docência médica a partir de 1247. Nesse intervalo, certamente deve ter se dedicado à clínica. O fato mais estranho refere-se à data em que permaneceu nesta cidade: até 1250 ou 1261.

Sabe-se que em 11 de junho de 1250, apareceu em Portugal um mestre Pedro Julião desempenhando um papel ativo no quadro político português. Nesse período, ele exercia o papel de conselheiro, mandatário e também porta - voz de D. Afonso III (1210-1279), quinto rei de Portugal, junto à classe eclesiástica. A partir de então, é mencionado em vários documentos[15], exercendo importante papel político na corte portuguesa pelo menos até

[15] No dia 11 de junho de 1250 realizaram-se em Portugal as Cortes de Guimarães. O mestre Pedro Julião, deão de Lisboa e arcediago de Braga, é mencionado nos documentos régios como sendo conselheiro e mandatário do rei D. Afonso III. Entre maio de 1252 a 13 de janeiro de 1253 Afonso III manda lavrar, na sé de Lisboa, uma ata protesto contra a designação do bispo de Silves pelo rei de Castela Afonso X, sendo assistido por vários

1258. Nos atos régios datados de 15 de maio, 18 de junho e 12 de julho de 1248, a presença de Pedro Hispano é ainda mencionada. A partir desta data, percebe-se que há um afastamento das atividades políticas ligadas à corte de D. Afonso XIII e nota-se a presença de um Pedro Hispano cada vez mais ligado a assuntos da cúria romana. Pode-se dizer que, a partir de então, inicia-se o seu percurso eclesiástico que culminaria na sua subida ao trono pontifício.

A partir de 1260, podia-se encontrar um Pedro Hispano circulando constantemente na Cúria Romana e tendo boas relações com papas como Gregório X, que ocupou a cátedra pontifícia de 1271 a 10 de janeiro de 1276, data de seu falecimento. Alguns autores como Schipperges (1973) afirmam que o mestre português foi conselheiro pessoal do influente cardeal Caetano Orsini, que em 1277 subiu ao trono papal como Nicolau III. Vale ressaltar ainda que Pedro Hispano foi escolhido para médico particular do conde di Lavagna, Ottobuono de Fieschi (+1276) e que mais tarde viria a ser o papa Adriano V. Outro dado muito importante é que Pedro, além de ser físico do papa Gregório X, ocupava a função de *Archiater*[16], ou seja, chefe dos físicos da cúria papal. Paralelamente ao seu papel como médico, Pedro Hispano exerce funções eclesiásticas importantes.

Em 1273, foi convocado para participar do 14º Concílio geral de Lião, realizado em 1274 e no qual já aparece como cardeal de Túsculo, nomeado a essa função pelo papa Gregório X. O seu percurso religioso conclui-se na sua ascensão ao solo pontifício, sendo coroado papa em 20 de setembro de 1276, na catedral de São Lourenço de Viterbo (Itália), adotando o nome de João XXI. Seu pontificado durou somente oito meses: de setembro de 1276 a 20 de maio de 1277, quando foi ferido com o desabamento de uma das alas do palácio de Viterbo, a qual ele próprio tinha mandado construir para sua biblioteca e por ironia do destino foi o que ocasionou sua morte.

---

dignatários, entre os quais Pedro Julião. Entre 06 a 18 de março de 1254, Pedro está presente numa assembléia na qual Afonso XIII promulga 19 diplomas. A sua presença é comprovada pelos diplomas datados de 06, 11, 14 e 18 de março (ANTUNES, 1995).

[16] A cúria romana era um dos ambientes propícios à atuação dos físicos que poderiam assumir funções como físico pessoal do papa ou de cardeais e bispos. Nessa carreira, poderiam galgar ainda posições mais prestigiosas como a de *arquiatro*, ou seja, chefe dos médicos da cúria pontifícia.

Mesmo permanecendo somente oito meses no governo da cúria romana, Pedro Hispano desempenhou importante papel nas relações políticas e religiosas com várias autoridades do período. Ele retomou as negociações para reconduzir à união da Igreja católica Romana com a Igreja Ortodoxa. As tentativas de reaproximação anunciadas no concílio de Lião (acima citado) contaram com a presença Pedro Hispano e continuaram nos breves pontificados de Inocêncio V e Adriano V.

João XXI prosseguiu com essa política de seus antecessores, nomeou algumas pessoas para formar uma nova missão diplomática que se dirigiu à Constantinopla ainda em 1276. Mas, no ano seguinte, como possível resultado do êxito das tentativas de negociações do sumo pontífice romano com a Igreja Ortodoxa, a delegação grega que dirigia-se para Roma, não o encontrou com vida.

O papa João XXI tentou pacificar sem sucesso, uma questão originada em torno do reinado de Navarra, entre o rei da França, Filipe III (1245-1285) e Afonso X, de Castela, enviou bulas e, em seguida, seus delegados numa tentativa de restabelecer a paz entre os dois monarcas cristãos. Um outro aspecto, muito interessante do trabalho deste sumo pontífice, é a sua benevolência para com os jovens letrados. Nos arquivos papais, constam que encaminhou uma promoção de estudos e foram tomadas providências para uma assistência econômica aos estudantes (SCHIPPERGES, 1973).

Pedro Hispano, como vimos anteriormente, exerceu importantes papéis junto a papas e reis e transitou por vários centros de saber da Europa, embebendo-se dos conhecimentos das principais *auctoritates* no ensino medieval. Essa preocupação com o conhecimento é um dos traços marcantes do seu perfil e pode ser comprovado com a sua intenção em ampliar a sua biblioteca particular atrás do palácio papal de Viterbo, para assim, poder dedicar-se com mais tranqüilidade aos estudos e pesquisas. Assim, mesmo não conseguindo reconstituir por completo a sua biografia, pode se afirmar que Pedro Hispano foi um dos grandes intelectuais do seu tempo e nos legou um grande número de obras.

No estudo sobre a medicina medieval, os seus escritos constituem uma importante fonte de esclarecimento acerca das teorias médicas e dos principais tratamentos vigentes na Europa Ocidental na Idade Média. Sobre suas obras médicas na Idade Média temos: os *comentários,* os *receituários* e os *regimentos de saúde*. Os *comentários* constituem a forma básica do texto universitário. Eram textos dirigidos ao público acadêmico e, em geral, propunham-se a explicar ou alargar o ponto de vista de um autor anterior. Nesse sentido, estavam diretamente relacionados a uma autoridade. Esta atuava tanto na inspiração do texto, como na legitimação da tese proposta.

Assim, pode-se definir os *comentários* como sendo textos universitários dirigidos aos estudantes de medicina, escritos por grandes mestres referindo-se sempre a uma autoridade, ou seja, discutiam temas tratados nas obras de Aristóteles, Galeno, Avicena... Da autoria de Pedro Hispano temos os seguintes comentários: *Comentário a Hipócrates (De regime acutorum e Prognóstico); Comentário a Filareto (De pulsibus); Comentário a Galeno (Microtechne= Ars Parva e De crisibus et de diebus decretoriis); Comentário a Hunayn Ibn Ishãq (Isagoge ad artem parvam Galeni); Comentário a abu Yazzar Ahma (Viaticum); comentário a Ishãq Al-Isrã (De dietis univeralibus, De dietis particularibus e de urinis)* (ANTUNES, 1995).

Já os *receituários* e os *regimentos de saúde* possuíam uma finalidade diversa do propósito estritamente acadêmico dos *comentários*. A diferença básica entre eles é que os regimentos de saúde tinham por intenção conservar a saúde e orientar a prevenção de doenças. Dos seus regimentos temos o *De regimine sanitatis por omnes menses* e o *Líber* de *Conservanda Sanitate*. Quanto aos *receituários,* normalmente, constavam de receitas contra enfermidades, sem que uma intenção preventiva se revelasse marcante. Todavia, muito embora apresentassem diferenças quando confrontados à luz desse tipo de classificação, tinham, em geral, o propósito de disponibilizar saberes práticos a estudantes pobres ou a praticantes de medicina sem formação universitária.

Na área da oftamologia, temos vários receituários atribuídos a Pedro Hispano, como a *Aqua mirabilis ad visum conservadum* ou *secretum de oculis* e o *De egritudinibus ocularum et uris* que foram reunidos em uma única obra, conhecida pelo título *De óculo*. Além desses, tem-se ainda um outro receituário, o *Thesaurus Pauperum (Tesouro dos Pobres*), o mais importante dos receituários de sua autoria e um dos manuais medievais de medicina dos mais influentes e representativos. Ele contém uma espécie de compilação condensada de remédios fáceis e eficazes para quase todas as enfermidades, segundo o que o seu próprio autor afirma em diversos prefácios. Estas receitas estão organizadas de acordo com as partes do corpo humano, sobre as quais atuam as moléstias, partindo da relação de medicamentos eficazes contra os males, desde os cabelos até as unhas dos pés (ANTUNES, 1995).

As suas obras médicas constituem-se em fontes que têm sido pouco estudadas e sua análise permitirá abrir novos caminhos em torno do objetivo de se esclarecer melhor as intersecções entre a teoria e a prática médica, assim como as relações desta com a sociedade do período. Dentre o seu corpus médico, pretendo me fixar na análise do regimento de saúde *Líber de Conservanda Sanitate* visando oferecer observações que possam trazer algum esclarecimento acerca da prática médica no século XIII.

Durante muito tempo, a Historiografia procurou atribuir a um único autor o vasto conjunto de distintos escritos distribuídos entre a Lógica, a Teologia, a Filosofia e a Medicina. Entretanto, alguns historiadores como Meirinhos (1996) propõem uma nova abordagem para o problema, defendendo a tese da “não identidade de autores” entre as várias obras que lhes são atribuídas. Para Pedro Hispano, os dados conhecidos sobre a vida de Pedro Hispano dificilmente poderiam ser englobados em uma única biografia. Meirinhos propõe a existência de três Pedros: ao primeiro atribui os textos lógicos e teológicos, ao segundo os textos filosóficos e ao terceiro os comentários, receituários e os regimentos de saúde. Esse terceiro pode ser identificado como Papa João XXI.

Não concordo com essa hipótese de Meirinhos. Primeiramente, porque é importante termos em mente que uma das características do ensino medieval é a longa duração na formação dos estudantes, os quais se dedicavam a diferentes ramos do saber. Assim, ao sair dos *Studium Generale*, estes intelectuais tinham adquirido o conhecimento básico e essencial para escrever obras que transitassem por diversos assuntos, seja, a Lógica, a Filosofia, a Medicina, a Teologia...

Muitas vezes o historiador se depara também com a questão referente à autoria. Para Boulhosa (2005), a idéia moderna de autor surgida entre os séculos XVI e XIX, baseava-se em um conceito de propriedade intelectual. Já o conceito medieval de autoria fundamentava-se na idéia de autoridade e deve ser compreendida dentro do conceito de aquisição do conhecimento.

Assim, ao analisar uma obra, é necessário identificar o autor ou também os vários responsáveis pela sua elaboração. Na Idade Média, muitas vezes um autor mesmo não tendo feito todos os manuscritos acaba por receber a autoria na totalidade, desde que tenha mandado escrever a obra, estipulado o conteúdo, a estrutura bem como as razões para a sua elaboração. Além disso, muitas vezes os copistas alteravam o texto original ao acrescentarem expressões, frases ou até modificavam a estrutura da obra. O próprio *Regimento de Saúde de Salerno* é um bom exemplo disso. Sabe-se que foi escrito por volta do século XI, e na primeira edição, impressa em 1480, constavam de 362 versos. Estes foram aumentando, chegando a 3500 nas últimas edições.

O mesmo ocorreu com o próprio *Thesaurum Pauperum* (*Tesouro dos Pobres*) de Pedro Hispano. Em 1576, o mestre de medicina Guilherme Adolfo Escribónio fez uma revisão desse livro para publicá-lo e fez algumas alterações nesta obra, sobretudo na estrutura, com se observa neste trecho: “reparti aquele autor em capítulos certos e, tanto quanto foi possível, reduzi-o a uma melhor ordem, de modo a que Pedro Hispano recebesse uma forma diversa da anterior e completamente nova...” (ESCRIBÓRNIO, Guilherme. A. Apud: PEREIRA, 1973, p.378).

CAPÍTULO 2

LÍBER DE CONSERVANDA SANITATE:

A TEORIA E A PRÁTICA MÉDICA MEDIEVAL

> Esteja certo que toda ciência da medicina frutifica apenas após uma grande prática e uma longa experiência. Uma boa prática, submetida aos princípios da arte e às vias demonstrativas, depende de duas aproximações: uma científica que ensina, e uma aproximação experimental, ou seja, a aquisição de um saber exercendo em casos particulares. Esta última não se ensina, mas se adquire pela prática.
>
> Gentile de Foligno

Este capítulo está dividido em quatro partes. No primeiro momento, abordo a reflexão sobre a medicina teórica e prática no século XIII com ênfase na forma como os médicos medievais se apropriaram da distinção antiga entre ciência e arte. Em seguida, apresento o *Líber de Conservanda Sanitate*, identificando as teorias e os conceitos os quais Pedro Hispano recorre à procura de apoio e embasamento teórico na elaboração de sua obra.

Neste capítulo, trato do conceito de saúde para Pedro Hispano, a análise é feita a partir da compreensão do conceito de natureza, pois para a medicina desse período, o estado de saúde ligava-se sempre à idéia de equilíbrio, alcançado por meio da harmonia entre a natureza interna (constituintes do corpo) e a externa (meio ambiente e o *cosmo*) do paciente.

É neste capítulo também que analiso a ordem descritiva, utilizada pelo autor ao estruturar cada um dos opúsculos de sua obra, assim como as principais autoridades e os elementos que compõem este regimento. Percebe-se, assim, que aqueles que se dedicavam à medicina deviam ter, em sua bagagem teórica, o quadro fornecido pela Filosofia natural aristotélica e pelos preceitos galênicos.

2.1 A filosofia natural em Pedro Hispano

Entre os séculos XII e XIII começaram a afluir na Europa, pela via italiana e Ibérica, traduções de textos científicos e filosóficos gregos e árabes que passaram a exercer importante papel na medicina ocidental. A partir de então, a fundamentação da prática médica se dará na filosofia natural de Aristóteles e nos preceitos de Galeno transmitidos, reestruturados e comentados por árabes como Avicena e que renovarão a medicina dando um novo modo de conceber a formação médica (GARCÍA-BALLESTER, 1992; JACQUART, 1995; VERGER, 2001).

O regimento de saúde *Líber de Conservanda Sanitate* é constituído por três opúsculos. O primeiro, *Suma da Conservação da Saúde*, está dividido em um prólogo e cinco capítulos. No prólogo, Pedro Hispano, fundamentando-se na teoria humoral[17], define a saúde como sendo "uma disposição que conserva o que é natural no homem, segundo o curso da natureza" (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p. 446). Esta definição de saúde, para Pedro Hispano, nos desperta vários questionamentos que são os primeiros passos na busca de sua compreensão: O que se pode compreender por natural no corpo humano? Quais as medidas que devem ser adotadas para se conservar este natural no corpo? E o curso da natureza? Qual o significado dessa expressão? Em quem Pedro Hispano se apóia para definir seu conceito de saúde? Em que medida este conceito relaciona-se à filosofia natural de Aristóteles?

O primeiro caminho para se compreender este conceito de saúde é analisar o significado do conceito natureza. Para os gregos antigos, a palavra *physis* era compreendida como sendo a natureza (interna e externa) comum entre os seres, ou seja, era a natureza que existe tanto no ser humano como fora dele. *Physis* é a raiz grega da palavra "físico", utilizada

[17] Na medicina antiga e medieval o humor é uma substância orgânica líquida ou semi-líquida imprescindível à manutenção. Os humores são quatro: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. A saúde seria o resultado do equilíbrio entre esses quatro humores. Mas se houvesse uma desarmonia gerada pela falta ou excesso de um deles, o resultado seria a doença. Mais detalhes sobre essa teoria ver p. 68 deste capítulo.

na atualidade como sinônimo de corpo, popularizando-se após o século XIX através de práticas como Educação Física e Atividade Física. Contudo, na Grécia Antiga, esse termo correspondia ao conceito de natureza que estava ligada à constituição humana. É essa noção de *physis* (natureza) que os médicos medievais vão utilizar preocupando-se sempre com a correspondência entre o corpo e a natureza (interna e externa) do paciente. Desse modo, o homem, como parte da natureza, não poderia ser compreendido sem ela. Ela é a essência do homem e está vinculada à sua constituição, cabendo-lhe a responsabilidade de gerar, fazer nascer e viver o ser humano (SILVA, 2001).

É por isso que na medicina medieval, seguindo os conhecimentos das autoridades gregas, era de fundamental importância conhecer a *physis* (natureza) dos pacientes. Para se conservar a saúde do corpo, era necessário mantê-lo em harmonia com o meio ambiente e o *cosmo*, uma vez que a saúde dependia de fatores externos, incluindo as estações do ano e as variações do clima. Assim, era preciso conhecer a vida cotidiana do paciente, incluindo o regime alimentar, a qualidade do sono, a prática de exercícios e o tipo de trabalho. Além desses detalhes, era necessário conhecer o temperamento e a constituição física do paciente.

Percebe-se assim que, o conhecimento do físico era primeiramente um saber teórico apoiado sobre a filosofia natural de Aristóteles. Para fundamentar essa sua filosofia, Aristóteles recorreu à doutrina dos quatro elementos. Por essa teoria, os quatro elementos - terra, água, ar e fogo - são a origem de todas as coisas. Essa teoria e a que colocava a terra no centro de um sistema de esferas celestes constituíam a base da filosofia aristotélica a qual apresenta um modelo que explica a existência desses elementos no mundo sublunar (o que está situado abaixo da lua). Segundo a filosofia natural de Aristóteles, o mundo sublunar estava dividido em quatro esferas, sendo que a cada uma estava relacionado um dos quatro elementos. De acordo com Aristóteles, o fogo, a água, a terra e o ar surgem de um substrato original, a matéria-prima, cuja existência só pode ser percebida quando se encontra associada a certas qualidades: o quente, o frio, o seco e o úmido. Esses princípios ou elementos são as

matérias primárias cuja transformação por associação, dissociação ou outro tipo de mudança seria responsável pela origem de tudo no universo.

Além disso, o mundo sublunar era formado por quatro esferas que possuíam o mesmo centro, sendo que na menor delas situa-se o centro do universo. A cada uma dessas esferas está relacionado a um dos quatro elementos constitutivos da matéria. A primeira é a esfera terrestre; a segunda é a esfera da água; a terceira é a do ar; e a quarta é a do fogo (ARISTÓTELES, 2001). O mundo sublunar é passível de geração e corrupção, ou seja, está sujeito a mudanças na matéria. É o que acontece com os seres vivos cujos corpos são suscetíveis de decomposição.

Acima dele, há uma região celeste que se estende do céu à da lua, do céu das estrelas e ao "Primeiro Motor", que é o lugar de movimento circular eterno e incorruptível e causa de tudo o que se produz no mundo sublunar (GREGORY, 2002). Essa filosofia natural expressa a idéia de causalidade dos céus sobre o mundo sublunar, ou seja, dos céus dependem a existência e o movimento dos seres compostos pelos quatro elementos. Desse modo, por essa teoria filosófica - natural de Aristóteles, o corpo humano com seus movimentos naturais, seus temperamentos e suas paixões, está inteiramente submisso à causalidade celeste.

Percebe-se assim, que aqueles que desejavam exercer a Medicina, como Pedro Hispano, precisavam estar familiarizados com a filosofia natural aristotélica. Deviam dedicar-se ao estudo acerca do cosmo e da constituição da matéria orgânica do ser humano, uma vez que esses conhecimentos eram necessários na elaboração de respostas às perguntas básicas sobre as causas dos processos naturais como a saúde e a enfermidade.

Além dessas questões referentes à filosofia natural, é necessário também, saber em que área do conhecimento a medicina era classificada na Idade Média, já que algumas vezes era elevada ao patamar de uma filosofia, ora considerada uma arte mecânica. Seria a medicina uma ciência ou uma arte? Esse era um dos temas centrais nas discussões medievais as quais faziam da teoria uma ciência e da prática uma arte.

Outro aspecto discutido era como se dava a passagem da teoria à prática médica. Uma conciliação, também, difícil de realizar, pois refere-se aos respectivos papéis da experiência e da razão para explicar os fenômenos naturais. Como poderia haver uma prática médica num momento histórico em que era proibido dissecar o corpo humano? Até que ponto era possível utilizar os conhecimentos anatômicos baseados em animais e fornecidos, sobretudo pelos textos galênicos?

As leituras das obras de Aristóteles **(**a *Física*, a *Metafísica***)** serviram para alimentar a reflexão sobre essas questões. A sua influência ultrapassava as questões de anatomia ou de fisiologia. Referia-se também a discussão sobre a *epistemé* e a *tecné* que são traduzidos em latim respectivamente por *scientia* e *ars*. A ciência consiste no julgamento das coisas que são universais (os da filosofia natural) e necessárias e suas conclusões, pela via de demonstração, resultam de princípios primários.

Para Aristóteles a medicina estava situada na área da *tecné* porque mesmo sendo considerada uma ciência que recorre à demonstração e fundada em princípios universais, tem como objetivo o incerto, o particular, o que lhe concede mais o estatuto de arte e como tal sua origem estaria não nos fatos, mas no saber fazer, no executar (JACQUART, 1995).

Para os gregos antigos, *tecné* era um termo com significado amplo que corresponde ao que conhecemos com arte, ofício técnico e profissão. Trata-se de um conhecimento prático de um saber fazer que envolve habilidades técnicas ou artísticas. Noutro sentido, a medicina pode ser entendida como uma ciência, uma vez que implica a racionalidade, a explicação causal, a observação, a indução e a dedução, previsões e hipóteses. Mas também, trata-se de uma arte ou técnica porque exige ensino e transmissão oral e literária, além de envolver algumas habilidades manuais como os curativos e a cirurgia realizados pelos práticos médicos: cirurgião-barbeiro, as parteiras e os boticários. Além disso, pode ser comparada a um ofício técnico ou a uma profissão que exige um espaço próprio para a sua atividade (REBOLLO, 2003).

Assim, percebe-se que os gregos estabeleciam uma distinção entre a ciência (*epistemé*), a técnica (*tecné*) e a experiência (*empeiría*). Como vimos anteriormente, a *tecné* tem um sentido de orientação prática, envolvendo um sistema de regras e categorias com uma base teórica sólida e capaz de produzir efeitos previstos por suas regras e apresentar a razão do processo e das causas. Nesse sentido, a *tecné* pode ser compreendida como uma ciência prática fundamentada na experiência. E a *epistemé* (*ciência*) de acordo com a concepção de Aristóteles seria um saber teórico o qual tem por base princípios universais. Já à *empeiría*, pode ser alcançada por meio de uma prática rotineira ou por base na atuação do acaso e do destino, já que pode gerar um resultado anteriormente não previsto.

Assim, os físicos recorriam aos conceitos aristotélicos de *scientia* e *ars* para explicar a natureza da medicina. E ao discutirem o fato da medicina ser ou não uma scientia aristotélica, nos mostra que eles estavam em busca de uma investigação profunda do corpo humano para assim, imbuídos dos princípios da filosofia natural aplicá-la em benefício da saúde. Segundo French (2000), ao sugerir a seus alunos que a medicina era subordinada a filosofia, os mestres estavam lhes mostrando também vários dos princípios e teorias necessárias para que o estudante compreendesse o funcionamento do corpo humano. Esse era um dos principais empregos da filosofia natural de Aristóteles, justificando assim o seu sucesso.

Pedro Hispano, no prólogo do *Líber de Conservanda Sanitate*, deixa claro à importância da experiência a qual deveria ser apoiada pela razão: “encontrei e provei com razão verdadeira algumas observações úteis e experimentadas para conservar a saúde na vida humana” (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p. 446). A definição do termo experiência, utilizado não somente por Pedro Hispano, mas também por outros comentaristas universitários, tem sua origem em Aristóteles segundo o qual a experiência provém da diversidade de lembranças de uma mesma coisa (JACQUART, 1995, p.194).

A utilização dessa definição aristotélica pode ser percebida mais claramente nas palavras do contemporâneo de Pedro Hispano, o filósofo inglês Roger Bacon, nascido na

Inglaterra, e com formação inicialmente em Oxford. Depois, ele estudou em Paris no período de 1231 a 1236 e foi na Universidade desta cidade que adquiriu o seu doutorado. Ensinou na Universidade parisiense de 1241 a 1247, quando retornou a Oxford **(**RONAN, 1983). Um de seus trabalhos é o *De erroribus medicorum* no qual destaca a importância do método experimental para a ciência. Bacon criticava a tendência excessiva dos mestres escolásticos para a argumentação lógica renegando muitas vezes a um segundo plano a experiência:

> Muitos médicos concentram suas atenções em discussões de infinitas questões e argumentos inúteis, não recorrendo à experiência como deveria. A experiência é a única que certifica. Sendo assim, a descoberta (*inventio*) se faz graças com o parecer da experiência e da memória, sobretudo nas ciências práticas, às quais a medicina pertence (BACON, Roger. *De errobibus medicorum*. Apud: JACQUART, 1995, p. 194).

Para eles essa experiência deveria ser comprovada pela razão. E só seria adquirida através de várias tentativas, de vários ensaios. A área da farmacologia é um bom exemplo disso, uma vez que exige a repetição de uma mesma intervenção em condições idênticas. Mas para conseguir bons resultados numa experiência como efeito de um medicamento, ou melhor, para atingir os mesmos resultados deveriam respeitar diferentes condições como pesos e medidas (JACQUART, 1995). Esse assunto era responsável por novos questionamentos, como por exemplo, se todos os conhecimentos em medicina poderiam ser adquiridos com exatidão? Esta era uma das questões que gerava várias discussões em busca de uma solução.

De acordo com Gentile de Foligne, médico e astrônomo da primeira metade do século XIV, doutor pela Universidade de Bolonha e professor em Pádua, somente os conhecimentos anatômicos conhecidos pela dissecação, poderiam ser conhecidos com exatidão pela experiência (JACQUART, 1995). Mas, na prática, tais saberes eram adquiridos através dos breves tratados anatômicos com base nas informações fornecidas por Galeno, nas quais o conhecimento do corpo humano fundamentava-se na dissecação de animais como o porco.

Isso se dava porque em alguns aspectos a medicina ainda encontrava-se sob forte influência da Igreja Católica que além de rejeitar como suspeita toda prática curativa não confirmada pela medicina galênica acusavam os médicos que se dedicavam a essa prática da anatomia de agredirem o que havia de mais sagrado na Terra, o homem. Dissecá-lo era como dissecar a Deus, pois o corpo do homem, segundo a Bíblia, representava a imagem do corpo de Deus. Por isso, a Igreja era contrária a qualquer tentativa de descoberta dos segredos da natureza por intermédio da dissecação que era visto como sendo uma invasão ilegal de algo sagrado (PRIMOR; SIQUEIRA JÚNIOR; ADAM, 2000).

Além disso, é importante lembrar que, de certo modo o próprio ensino universitário com seu método de ensino – a escolástica, relegou a um segundo plano a prática médica. O saber ensinado nas universidades era eminentemente teórico fundamentado nas *auctoritates*, ou seja, no conjunto de obras de filósofos e físicos da cultura clássica intermediada pelos árabes.

E com a inovação das universidades houve uma separação das atividades do físico que até então exercia a clínica e a cirurgia e confeccionava seus próprios remédios. Isso ocorreu por causa do processo de enobrecimento da profissão médica ligada ao ensino universitário e, também, devido à restrição religiosa impostas aos clérigos e aos universitários para evitar cortar o corpo humano. Assim, implicou no abandono progressivo das funções manuais, incluindo a preparação de medicamentos, deixando o campo aberto para o crescimento do número de práticos.

Percebe-se assim, que se constituem na hierarquia médica um certo desprezo pelos trabalhos manuais e consequentemente por aqueles que se dedicavam a essas atividades. Com o passar do tempo couberam aos físicos o papel de prescrever remédios e regimentos de saúde. Deste modo, as outras atividades da medicina foram relegadas àqueles que não tinham formação universitária: a dosagem dos remédios coube aos boticários, as operações manuais, aos cirurgiões...

Como mencionado anteriormente, o curso de medicina, além de ter sido extenso, obrigava, na maioria das vezes, as pessoas a se deslocarem de sua terra natal para locais que

tivessem escolas ou faculdades de medicina. Como para muitos, isso era inacessível, acabavam adquirindo o saber médico somente por meio da prática com um mestre, durante um tempo. Deste modo, paralelamente ao trabalho dos físicos que ocupavam uma posição distinta devido às credenciais universitárias havia novos profissionais atuando na área da saúde: os práticos que não tiveram acesso direto ao círculo acadêmico. Dentre esses são citados principalmente os herbolários, as parteiras, os boticários, os barbeiros. Mas havia também os incisores, os extratores de cálculos, tiradentes, banheiros, estufeiros, arranjadores de fratura e curandeiros de todos os tipos (POUCHELLE, 2002; CABRERA, 1996).

Essa divisão não foi positiva para a medicina, uma vez que os físicos ao apoiar seus conhecimentos somente nos livros sem praticar a cirurgia, deixaram de conhecer diretamente o corpo humano. Os práticos, por sua vez, se dedicavam à medicina e à cirurgia, realizando as operações alheios aos ensinamentos reconhecidos pelos universitários. Muitas vezes, não tinham acesso aos escritos dos mestres para poder compreender e explicar o funcionamento e os problemas do corpo humano.

Quando menciona-se a prática médica medieval, chama a atenção o caso da anatomia que era pobremente representada na Alta Idade Média. Tanto na França quanto na Inglaterra, os cirurgiões do fim da Idade Média eram frequentemente iletrados como os barbeiros as quais delegaram rapidamente a responsabilidade pelas operações mais comum como a sangria. No entanto, na Itália os práticos letrados e laicos foram mais numerosos e o exercício da cirurgia mais valorizado. Uma das universidades que já tinha o curso de cirurgia era a de Bolonha. Ao contrário de Paris, onde a faculdade de medicina impôs aos seus bacharéis o juramento de não intervir manualmente sobre o corpo humano, em Bolonha, médicos e cirurgiões se mantiveram unidos dentro da faculdade (POUCHELLE, 2002).

Até o século XIII, o ensino médico-cirúrgico era baseada nas leituras das autoridades Galeno e Avicena, quase desprovida de iconografia e oficialmente privada da observação direta do cadáver. As aulas de anatomia eram teóricas baseada nos conhecimentos

fornecidos pelos livros, uma vez que não havia uma aula prática de dissecação para que o aluno conhecesse, sem intermediário, os órgãos e o funcionamento do corpo.

Em Bolonha, o ensino cirúrgico foi realizado desde o início do século XIII pelo cirurgião da cidade Hugo de Borbogognoni[18] (1160-1257). Um de seus discípulos, Guglielmo de Saliceto (1210-1276/1280) exerceu um importante papel nessa área ao escrever uma obra intitulada *Cirurgia*[19] voltada para as necessidades de conhecimento dos seus alunos.

Nessa obra encontram-se os princípios da cirurgia praticada em Bolonha no século XIII. Com ela percebe-se que um bom cirurgião deveria conhecer não somente a prática cirúrgica, mas também os aspectos teóricos e práticos da Physica. Deveria conhecer as coisas naturais, não-naturais e contra a natureza e também os outros dois ramos da prática médica: a dietética e a terapêutica. E detendo esse conhecimento, o cirurgião devia ganhar experiência presenciando as operações (AGRIMI; CHIARA, 1994).

Mesmo assim, os avanços em relação à anatomia só vão ocorrer no século XIV, sobretudo em Bolonha com as dissecações públicas com o objetivo de conhecer a forma e as funções dos órgãos. Esse progresso no conhecimento direto do corpo humano no fim da Idade Média se deu pela inovação aristotélica e só foi possível do momento em que começaram a ser utilizados corpos de criminosos que sofriam a pena de morte. E mesmo assim, a prática da dissecação dos corpos foi praticada, sobretudo para ilustrar o saber legado pelos grandes gregos e árabes e não por um espírito crítico de pesquisa (SOUSA, 1996).

Assim, poderia se afirmar que a medicina no século XIII como a filosofia compreendia uma parte teórica e uma prática cujo entendimento era mais do que a reflexão e a ação. Ambas eram consideradas como sendo ciências fundamentadas na reflexão e no raciocínio. É nesse sentido que Pedro Hispano afirma no início do primeiro opúsculo de sua

---

[18] Hugo Borbogognoni, mestre da Escola de medicina de Salerno nascido em Lucca, próxima de Pisa, cidades da Toscana, região central da Itália, que revolucionou o tratamento de feridas, preconizando o meio seco de cicatrização, e um dos fundadores da Escola de Cirurgia de Bolonha. Viveu em Parma antes de seguir para Bolonha (AGRIMI; CRISCIANI, 1994; SOUSA, 1996).

[19] A primeira versão foi escrita em Bolonha em 1268 quando Guglielmo de Saliceto era mestre nessa universidade. Em 1275, finalizou a segunda versão dessa obra na cidade de Verona (AGRIMI; CRISCIANI, 1994).

obra, *Suma da Conservação da Saúde*, que as doenças surgiam no corpo humano por negligência e, nesse sentido, ele indica alguns conselhos úteis para conservar a saúde e afirma que estes foram provados pela razão e pela experiência.

A parte teórica da medicina visava o conhecimento da própria saúde, a compreensão das causas da doença e compreendia o estudo da anatomia, fisiologia e patologia. Para isso, era preciso conhecer o funcionamento e desequilíbrio do corpo humano. Essa parte teórica permitia conhecer as causas e os sintomas das doenças fundamentando-se, principalmente, na filosofia natural de Aristóteles e nos ensinamentos galênicos sobre os elementos, os temperamentos, os humores, os componentes naturais como os órgãos e os elementos necessários à vida como o ar, a alimentação e a bebida, o sono...

Já a segunda parte, a prática, dedica-se aos cuidados que devem ser tomados em relação aos corpos sãos, para se manter a saúde e também aos corpos doentes, para restabelecer a saúde. Ela tinha como objeto o reconhecimento dos sinais nosológicos visando tratamentos que permitissem restabelecer a saúde. Ela expõe os conhecimentos em matéria de higiene (a arte de conservar a saúde) e da terapêutica que orienta o tratamento da doença.

A prática envolvia os três ramos fundamentais da medicina antiga: a dietética, a cirurgia e a farmacêutica. Quando a pessoa estava doente o tratamento poderia ser feito por intermédio de dois caminhos. Um deles é a farmacêutica, que caracterizava-se pelo emprego de medicamentos para recuperar a saúde por meio da prescrição de sangrias, purgativos, vomitivos e sudoríferos. Nesse ramo da medicina, os alimentos e os medicamentos eram classificados a partir de suas qualidades e dos seus temperamentos.

Ainda dentro da esfera terapêutica, um outro caminho para tratar a doença era a cirurgia, que se caracterizava pela intervenção manual. Os cirurgiões-barbeiros eram os profissionais responsáveis pelo tratamento das enfermidades mediante as operações. Eram bastante numerosos, já que a profissão não exigia uma aprendizagem muito demorada. As responsabilidades dos cirurgiões iam além do curativo de feridas, cabendo-lhes também

cuidar de fraturas, luxações, extrações de tumores, abertura de abcessos superficiais e o tratamento de pele (GONÇALVES, 1988).

Já, o ramo da medicina que se encarregava de preservar a saúde é a dietética, cujo estudo e conselhos são direcionados às pessoas sãs para estas continuarem vivendo bem e tranqüilamente. Era a esse ramo da medicina que os físicos se dedicavam. Os seus campos de estudo e os seus meios de intervenção ultrapassavam os cuidados com a alimentação, pois envolvia também conselhos sobre os exercícios esportivos, a ginástica, o trabalho, os banhos, o sono, a atividade sexual, o vômito, a purgação, cuja função não é somente curar, mas também conservar a saúde e prevenir doenças (MAZZINI, 1998).

Mediante a influência árabe, a medicina medieval apoiou-se, sobretudo, nos ensinamentos de Avicena, cujas concepções de higiene exerceram uma grande influência sobre os regimentos de saúde na Idade Média. Para este médico árabe, a higiene e a terapêutica andam lado a lado. São duas práticas complementares. A primeira ensina como cuidar do corpo para se ter uma boa saúde. A segunda consagra-se aos cuidados com o corpo doente. Essa é uma das originalidades da medicina muçulmana que atribuía grande importância à prática, principalmente aos meios terapêuticos. A higiene é explicada levando-se em consideração os diversos pontos de vista como a idade do indivíduo (infância, idade adulta, velhice), as estações do ano e as situações particulares como as viagens. Para a medicina, um de seus principais legados foi o Cânon[20], uma enciclopédia médica em que procurou conciliar as doutrinas de Hipócrates e Galeno com os postulados de Aristóteles (SOTRÉS, 1995).

Dos três ramos da literatura médica, podemos apresentar o regimento de saúde *Líber de Conservanda Sanitate* como sendo uma obra de caráter dietético, uma vez que se

[20] O canon é um tratado que foi considerado da mais alta autoridade durante séculos. Está dividido em cinco livros. No primeiro, trata-se da anatomia, da fisiologia e da patologia. No segundo, descreve por ordem alfabética os medicamentos simples. No terceiro estuda as doenças segundo a região do corpo. O quarto, trata-se das doenças gerais que afetam ao mesmo tempo várias partes do corpo, como as febres ou a varíola. O quinto livro, chamado *Antidotário*, ocupa-se do estudo dos medicamentos compostos (SOUSA, 1996).

destina às pessoas sãs para regular suas vidas. Além disso, esta obra é constituída por um conjunto de normas, conselhos que visam à manutenção da saúde mediante a combinação de exercícios, massagens, banhos, sono e o regime alimentar de acordo com o temperamento dos indivíduos e em função das estações e das qualidades inerentes aos alimentos. A análise desse documento nos mostra que para a medicina medieval, mais que curar as doenças os físicos deveriam preocupar-se em preveni-las, comprovando assim, o caráter preventivo dessas obras.

No que se refere à medicina medieval, sabe-se que a teoria consistia na ciência que permite conhecer as causas da doença, enquanto a prática permitia conhecer o modo de ação das enfermidades. Nesse sentido, os regimentos de saúde são importantes porque estão repletos de conselhos e prescrições de medidas dietéticas, cujo propósito era orientar a conservação da saúde por meio do fortalecimento do corpo, dificultando assim, o surgimento de doenças.

Eles nos permitem desvendar o papel dos físicos na sociedade medieval. Sabemos que muitos dedicavam se ao ensino universitário e exercia a clínica trabalhando a serviço de autoridades como os reis e papas. Com o conhecimento adquirido ao longo dos anos de estudo os físicos podiam diagnosticar as doenças, e prescrever o tratamento, mas a interferência manual se fosse necessária caberia aos práticos.

No prólogo, presente no primeiro opúsculo, como já mencionado anteriormente, Pedro Hispano apresenta o seu conceito de saúde. Define também o papel dos físicos os quais afirmavam que desde o nascimento até a morte, o corpo humano está sujeito a mudanças. Algumas previsíveis e outras nem sempre desejáveis como as doenças. Assim, já que o corpo humano era considerado suscetível de corrupção, podendo alterar a harmonia responsável pela saúde e conseqüentemente gerar a doença, era necessário seguir algumas regras para se manter a saúde. Essa preocupação em seguir determinados conselhos tem a sua explicação nas próprias palavras de Pedro Hispano que considera "...mais útil prevenir as doenças, do que uma vez contraídas andar a pedir auxílio" (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p.446).

Percebe-se assim, no início da obra, a importância do papel dos físicos e a finalidade dos regimentos que, na literatura médica medieval representam um gênero cuja principal preocupação era conservar a saúde.

Assim, é importante a análise das teorias, da estrutura, e dos principais elementos presentes no regimento de saúde de Pedro Hispano, uma vez que esta fornece chaves que nos ajudam a perceber como se dava a passagem da teoria à prática médica dos físicos, uma vez que esse gênero literário reflete as principais transformações pelas quais passava a Medicina no século XIII.

2.2 As teorias médicas e filosóficas presentes na obra.

Como vimos anteriormente, para Pedro Hispano, saúde associa-se à conservação do que é natural no homem. Para compreender o conceito de natural é necessário conhecer o *cosmo* físico descrito por Aristóteles e pela ciência grega e a filosofia natural aristotélica da qual o conceito de natureza extrairá suas significações e suas leis. Ou seja, a medicina universitária do século XIII utilizava essa física de Aristóteles para explicar os fenômenos naturais e inserir o funcionamento do corpo humano em uma interpretação global do universo. Além desse conhecimento, é preciso recorrer a algumas teorias médicas, como as c*oisas naturais, coisas não naturais* e *coisas contra a natureza* que fornecem as explicações de muitos fenômenos internos e externos ao corpo humano.

No que se refere ao conceito natural, sabe-se que ele relaciona-se à fisiologia, ou seja, trata das funções orgânicas e dos processos vitais do corpo humano. Na medicina do Ocidente medieval, a fisiologia é ligada à expressão *Coisas naturais* (JACQUART, 1995). Uma *coisa natural* é algo interno à natureza do corpo humano e necessário para o seu funcionamento. Os físicos medievais apoiavam-se na teoria das seis *coisas naturais*, de

autoria galênica, e a essas acrescentavam uma sétima, os espíritos, introduzida no século IX, pelo tradutor do grego em árabe, Johannitus[21]. Assim, as sete *coisas naturais* podem ser classificadas em:

1ª coisa natural: os quatro elementos que constituem todo o universo.

2ª coisa natural: as compleições.

3ª coisa natural: os humores.

4ª coisa natural: as partes sólidas do corpo humano.

5ª coisa natural: as operações.

6ª coisa natural: as faculdades.

7ª coisa natural: os espíritos.

Percebe-se assim que na medicina medieval, as regras de higiene se articulavam em torno de uma coisa "natural" ao corpo humano. Contudo, a arte de conservar a saúde não reside somente no equilíbrio das sete *coisas naturais.* As concepções de higiene expostas no *Líber de Conservanda Sanitate* referem-se também as *coisas não naturais* necessárias para se manter a saúde. Por *coisas não naturais* entende-se algo exterior à natureza do corpo humano, mas essenciais para o seu funcionamento. Segundo Sotres (1995), os regimentos de saúde medievais foram escritos em torno de seis *coisas não naturais* que podem ser classificadas em:

1ª *Coisa não natural*: o ar e o meio ambiente.

2ª *Coisa não natural*: os alimentos e as bebidas.

3ª *Coisa não natural*: a retenção e a expulsão.

4ª *Coisa não natural*: o exercício e o repouso.

5ª *Coisa não natural:* o sono e a vigília.

6ª *Coisa não natural:* as paixões da alma.

[21] Hunain Ibn Isaac (810-877), conhecido no Ocidente europeu como Johannitius, foi responsável pela tradução do grego para o árabe várias obras médicas como o *Corpus hippocraticum*, a *Matéria Médica* de Dioscórides, os *Sete livros* de Paulo de Egina. Traduziu também obras científicas e filosóficas de Platão e Aristóteles (Sousa, 1996).

Além dessas teorias, há ainda no regimento uma outra conhecida como *coisas contra a natureza* que podem ser entendidas como sendo as enfermidades. Essas constituem-se também, na fundamentação teórica essencial para diagnosticar e tratar as doenças. Os físicos, através da observação e das descrições das enfermidades nos tratados das principais autoridades, procuraram perceber as causas das doenças e os sintomas para assim aplicar os remédios para curá-las e também poder prevení-las. Para estes, as enfermidades aparecem quando as leis naturais que regem o equilíbrio do corpo são transgredidas, ou seja, a alteração na harmonia responsável pelo estado de saúde provocaria as doenças. As causas dessa alteração podiam ser encontradas em fatores externos e internos: na ação do meio ambiente, no modo de vida das pessoas, nas bebidas e comidas em excesso, na falta de repouso e exercício...

No que se refere à primeira *coisa natural*, sabe-se que na filosofia grega, considerava-se que o universo era formado por quatro elementos fundamentais: a terra, o fogo, a água e o ar, que isoladamente ou associados em diferentes proporções, constituía-se nos elementos básicos e formadores de todas as coisas no universo. São esses elementos que apóiam e dão estrutura e corpo aos fenômenos da natureza. A cada um desses elementos ligava-se as qualidades quentes, frio, úmido e seco. O elemento água é frio e úmido; a terra é fria e seca; o fogo é quente e seco; e o ar é quente e úmido.

A segunda *coisa natural*, compleição, pode ser entendida como a mistura das qualidades no corpo natural. De todas as contribuições da doutrina galênica, este conceito é o mais utilizado no decorrer dos três opúsculos do regimento analisado. No início do primeiro opúsculo, *Suma da Conservação da saúde*, Pedro Hispano ao aconselhar como as pessoas como deveriam se alimentar, diz ser necessário "vigiar solicitamente quanto a sua compleição pede e requer" (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p. 450).

Ou seja, é necessário saber a idade do paciente, se é magro ou gordo, saber qual o humor predominante e, conseqüentemente, o seu temperamento. Assim, o físico saberia quais

conselhos seriam mais apropriados de acordo com a compleição do indivíduo. Ainda no primeiro opúsculo, ao indicar os banhos e explicar os seus benefícios, Pedro Hispano, novamente menciona este conceito galênico.

> Nos banhos temperados faz bem urgir com espica-nardi e põem-se à prova os segredos da natureza. Com efeito, o coração dilata-se com a alegria da alma, o sangue aumenta, a Compleição purifica-se. Portanto, devem-se usar bons electuários* a fim de fortalecer a digestão e a natureza e repelir as ventosidades (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p. 448).

Esta segunda *coisa natural* engloba a constituição física, a disposição do espírito e os temperamentos dos indivíduos. O jogo dos quatro elementos, dos humores e das quatro qualidades determinava a compleição indivídual. É importante lembrar que para os homens da medicina havia uma interação entre as qualidades que produzia a mistura dos corpos e as ações do mundo terrestre. E era essa mistura das qualidades que produzia a compleição, resultado da ação e efeito dos corpos celestiais na terra (FRENCH, 2000).

Sobre a terceira *coisa natural*, os humores, sabe-se que para a medicina antiga e a medieval a teoria humoral fornecia a explicação sobre o estado de saúde e doença. De acordo com essa teoria, o corpo humano é constituído por líquidos ou humores, a saber, o sangue[22], a fleuma*[23], a bile amarela* e a bile negra* originados respectivamente no coração, no cérebro, no fígado e no baço. As quatro qualidades (calor, frio, umidade e secura) dos elementos da natureza também são atribuídos aos humores do corpo. O sangue é quente e úmido, como o ar; a fleuma, fria e úmida como a água; a bile amarela, quente e seca como o fogo; a bile negra, fria e seca como a terra.

---

[22] De acordo com Galeno, existe no corpo humano dois tipos de sangue: o venoso e o arterial. O primeiro é constantemente renovado pelo alimento e a partir do fígado nutre o corpo. Já o sangue arterial tem como função distribuir o calor vital a partir do coração (GOUREVITCH, 1995).

[23] O significado das palavras com * encontra-se no glossário final do trabalho.

Hipócrates[24], um dos gregos criadores dessa teoria, defendia a idéia de que esses humores eram responsáveis pela saúde quando estavam balanceados e perfeitamente misturados. Caso contrário, qualquer alteração na quantidade ou proporção de um deles, ou se um se isolasse haveria como resultado as doenças. Galeno também concebia a saúde como resultado do equilíbrio dos humores e defendia a existência do predomínio dos humores de acordo com a idade do homem e as estações do ano: o sangue na primavera e na infância; a bile amarela no verão e na juventude; a bile negra no Outono e na idade madura; a fleuma no inverno e na velhice.

Assim, pode se afirmar que a medicina galênica, seguindo a hipocrática, estrutura-se em torno da "teoria dos humores". Por intermédio dela é que conceituaram saúde e explicaram o aparecimento de doenças. Para Galeno, da teoria dos quatro humores dependiam os quatro temperamentos dos indivíduos, ou seja, o predomínio do sangue, da fleuma, da bile amarela ou da bile negra era responsável pelo comportamento das pessoas.

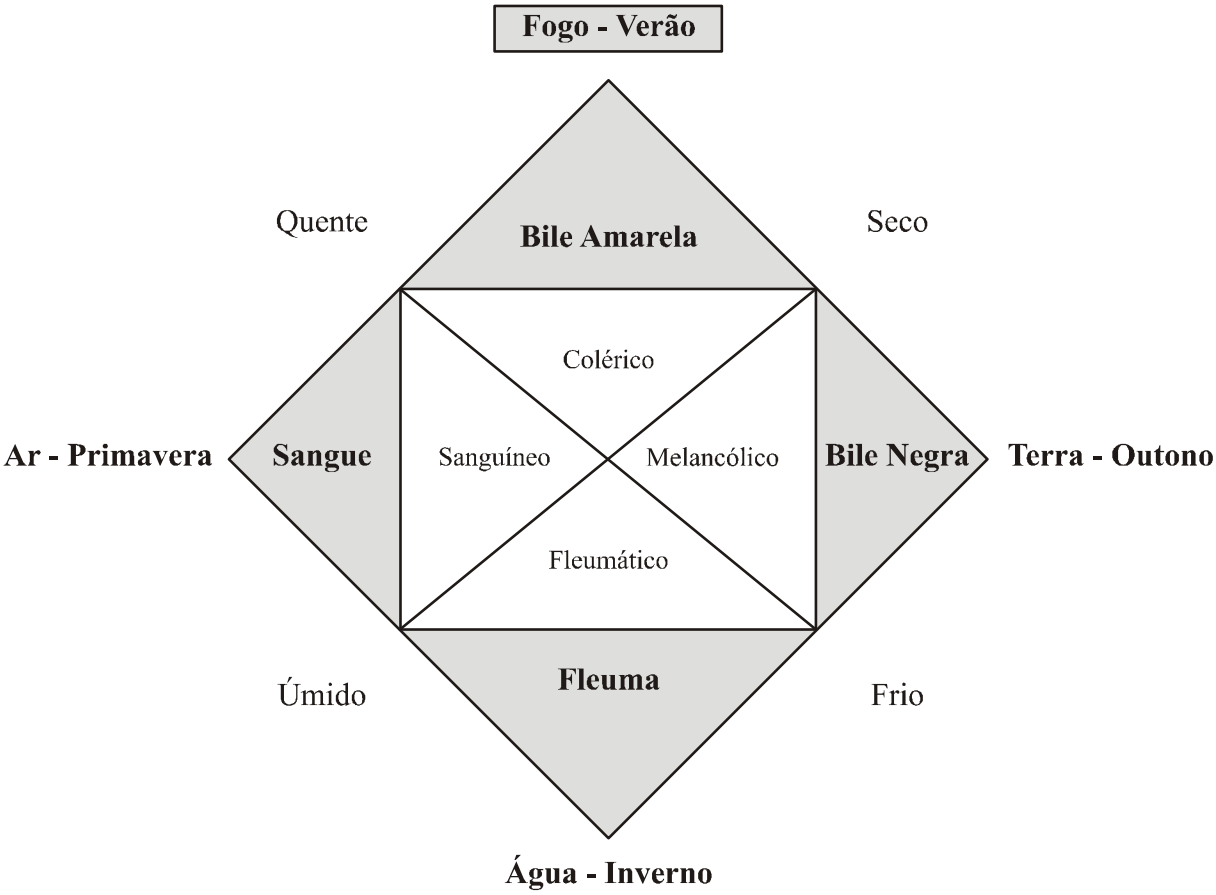
Assim, os sanguínios são aqueles em que prevalece o sangue, tornando-os alegres, férteis... Os fleumáticos definidos pelo predomínio da fleuma são serenos, pacientes... Já os coléricos, aqueles nos quais a bile amarela é dominante, são indivíduos agressivos, impacientes. Para os melancólicos, o predomínio da bile negra tornava-os indivíduos tristes, deprimidos e com instabilidade emocional.

A relação entre elementos, humores, estações do ano e temperamentos pode ser melhor explicada pela figura abaixo:

---

[24] Hipocrates nasceu na ilha de Cós, em 459 a.C e morreu em Larissa, na Grécia, em idade avançada. Pertencente a uma família de antigas tradições médicas, filho de um médico que foi o seu primeiro mestre. Os seus escritos e os de seus discípulos formam o chamado *Corpus Hipocraticum*. Dentre as várias obras merece destaque: Aforismos, Da medicina sagrada, Da medicina antiga, Epidemias, Do regime nas doenças agudas, Da cirurgia, prognósticos..

Quadro 1: A teoria humoral



Fonte: SIGERIST, Henry E. *A History of Medicine: early Greek, Hindu and persian medicine*. New York: Oxford University, 1961.

A teoria humoral era utilizada pelos físicos que buscavam articulá-la à natureza das estruturas vitais do corpo humano. Os quatro humores combinariam-se para formar os tecidos, os quais constituiriam os órgãos. Estes compõem a quarta *coisa natural* que se refere às partes sólidas do corpo. E estas podem ser os órgãos de estrutura mais complexa (o cérebro, o coração, o fígado...) ou os chamados *homeómeros* os quais as partes elementares que os constituem são iguais umas às outras como os ossos e os músculos (SOUSA, 1996).

Nos estudos sobre o corpo humano, uma das questões sempre levantada era sobre quais seriam os órgãos vitais ou principais. Para os galenistas, estes seriam três ou quatro: o cérebro, o coração e o fígado, que são a origem respectiva dos nervos, das artérias e das veias; e os testículos que concluem a elaboração do esperma que também era classificado entre os

órgãos principais. Já para Arnaldo de Vilanova[25], um órgão é dito principal quando nele se encontra uma faculdade que dirige e comanda outras partes do corpo. Assim, mesmo o coração sendo o "primeiro princípio" se ocorrer um desequilíbrio na faculdade nutritiva, seriam os instrumentos da nutrição que deveriam ser tratados e não o coração (JACQUART, 1995).

A quinta *coisa natural*, as operações, refere-se às funções desempenhadas por cada uma das partes sólidas do corpo. No corpo humano, tudo desempenhava uma determinada função. Todos os órgãos, em conjunto, contribuem para um fim: a propagação da espécie (órgãos genitais); a manutenção da vida (cérebro, coração e fígado); qualidade de vida (olhos, nariz, orelhas, mãos).

Para completar a idéia básica dessa fisiologia tem-se a noção de "faculdades" ou *dynamis* (*sexta coisa natural*) segundo as quais o organismo realiza todas as funções e dirige os seus próprios processos de formação, crescimento e nutrição. As faculdades contribuíam na realização das grandes funções biológicas: digestivas, nutritiva, de crescimento, locomotiva, a saber, as faculdades atrativa, retentiva, expulsiva, secretiva. A cada órgão é atribuída uma das faculdades correspondentes às funções que ele exerce (JACQUART, 1995).

Além da harmonia entre os humores, as funções vitais dependiam também dos movimentos de três espíritos ou pneumas (*sétima coisa natural*): o espírito animal do cérebro; o espírito vital do coração; e o espírito natural do fígado. O ar introduzido nos pulmões pela respiração, penetra no coração onde se transforma em pneuma vital o qual é distribuído a todos os órgãos pelas artérias. O pneuma que pela via arterial, atinge o cérebro é transformado em pneuma animal e conduzido aos diferentes órgãos pelos nervos. E é através das veias que o pneuma natural era conduzido junto com o sangue do fígado para os órgãos, levando-lhes substâncias nutrientes.

---

[25] Arnaldo de Vilanova (1235-1311), nascido em Catalão, cursou a Faculdade de Medicina em Nápoles. Foi mestre de Medicina em Montpellier que então pertencia ao reino de Aragão.

2.3 A estrutura do *regimento de saúde*

2.3.1 Suma da Conservação da Saúde

Neste opúsculo, Pedro Hispano trata da saúde, em geral, e revela uma preocupação com a sua conservação, recomendando-se preceitos higiênicos que são ordenados, inicialmente abordados no primeiro opúsculo, durante o dia e em seguida, nos demais segundo cada uma das quatro estações do ano. No primeiro capítulo intitulado "Início", há várias recomendações sobre os cuidados que devem ser tomados com o corpo no decorrer do dia, desde o momento em que se levanta até a hora de dormir, tais como a limpeza do corpo, os exercícios matinais, banhos, as maneiras de dormir e como deve proceder à alimentação, considerando sempre o cuidado com as qualidades inerentes aos alimentos.

Os físicos medievais acreditavam que as estações do ano possuíam as mesmas qualidades que os humores: o inverno era a estação fria e úmida; o verão era a quente e seca; o outono era a fria e seca; e a primavera era a quente e úmida. Percebe-se que os humores, por possuírem as mesmas qualidades que a estação do ano dominante, criavam em determinada época, uma disposição para certas doenças. Assim, a fleuma, que como o inverno, era fria e úmida, tendia a aumentar nesse período, no qual prevaleciam as doenças fleumáticas, sendo muito comum observar pessoas espirrando e assoando o nariz. Do mesmo modo, na primavera, estação quente e úmida, havia o aumento do sangue possuidor dessas mesmas qualidades, causando desinteria**,** sangramento do nariz e outras hemorragias. Processo semelhante ocorria durante as demais estações do ano (SIGERIST, 1961).

Assim, pode-se compreender o conceito da força curativa da natureza que foi utilizado por Galeno e também pelos físicos medievais. Assim, quando ocorria uma desorganização humoral responsável pela doença, a própria natureza, ou seja, o corpo do doente, procurava restabelecer o equilíbrio perdido, e encontrava meios de corrigir a

desarmonia dos humores, eliminando o humor prejudicial por meio do sangue, suor, pus, vômito, evacuação... Acreditava-se também que a febre representava a batalha do corpo para curar-se. Desse modo, como o corpo possuía seus próprios meios de recuperação, cabia ao físico o papel de apenas auxiliar o organismo na restauração do equilíbrio, acelerando a eliminação do humor, prescrevendo o uso de sangrias, laxativos, eméticos, clisteres... (OLIVEIRA, 1981).

Nesse opúsculo, Pedro Hispano apóia-se principalmente nos ensinamentos de Galeno, utilizando-os ao longo do texto. Ao analisar como se deveria proceder a alimentação em cada estação do ano, remete-se ao conceito galênico do uso dos contrários, referindo-se às qualidades (quente, seco, frio, úmido), segundo os quais um par contrário repele o outro, ou seja, o quente/seco repele o frio/úmido. Nesse sentido, os medicamentos e os tratamentos eram usados de acordo com seus efeitos sobre as suas qualidades. Assim, para doenças úmidas (edemas, fluxos), recomendava-se remédios secos. Do mesmo modo, durante as estações do ano deveria se usar alimentos com qualidades contrárias às predominantes naquele período (SIGERIST,1961).

> Por isso diz Galeno: no verão multiplica-se a cólera, no inverno a fleuma, porquanto um contrário repele o outro. E assim por diante. No inverno devem usar substâncias realmente quentes, ao passo que no verão devem servir-se as frias (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p. 480).

Essa era a razão pela qual no verão, uma estação de caráter quente e seco, e que propiciava o aumento da bile amarela, era aconselhado no regimento de saúde em questão, uma atenção redobrada ao que é consumido. Recomendava-se assim, o uso de certos alimentos frios e úmidos para não se perder o equilíbrio dos humores. Sempre em obediência à doutrina humoral, aconselhava-se na primavera, estação propícia ao aumento do sangue, o uso de sangrias, laxativos (purga de ruibarbo), banhos em água tépida e alimentar de

substâncias frias. O outono, que é descrito por Pedro Hispano como sendo frio e seco, recomendava-se usar substâncias quentes e úmidas como frangos, anhos*, produtos doces, vinho velho e fino. Durante o inverno, deveria abster-se do uso de sangrias e de alimentos frios e úmidos porque está é uma estação em que a fleuma é dominante e o uso desses alimentos propiciaria o aumento desse humor.

Quadro 2: Os cuidados dietéticos ordenados de acordo com as estações do ano.

Estação do ano	Definição	Procedimentos recomendados	Procedimentos não recomendados
Primavera	É uma estação quente e úmida.	Deve-se usar ceratos aromáticos, tirar-se sangue da veia hepática, fazer uma purga de ruibarbo, banhar-se em água tépida e servir-se de frango, codorniz, alface, leite de cabra.	Pessoas pouco resistentes não devem tomar banho frio.
Verão	É uma estação quente e seca.	Deve-se alimentar tudo o que for frio e úmido, como carne de vitela, de carneiro, de frango, farinha de cevada com leite de amêndoas, uvas maduras e figos e alfaces cozidas com carne.	Deve-se evitar substâncias quente e secas, a saber, comidas com alho e pimenta e vinho forte.
Outono	É uma estação fria e seca.	Deve-se usar substâncias quentes e úmidas como frangos, anhos, produtos doces, vinho velho e fino.	Deve-se abster-se de tudo o que gera a cólera e do uso de Vênus.
Inverno	É uma estação fria e úmida.	Usem-se alimentos quentes e úmidos como borrachos, carneiros e todos os produtos quentes, como figos e nozes, vinho tinto. Tempere o ar com ungüentos quentes e espécies aromáticas.	Não faça uso de sangria e de Vênus.

Fonte: *Líber de Conservanda Sanitate.*

2.3.2 Coisas que fazem bem e mal

Se na primeira parte da obra, Pedro Hispano trata da saúde em geral, na segunda, *Coisas que fazem bem e mal*, faz recomendações sobre cada órgão em particular, apresentando uma lista de substâncias (alimentos e medicamentos) benéficas e maléficas a cada membro do corpo. Este é outro tipo de regimento, geralmente chamado *De conferentibus et nocentibus* que é esquematizado de forma a listar os cuidados necessários a cada membro do organismo. Esses textos possuem diversas prescrições destinadas a preservar a saúde de

todos os órgãos do corpo, indicando as coisas que lhes fazem bem e as que lhes fazem mal (SOTRÉS, 1995).

Este opúsculo está dividido em um prólogo e vinte capítulos. Os cuidados são descritos partindo das diferentes partes do corpo humano. Na estrutura de cada capítulo deste opúsculo percebe-se que primeiro apresenta-se a definição do órgão para depois listar as coisas benéficas e maléficas. A descrição dos órgãos humanos obedece a uma certa hierarquia: primeiro é descrito o cérebro e os demais órgãos da cabeça, como os olhos, os dentes e os ouvidos. Depois, passa-se aos órgãos do tórax, do abdômen, e por último, os membros superiores e inferiores. Para quase todos os órgãos, há uma definição envolvendo sua natureza e sua função. Seguindo a definição do órgão, o autor lista as substâncias que a eles fazem bem e as que fazem mal.

O cérebro, por exemplo, é descrito como "órgão nobre, esponjoso, de cor branca, composto de três partes, base de todo o corpo, e denominado sede da alma pelos profetas" (*Líber de Conservanda Sanitate, 1973,* p.454). As coisas que fazem mal ao cérebro são: ar impuro, preocupações, tristeza, ira, excessos de vigília, banhos a seguir às refeições...

Já os olhos são descritos como sendo "as janelas da alma, para se verem através deles, como por uma varanda, as cores e as figuras" (*Líber de Conservanda Sanitate, 1973,* p.454). Nessa descrição dos olhos, há uma menção a Platão que considera "a vista de maior utilidade" (p.454). Ao prescrever as coisas que fazem bem aos olhos, Pedro Hispano cita na mesma página, dois versos do *Regimento de Salerno* no qual consta que "Funcho*, urgebão*, rosa, erva-andorinha, arruda; disto se faz uma água que torna a vista aguda" (p.456). Outra recomendação de coisas benéficas aos olhos inspirada neste regimento é a de mergulhar os olhos em água fria no verão. Aos olhos, fazem mal o choro, embriaguez em excesso e vigílias imoderadas.

Ao coração, descrito como sendo "um órgão côncavo, cavernoso em baixo, amplo em cima e é termo de todas as operações da alma segundo o testemunho de Galeno" (*Líber de*

Conservanda Sanitate, 1973, p.462) recomenda-se hortelã-de-água, melissa, manjericão e mangerona, cheiro aprazível dos pomares e prado e bons electuários* de âmbar e alecrim. Assim, fazem mal ao coração: fumo, ar infecto, inchação, tristeza, excesso de estudo, de meditação e de vigílias, exagero na comida e na bebida...

Ao passo que o baço é tido como "um órgão melancólico, grosseiro, ponto de confluência de humores, e de natureza eliminadora, pois tal como a vassoura limpa a casa, de modo semelhante o baço purga o fígado dos excessos de bílis negra" (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p.468). Entre as coisas citadas por Pedro Hispano que fazem bem ao baço temos: orégão, alfazema, gengibre, electuário* de aloés*, semente de funcho, arruda, a dieta ordenada, a flebotomia* da veia hepática da mão esquerda e, por vezes, da outra mão. Fazem mal ao baço: pão ázimo*, todos os fritos, vinho doce, mel, figos, leite azedo, cerveja...

De todos os órgãos citados, o que merece uma maior atenção, por estar intimamente ligado à alimentação é o estômago, que é definido como "o pai de família, que quando passa mal, todos os órgãos se sentem pior" (p.464). Recomenda-se comer, quando se sente fome, sobretudo coisas mais fáceis de digerir e que amolecem o estômago, como: carne de vitela, de vaca, de lebre, de veado, caldo de carne, pão ázimo* mergulhado no vinagre... Dentre as coisas que fazem mal destaca-se: comida e bebida em excesso, mastigar imperfeitamente os alimentos, tudo o que for de difícil digestão e nozes, avelãs, queijo seco, frutos frescos como pêssegos, amoras, maçãs doces que facilmente se estragam.

Em algumas partes do regimento, percebe-se a presença dos ensinamentos do médico árabe Avicena que, por sua vez, é uma das principais autoridades a quem Pedro Hispano recorre em busca de subsídios e prestígio para a sua obra. No último opúsculo, ao prescrever o uso de ventosas, Pedro Hispano novamente se espelha nos ensinamentos de Avicena que considera o uso de ventosas necessário "porque limpam eficazmente uma parte da pele, mais do que a flebotomia*, e extraem mais sangue fino do que grosso" (*Líber de Conservanda Sanitate, 1973,* p. 484).

2.3.3 Preservação da saúde

Enquanto os primeiros opúsculos versam sobre a saúde em geral e a particular do corpo, a última parte revela várias recomendações visando preservá-la por meio de certos cuidados com a alimentação, exercícios, banhos, sono. Esta parte do regimento é composta por um prólogo, no qual predomina os cuidados com a saúde do estômago e vinte e três capítulos nos quais se apresentam os mais variados cuidados para se manter a saúde.

Dentre os conselhos destacam-se: os exercícios considerados importantes no auxílio da digestão, pois para gerar humores a partir da comida, para misturá-los, para restaurar o equilíbrio era necessário uma atividade física. Em seguida, é prescrita uma dieta, de acordo com cada época do ano, indicando os tipos de carnes, peixes, laticínios, frutas, nozes e vinhos mais recomendáveis, devido a suas qualidades que deveriam ser sempre contrárias às da estação dominante. Essa dieta seria complementada com recomendações acerca da melhor maneira de dormir e do tipo de banho que se deve tomar para finalidades determinadas.

Neste último opúsculo, *Preservação da Saúde*, pela própria sistematização com a indicação de vários procedimentos de caráter geral como a dieta alimentar, exercícios, banhos, sono e também tratamentos contra veneno e algumas moléstias leva a crer que se trata de um texto que talvez tenha sido utilizado no ensino do curso de medicina. Nesse sentido, este opúsculo pode ser encaixado na categoria dos regimentos de saúde direcionados a um público geral. Estes regimentos, pela própria atividade didática dos autores, os físicos, levavam em consideração todas as características da vida humana.

Os regimentos são obras dietéticas direcionadas às pessoas sãs para que estas continuem a viver bem e tranqüilamente. Ao analisar o *Líber de Conservanda Sanitate,* principalmente o último opúsculo, percebe-se que são citadas várias doenças como a fístula*, a lepra*, a epilepsia*, a apoplexia*, a síncope* e a sufocação da madre*. No entanto, se esta obra é um regimento, portanto sem finalidade terapêutica, por que menciona as doenças? Qual

a intenção do seu autor? Percebe-se que a maioria das enfermidades não é descrita e nem explicada. A intenção do autor ao mencioná-las é indicar alguns medicamentos e conselhos para evitá-las. Usando as próprias palavras do autor “os medicamentos são convenientes para conservar a saúde e curar a doença” (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p. 490).

Na Idade Média, a medicina possuía um saber prático voltado diretamente para o doente, procurando o controle da moléstia e, principalmente, para as pessoas sãs visando à preservação da saúde. As descrições das doenças com seus sintomas presentes nessas obras médicas facilitavam o diagnóstico da enfermidade. Ao conhecer as doenças era possível indicar vários conselhos para evitá-las. Assim, a ação do físico medieval consistia, então, em indicar às pessoas saudáveis o meio para se manter o equilíbrio dos humores do corpo e em tentar restabelecê-lo quando ele desaparece em resultado de fatores externos como o clima e, internos, como a alimentação.

Essas medidas têm um caráter prático e comprovam a existência na Idade Média de uma medicina de cunho preventivo, preocupada em descobrir as causas das doenças, para então preveni-las. Ao descobri-las, tornava-se possível prescrever não apenas o tratamento, mas formas adequadas de prevenção. Assim, podemos constatar que, se o indivíduo tivesse o cuidado de escolher os alimentos mais apropriados a cada estação do ano e combinasse a eles uma dieta juntamente com exercícios, banhos e descanso adequado, teria como resultado uma vida tranqüila e saudável. Nesse ponto, podemos compreender o porquê da presença no regimento de saúde de Pedro Hispano da teoria médica das *coisas contra a natureza*.

De todas, a única doença que é descrita por Pedro Hispano é a chamada “Excesso de calor” caracterizada pelos sintomas de inquietação, insônia e sede excessiva. Ela prevalece em regiões quentes, no verão e nos indivíduos coléricos por natureza. Se a pessoa se encaixa numa dessas categorias, vive em lugares quentes ou está no verão deveria recorrer a certos conselhos como a ingestão de alimentos frios como leite de amêndoas, alface, ameixas e açúcar.

Além dos cuidados para curar e também evitar essa doença, Pedro Hispano apresenta também, alguns procedimentos e o uso de substâncias a serem adotados no tratamento contra veneno em alimentos ou bebidas. O primeiro conselho é provocar o vômito com água tépida e azeite que é considerado por Pedro Hispano um ótimo remédio. Em seguida, deveria ser feito um clister* laxativo e usar uma teriaga*. No quarto dia, recomenda-se o uso de sangria e banho. Outro remédio "eficaz contra veneno" são nozes e avelãs comidas com arruda e sal. Já no veneno por mordeduras ou picadas deve-se abrir a ferida para sair o "sangue mau". Além disso, deve-se aplicar uma ventosa para sair todo o sangue infectado.

Para Pedro Hispano, o veneno adquirido por meio de bebidas e de alimentos podia ser quente, frio, seco ou úmido. Nesta parte do texto, ao discutir as qualidades inerentes aos venenos, o autor do *Líber de Consevanda Sanitate* recorre ao médico judeu Isaac[26] que considerava o veneno de teriaga* como sendo quente e o da aranha e o do escorpião como sendo frio.

Ainda nesta parte do texto, Pedro Hispano recomenda alguns repercussivos – medicamentos para facilitar a cicatrização. Além de auxiliar a cicatrizar a ferida, outro benefício dos repercussivos é o de abrandar a dor e repercutir a matéria. São todos frios como a água de rosas, suco de tanchagem* e suco de sempreviva*. Esses medicamentos são recomendados após o uso de sangrias ou sobre abcessos* que estiverem localizados próximos aos órgãos principais. Deve ser feito um emplasto e em seguida, untar-se um pano e aplicar sobre o local. Outro "supremo remédio" indicado é o uso de duas dracmas* de açafrão, para fortalecer a virtude do órgão, uma dracma de óleo de rosa e quatro gemas de ovo.

Do mesmo modo, algumas vezes é necessário o uso desses repercussivos e precisa-se também de maturativos cuja função é o amadurecimento do abcesso, acelerando a formação de pus e, conseqüentemente, levando à sua expulsão. É indicado o uso de fermento de trigo com banha velha e um pouco de sal que devem ser triturados e feito um emplasto para colocar sobre o abcesso.

---

[26] Isaac já foi mencionado anteriormente ver nota na p. 27.

O conjunto de conselhos prescritos visava propiciar o fortalecimento do corpo para assim, dificultar o aparecimento de doenças. Deste modo, pode-se afirmar que as recomendações para se conservar a saúde, presentes no regimento, apresentam um caráter preventivo uma vez que, seguindo as próprias palavras de Pedro Hispano no prólogo "é melhor preservar a saúde do que lutar com a doença, deve tratar-se da dita saúde" (*Líber de Conservanda Sanitat, 1973,* p. 446).

Pode-se perceber, então, que os físicos medievais formados nas universidades eram educados na filosofia natural aristotélica e no modelo galênico. Nesse sentido, deveriam-se conhecer a natureza (interna e externa) do corpo humano e o seu funcionamento com os elementos, as qualidades, os humores e as compleições que o constituem. Esses conhecimentos filosófico-naturais e as teorias médicas sobre as *coisas naturais*, *coisas-não naturais* e *contra-natureza* constituem-se na fundamentação teórica, essencial não somente para diagnosticar e tratar as doenças, mas também previní-las.

Nota-se, ao longo da obra analisada que na literatura médica medieval, predominava o interesse pela nutrição, exaltando a importância da moderação na dieta e a valorização do sono como medidas capazes de prevenir doenças e promover a harmonia necessária e responsável pela saúde do corpo humano. Assim, podemos apresentar o *Líber de Conservanda Sanitate* como sendo um conjunto de conhecimentos direcionados à melhoria das condições de saúde.

2.4 Elementos da dietética medieval

Como vimos anteriormente, Galeno exerceu uma grande influência nos regimentos de saúde. Para ele, a saúde é a existência de um equilíbrio ideal, de uma perfeita harmonia. A sua alteração provoca as doenças. As causas dessa alteração podiam ser

encontradas em fatores externos e internos: na ação do meio ambiente, no modo de vida e na idade das pessoas, nas bebidas e comidas em excesso, na falta de repouso e exercício... E o tratamento deveria considerar cada paciente em particular. Deveria observar o seu estilo de vida, se o paciente é um velho ou uma criança, se era magro ou gordo. Assim, dessas noções de Galeno surgirá a sua teoria das "*seis coisas não naturais*" que são à base dos regimentos de saúde.

Numa passagem de uma obra do século XII, o *Regimento de Saúde de Salerno*, já aludida em outro capítulo, percebe-se a presença dessa teoria das *coisas não naturais*. É uma espécie de Manual de higiene, do século XII, que foi escrito em versos para que pudesse ser guardado na memória. Representa a síntese da higiene medieval sendo rico em conselhos e advertências para se ter uma boa saúde por meio dos cuidados, principalmente, com a dieta, o sono, o exercício.

> Por essas linhas a escola de Salerno deseja
> Toda a saúde ao rei dos ingleses[27] e aconselha.
> A mente mantenha livre de cuidados, e da ira o coração,
> Não bebe muito vinho, ceie pouco, levante cedo,
> Depois de comer, ficar sentado causa danos;
> Depois do almoço mantenha abertos seus olhos
> Quando sentir as necessidades da natureza,
> Não as retenha, pois isso é muito perigoso,
> E use ainda três médicos, o primeiro o Doutor Descanso,
> Depois o Doutor Alegria e o Doutor Dieta.
> (*Regime Sanitatis Salernitarum*. Apud: SOUSA, 1996, p. 184)

Ao analisar o *Líber de Conservanda Sanitate* percebe-se também, nos dois primeiros opúsculos, a presença desses princípios ou elementos que são a base que estrutura um regimento de saúde. No entanto, as seis *coisas não naturais* não aparecem de forma sistemática.

[27] Essa dedicatória ao rei dos ingleses refere-se a Roberto II, duque da Normandia, filho de Guilherme, o conquistador, que no regresso da terra santa na I Cruzada aportou em Salerno mais ou menos em 1101 para recuperar-se de uma fístula no braço direito.

Não há uma seção específica para cada uma delas. Nas duas primeiras partes da obra, mesmo não havendo uma seção específica, esses elementos são discutidos ao analisar, por exemplo, as coisas que fazem bem ou mal a determinados órgãos. Ou ainda quando são ordenados alguns cuidados que devem ser seguidos ao longo do dia. Somente no último opúsculo, há alguns capítulos dedicados a alguns deles: os exercícios, a dieta alimentar e o sono.

Os regimentos, geralmente, iniciam-se com a descrição do meio ambiente sobre o homem podendo ser através das qualidades do ar, dos ventos dominantes, das estações do ano, da habitação e do vestuário. Na medicina do medievo, o ar era considerado o elemento mais importante para se manter a saúde. Alguns fatores poderiam alterar a qualidade do ar, tornando-o prejudicial à saúde. Essas modificações, geradas pela fumaça ou substâncias nocivas, influenciavam o coração e conseqüentemente todo o corpo, podendo gerar inclusive doenças "pestilentas". Por isso, alguns físicos afirmavam que se devia evitar a proximidade de pântanos, cemitérios e lugares com animais em decomposição porque o processo de putrefação poderia modificar o ar originando doenças (SOTRÉS, 1995).

No primeiro opúsculo, Pedro Hispano apresenta algumas recomendações para conservar-se o calor natural do corpo humano. É nesse momento que menciona o médico árabe conhecido no Ocidente como João Damasceno, que aconselhava o uso de algumas substâncias para temperar o ar, como ungüentos quentes e aromáticos, uma vez que "os remédios adstringentes e odoríferos fortalecem os órgãos vizinhos" (*Líber de Conservanda Sanitate, 1973,* p. 452).

> Outra discussão importante é sobre o melhor lugar para se viver. Alguns aconselham morar próximos a rios, campinas e florestas. Em outros regimentos como o de Pedro Hispano, desaconselha-se as pessoas a viverem próximos a animais, pântanos e cemitérios devido ao fato da putrefação ser uma das causas da modificação do ar. No segundo opúsculo, ao citar as coisas que fazem mal ao cérebro, Pedro Hispano, recomenda não ficar perto de lugares "com cheiro fétido de excrementos e cadáver humano, ar impuro..." (*Líber de Conservanda Sanitate,* 1973, p. 456).

Um dos principais elementos que compõe os regimentos é o cuidado com a alimentação e as bebidas, pois esses elementos integravam a segunda *coisa não-natural* e sobre eles todos os físicos medievais consideravam que a moderação no comer e beber era uma das melhores formas de se conservar a saúde. A saúde era então o resultado do consumo dos alimentos e bebidas. Assim, se eles fossem de boa qualidade e bem preparados, facilitariam a sua digestão e tornariam o corpo mais sadio.

Para os gregos, a dieta como regulamentação da saúde não se referia somente à comida, mas também ao ar, ao sono, ao exercício e a excreção. A dieta na Antiguidade designa uma parte da medicina reservada "às pessoas ricas e abastadas". As pessoas "menos afortunadas" recorriam aos remédios (mezinhas) e à cirurgia. Os físicos no mundo antigo justificavam seus interesses pela alimentação porque ela é importante tanto para os homens com boa saúde, quanto aos que não estão sãos. Na cura das pessoas doentes, os físicos associavam a alimentação aos remédios e à cirurgia e aos outros elementos da dietética como os banhos, os exercícios e o sono (MAZZINI, 1998).

Os físicos medievais sabiam que os alimentos podiam suprir as carências responsáveis pelo desequilíbrio e pelas doenças no corpo humano. Mas, para gerar humores a partir da comida, para misturá-los, para restaurar o equilíbrio era necessário uma atividade física. Assim, uma vida sadia passava pela alternância entre o exercício e o repouso. Os exercícios eram considerados importantes para se ter uma boa saúde, pois facilitavam a digestão e a expulsão dos humores exercendo uma ação benéfica sobre o estômago. No entanto, deveriam ser praticados com moderação e seguindo alguns cuidados: a digestão devia estar terminada, o corpo devia ter eliminado o excedente da digestão, o ar devia ser puro e temperado. As massagens e os banhos complementariam essa prática.

Para Avicena o exercício era um movimento voluntário de respiração profunda e freqüente, cujos benefícios seriam aumentar o calor inato, facilitar a expulsão de coisas

supérfluas e ajudar a digestão exercendo uma ação benéfica sobre o estômago. Dentre os exercícios temos: montar, levantar peso, a equitação, a luta, a navegação, o lançamento de pedra e dardo. A prática de exercícios deveria ser finalizada com massagens e banho (SOTRÉS, 1995).

A importância concedida aos exercícios para a manutenção da saúde pode ser claramente percebida na obra de Pedro Hispano que os recomenda para facilitar a digestão. Além dessa função, estes consomem as umidades e os excessos responsáveis pelas doenças. É aconselhável também, caminhar tranqüilamente, não devendo permanecer sentado após as refeições. Além desses conselhos, o autor do *Líber de Conservanda Sanitate* apresenta outros benefícios dos exercícios físicos para a preservação da saúde.

> Devemos saber, de acordo com as autoridades médicas, que, no regime de saúde daqueles que vivem bem e tranqüilamente, o exercício temperado deve anteceder a alimentação, de maneira a não impedir o calor natural. Com efeito, no exercício temperado, o calor natural move-se do centro para a periferia e excita-se em todo o corpo, e junta-se ao calor adquirido. Consome as humidades e excessos, pelos quais se originam muitas doenças. E, uma vez consumidas, o calor torna-se mais intenso para digerir os alimentos, e todo o corpo e órgãos se fortificam (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p. 474).

No que se refere aos banhos, Sotrés (1995) afirma que alguns físicos os interpretavam como um complemento aos exercícios físicos, outros, os colocavam como auxiliar na limpeza ou eliminação das coisas supérfluas do corpo. Mas, para Pedro Hispano, o banho tem um importante papel na manutenção da saúde e, por isso, o recomenda em vários momentos de sua obra. O interessante é que ao mesmo tempo que o considera como sendo uma “coisa deliciosa”, podendo fazer bem às pessoas, aconselha ter cuidado porque o banho apresenta alguns malefícios que são citados por Pedro Hispano no último opúsculo, em que há um capítulo dedicado inteiramente a ele.

> Os seus benefícios são provocar o sono, limpar, desopilar, raspar, soltar, digerir e atrair a nutrição à superfície da carne. No entanto, o seu máximo benefício consiste na capacidade de soltar e de prender o ventre e na remoção da fadiga. Os seus defeitos são o enfraquecimento físico, a demora prolongada, temperatura exagerada, movimentar os humores quietos e preparar para a putrefação e diminuir a capacidade de recepção dos órgãos nobres (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p .482).

O sono é um dos elementos que está presente em vários momentos do regimento, inclusive com algumas seções específicas dedicadas à "dormida". As horas de sono são estabelecidas de acordo com a idade e a constituição física das pessoas. Normalmente, era comum recomendar dormir no máximo 10 e no mínimo 8 horas.

Ao discutir sobre a quarta *coisa não-natural*, uma preocupação constante refere-se às maneiras de dormir. Recomenda-se deixar a cabeceira erguida para que o declínio em direção aos pés, para impedir o vômito dos alimentos.

Além dessa, uma outra recomendação sobre a maneira correta de dormir refere-se ao lado em que a pessoa deve deitar. Primeiro, deve-se deitar do lado direito, mais tarde sobre o esquerdo e, por fim, voltar para o direito. Essa preocupação caracterizada pela seqüência direita, esquerda, direita, presente pela primeira vez no *Canon* de Avicena, será adotada pelos físicos na Idade Média (SOTRÉS, 1995). No último opúsculo, Pedro Hispano, prescreve as maneiras corretas de se dormir não somente para as pessoas sãs, mas também para aqueles que estão tratando de uma doença.

> Deve notar-se que depois de comer deve se dormir primeiro do lado direito. Seguidamente, voltar-se para o esquerdo, e depois terminar o sono no lado direito – isto quando se está de saúde. Porém, quando se está a tratar de uma doença, é inteiramente o contrário, como por exemplo, na calefacção do fígado e no fluxo do ventre. Do mesmo modo, em tempo frio, deve dormir-se coberto e elevar o travesseiro. Com efeito, ajuda muito a digestão o facto de a posição dos órgãos ser inclinada para as partes inferiores (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p.482).

Sobre a higiene do sono, no primeiro opúsculo, Pedro Hispano cita entre as suas funções reaquecer as partes mais profundas do corpo e levar calor para órgãos como o estômago e o fígado, e prescrevendo as maneiras corretas de se dormir. No inverno, deve-se dormir sobre o lado esquerdo e no verão sobre o direito e com os pés cobertos. Além disso, um dos benefícios do sono seria auxiliar as pessoas a emagrecer, recomendando-lhes dormir antes do almoço. Mas, ao contrário, se o paciente deseja engordar deve dormir após o almoço.

No que se refere à higiene dos "restos", sabe-se que o corpo elimina tudo o que é supérfluo como os restos da digestão. Os humores são eliminados e, nesse caso, são prescritos alguns procedimentos para auxiliar o organismo nessa expulsão. É o caso das sangrias e ventosas para eliminar o sangue, eméticos ou purgativos para expulsar os outros humores. Além disso, das substâncias produzidas no organismo e que também são eliminadas, temos: o esperma, o sangue as lágrimas, a secreção nasal, a cera dos ouvidos...

Por isso, nos regimentos recomenda-se que as pessoas façam a higiene diária com o objetivo de eliminar do corpo estes "restos". Para Pedro Hispano, o melhor momento para se limpar o corpo era no começo da manhã. É necessário eliminar as fezes e esvaziar a bexiga. Ao acordar, as pessoas devem se dedicar a alguns cuidados com a limpeza corporal como a lavagem das mãos, do rosto, da boca. Pedro Hispano recomenda ainda "pentear a cabeça e limpar os dentes pela manhã, esfregando-os" (*Suma da Conservação da saúde.* p. 448). Além disso, recomenda também "cortar as unhas depois do banho" (*Líber de Conservanda Sanitate*. p. 470).

As emoções ou paixões da alma, a sexta *coisa não natural*, despertavam o interesse dos físicos medievais. Elas estão presentes na obra de Pedro Hispano, mesmo não tendo uma seção específica. Segundo Sotrés (1995), as emoções podem ser benéficas ou contrárias à saúde das pessoas. A principal paixão que faz bem é a alegria. Para tê-la é aconselhado ingerir alimentos propícios, aproveitar a vida, ver amigos, viver cercados de pessoas alegres e em harmonia com o lugar onde se vive. Já as paixões contrárias à saúde são

classificadas em quatro tipos: a tristeza, a ansiedade, o medo e a cólera. No *Líber de Conservanda Sanitate* podemos encontrá-las quando o seu autor ao descrever as coisas que fazem bem ao coração recomenda: “canto aprazível e alegria”. Já as emoções nocivas ao cérebro, ao coração e ao estômago são: a “ira, as tristezas e as preocupações” (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p.456; p.464; p.468).

Sabe-se que os conselhos prescritos para se conservar a saúde, valorizavam o conhecimento das *coisas naturais* ao corpo humano. Contudo, além da preocupação com o “natural no homem”, Pedro Hispano, como os demais físicos medievais, recorre à teoria galênica das seis *coisas não naturais*, consideradas importantes para manter o estado de saúde das pessoas e, por isso, os elementos constitutivos dos regimentos de saúde. Assim, ao analisar esse gênero da literatura médica, percebe-se a presença desses vários elementos ou principios, a saber, o meio ambiente, o exercício físico, a alimentação e as bebidas, a higiene do sono, a higiene dos restos e as emoções.

CAPÍTULO 3

SAÚDE E A ALIMENTAÇÃO NAS OBRAS DIETÉTICAS

> Não temos necessidade o tempo todo de outras ajudas, mas sem a alimentação nem os homens saudáveis, nem os doentes, podem viver.
>
> Galeno

O *Líber de Conservanda Sanitate* apresenta numerosas observações sobre o uso de certos alimentos e bebidas e postula a necessidade da moderação no consumo de ambos. Sobre o seu papel na medicina medieval, há três aspectos importantes que são analisados neste capítulo**.** Primeiro, discuto a importância que os físicos concediam à dieta alimentar como um dos principais cuidados na luta pela conservação da saúde.

Depois procuro identificar, a partir da análise do regimento de saúde, os principais produtos que compunham a alimentação medieval e, consequentemente, os diferentes tipos de alimentação sob a perspectiva da distinção social. Nesse ponto, as informações obtidas com a análise do Líber de Conservanda Sanitate são cruzadas com o flabiau francês do período, que descreve em detalhes o país da Cocanha para assim, mapear os hábitos alimentares do século XIII.

Um outro aspecto abordado neste capítulo refere-se ao estudo da condenação do excesso de comida e bebida presente nos discursos médicos e sua articulação com o discurso religioso que considerava o exagero na comida e na bebida, um dos sete pecados capitais: a gula.

3.1 A valorização da dieta alimentar

Como foi visto no capítulo anterior, a segunda *coisa não natural*, os alimentos e as bebidas, têm uma presença constante no *Líber de Conservanda Sanitate* e constitui-se na base da dietética medieval. A explicação do interesse dos físicos pelos cuidados com a alimentação, tem sua raiz na medicina antiga, uma prática que a considerava importante não somente a cura, mas, sobretudo a manutenção da saúde.

Na medicina medieval, seguindo os conhecimentos dos mestres antigos como Hipócrates e Galeno, a saúde e a doença manifestavam-se dependendo do estado de equilíbrio e desequilíbrio dos elementos que compõem o corpo. A harmonia responsável pela saúde podia ser conservada ou recuperada, graças a uma atenção particular aos alimentos consumidos e uma vez que estes fizessem parte do corpo, poderiam, se não tivessem as propriedades necessárias, prejudicar a saúde. A função dos físicos consistia em ajudar o corpo humano a reencontrar e manter esse equilíbrio.

Esse era o motivo da preocupação dos físicos em encontrar nos alimentos e nas bebidas, as mesmas características (quente, seco, frio, úmido) dos humores. Essa afirmação é comprovada ao analisar o *Líber de Conservanda Sanitate*, no qual Pedro Hispano, ao citar um alimento, procura na maioria das vezes apresentar suas qualidades. Por exemplo, ao indicar uma canja de galinha recomenda que esta seja temperada com “gengibre e substâncias quentes como açafrão” (p.476). E ao listar os alimentos que devem ser consumidos no outono recomenda “... substâncias quentes e húmidas como frangos, anhos...” (p. 52).

Ao longo das três partes do *Líber de Conservanda Sanitate*, Pedro Hispano cita vários alimentos classificando-os pelas suas qualidades. Pode-se dividi-los em dois grupos: de um lado as substâncias “frias e úmidas”; do outro as “quentes e secas”. Essa divisão pode ser melhor apresentada com o quadro abaixo.

Quadro 3: As qualidades inerentes aos alimentos.

As qualidades	Tipos de alimentos.
Substâncias Frias e úmidas	Ameixas, cerejas, uvas maduras, figo, maça, pêssego, amora, melão, pêra; carne de vitela, de carneiro, de frango, de ganso, de boi; peixe; couve, alface, vinagre e agraço*.
Substâncias quentes e secas	Amêndoa, avelã, pinhões; alho, alho-poró, pimenta, açafrão, cebolas, gengibre, cravo, cominho, nos-moscarda, salsa, poejo, agrião, menta, mostarda, alfazema, mastique*.

Fonte: *Líber de Conservanda Sanitate.*

Para os mestres antigos, as qualidades dos alimentos eram descobertas por meio dos sentidos, principalmente o paladar e o tato. Por exemplo, segundo Galeno, a pimenta pode não ser quente como o fogo, mas queima quando nós a comemos ou a colocamos nos olhos. Do mesmo modo, a rosa não é fria como o gelo, mas cremes feitos com ela têm um efeito refrescante e pode ser usado no tratamento de queimaduras. Nesse sentido, os medicamentos eram usados de acordo com seus efeitos e suas qualidades inerentes (SIGERIST, 1961).

Era preciso conhecer ainda, a natureza humana com os seus componentes, os elementos predominantes e os diferentes temperamentos, uma vez que a dieta era estabelecida de acordo com a natureza do corpo de cada paciente. Já que alguns eram magros, outros, gordos; alguns quentes, outros frios; alguns úmidos, outros secos. Nesse sentido, era necessário personalizar a dieta em função da atividade, da idade, da constituição e do sexo da pessoa. E também havia outros fatores de diferenciação, como a procedência geográfica, o clima, o tipo de cultura, o meio ecológico.

Essa preocupação em criar uma dieta baseada no conhecimento da natureza do corpo humano e suas relações com as atividades praticadas pelo paciente já estava presente em trabalhos de médicos gregos como os de Hipocrates:

> Eu digo que aquele que sabe prescrever corretamente a dieta dos homens, precisa, antes de tudo, conhecer e reconhecer a natureza humana (...), assim como as respectivas propriedades de todos os alimentos e de todas as bebidas (...), a técnica que permite suprimir a propriedade do que por natureza, é forte e de, ao contrário, dar força ao que é fraco (...). Ele deve distinguir a propriedade dos exercícios

> naturais ou violentos (...), conhecer a relação adequada entre os exercícios e a quantidade de alimentos, a natureza do paciente e de sua idade, as estações do ano, as mudanças dos ventos, a situação das regiões em que os homens vivem (...) (Pseudo-Hipócrates, *De diaeta*, 2,1,2, Apud: MAZZINI, 1998, p. 260).

Percebe-se assim, o importante papel da alimentação na vida tanto para os homens com saúde como para os doentes. Era necessário preocupar-se com as relações entre a alimentação e os exercícios do paciente, porque, enquanto os alimentos e as bebidas têm a função de acrescentar e compensar as perdas de energia, os exercícios por sua vez gastam as energias disponíveis.

Assim, mesmo apresentando funções opostas, ambos contribuem para a conservação da saúde. Devido ao princípio de interação entre o trabalho e a alimentação, reveste-se de uma importância toda particular, conhecer a atividade da pessoa. Para Pedro Hispano, essa relação era muito importante, uma vez que, com exercício haveria o consumo das umidades do corpo. Assim, o "calor torna-se mais intenso para digerir os alimentos, e todo o corpo e órgãos se fortificam" (*Líber de Conservanda Sanitate, 1973*, p.474).

Assim, ao prescrever uma dieta era preciso dar atenção não somente à alimentação, mas também aos exercícios, à ginástica, ao trabalho, aos banhos e à atividade sexual. Nesse sentido, era comum a existência de dietas alimentares estabelecidas de acordo com as condições particulares da vida como as indicadas para as crianças, os velhos, as mulheres grávidas, os viajantes, etc.

Os regimentos de saúde postulados de acordo com a idade do homem é uma herança dos ensinamentos de Galeno. E mesmo não havendo no obra de Pedro Hispano a presença de uma dieta personalizada, de acordo com a idade dos pacientes, é interessante conhecer um pouco desse tipo de regimento. Para Galeno, a idade das pessoas é estabelecida a partir da teoria dos humores e das qualidades. As etapas são divididas em quatro: a primeira corresponde à infância e é caracterizada pelo predomínio de humores quentes e úmidos, da

força do calor inato e da abundância de umidade, tão necessários ao crescimento. Em seguida, jovens nos quais predominam os humores quentes e secos. Depois temos os adultos, secos e frios. Já a velhice é caracterizada pelos humores frio e seco e o quase total desaparecimento do calor inato e da umidade (MAZZINI, 1998). A alimentação é indicada de acordo com a idade do paciente e considerando sempre a sua constituição. Assim, por exemplo, os alimentos frios e secos eram considerados mais adequados para as crianças e os frios e úmidos para os jovens.

As pessoas idosas sofriam da diminuição de calor e de umidade naturais. A causa dessa diminuição do calor era, além dos anos que passam, a acumulação de outros fatores como, o ar seco, o esforço físico, alimentação inadaptada. As funções digestivas eram as primeiras a sentirem o impacto falta de umidade dificultando o processo de digestão das substâncias consumidas. Os banhos podiam ajudar na umidificação e no aquecimento das pessoas idosas, sobretudo se acrescentassem à água ervas perfumadas (SOTRÉS, 1995).

A alimentação também era um dos viés pelos quais se poderia levar ao corpo produtos quentes e úmidos, a principal característica dos pratos servidos era facilitar a digestão. As carnes aconselhadas eram as de frango, carneiro e vitelo. Peixes eram proibidos, principalmente os secos, os salgados e sem escamas. Recomendavam-se o consumo de ovos, mel e leite de cabra. O vinho por ser considerado uma bebida quente e úmida era bem recomendado para as pessoas idosas.

Dentre os trabalhos de Galeno temos uma dieta alimentar estabelecida em função da idade intitulada *De Sanitate Tuenda* em que revela o regime alimentar indicado aos idosos:

> Os velhos não devem comer muito queijo, ovos, cozidos, moluscos, lentilhas, carne de porco; eles devem, ainda, ter cuidado com as enguias, as ostras e com os animais cuja carne é de difícil digestão. No entanto, a carne de cordeiro não é ruim para os velhos, como tampouco o é a das aves que vivem longe dos pântanos, dos rios e dos lagos. È preciso ter sobretudo cuidado com alimentos que provoquem indigestão (GALENO. *De Sanitate Tuenda.* Apud: MAZZINI, 1998, p. 260).

Assim, o físico prescrevia sua dieta levando em conta o público a que se dirigia e utilizando os alimentos disponíveis em sua época. No regimento de saúde *Líber de Consevanda Sanitate*, além de identificar os principais produtos presentes na alimentação medieval, pode se compreender como os alimentos eram utilizados na relação com a manutenção da saúde.

Um outro cuidado com a alimentação refere-se à quantidade de comida e bebida que deveriam ser ingeridos. No primeiro opúsculo, Pedro Hispano aconselha as pessoas a comerem somente quando tiverem certeza absoluta de que o estômago está vazio. O estômago, ao sentir que está vazio, tem apetite. Quando há apetite e vontade de comer, dê alimentos; se, porém faltar, neguem.

Assim como Avicena, Pedro Hispano condena as refeições prolongadas porque um prato digere-se antes que o último comece a se digerido e a parte digerida arrasta consigo, e a não digerida para o fígado. "Por isso, depois de comer, ninguém deve estar sentado, mas passear tranqüilamente. Do mesmo modo, ninguém deve dormir depois do almoço, mas antes abster-se disso" (*Líber de Conservanda Sanitate, 1973,* p. 476).

A preocupação com a sobriedade pode ser percebida na quantidade das refeições que nas palavras de Pedro Hispano devem ser somente uma, em todas as estações, isso ocorre porque "morrem muitíssimos de excesso de saturação e poucos de inanição[28]" (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p. 482). Mas, a regulamentação da quantidade é um dos aspectos mais contraditórios das dietas medievais porque há diferentes prescrições: uma refeição por dia; duas; outros três. Todos os físicos concordam com a importância de se evitar o exagero no comer e no beber.

Pela afirmação de Pedro Hispano, mencionada acima, percebe-se que quanto menor o número de refeições, melhor será a saúde das pessoas. Os autores árabes, por sua

[28] Para os físicos medievais, a inanição é o estado que se produz uma vez que o organismo evacuou tudo o que é desnecessário ou prejudicial para o corpo. Já o a saturação é o estado abundante que se produz depois da absorção dos alimentos ou das bebidas. O ideal para se manter a saúde era o equilíbrio entre os dois (SOTRÉS, 1995).

vez, consideravam que as refeições deveriam ser duas: uma pela manhã e outra à tarde. Sobre esse assunto, há uma passagem no regimento, no qual seu autor, referindo-se à autoridade de Avicena utilizava como justificativa para esse número reduzido, à necessidade de haver um certo tempo para os alimentos passarem pelo processo de digestão. Além disso, com essa medida evitava-se a mistura de alimentos, ou seja, impedia o risco de acrescentar outros alimentos aqueles ainda não digeridos (p. 476).

3.2 Elementos de distinção social

No *Líber de Conservanda Sanitate* percebe-se que os cuidados com a comida e a bebida referem-se a sua íntima relação com a preservação da saúde, mas esse não é o único aspecto que merece ser discutido. Pela análise da dieta alimentar, prescrita no último opúsculo do regimento, pode-se identificar os principais produtos presentes na alimentação no século XIII e ao investigá-los pode-se identificar a função social desempenhada pelos alimentos.

Ao prescrever a dieta, no opúsculo *Preservação da Saúde*, o autor fala dos diferentes alimentos, divididos em grupos homogêneos: a carne, o peixe, os legumes, as frutas, as bebidas, os derivados do leite. Como título de cada seção, muitas vezes, coloca o nome de um dos alimentos. Por exemplo, ao invés de usar o título tempero, o autor usa alho.

Veja no quadro abaixo os alimentos indicados na dieta e os não recomendados e a explicação do porque de sua reprovação.

Quadro 4: Estrutura da dieta alimentar apresentada por Pedro Hispano.

Tipos de alimentos	Os alimentos mais indicados	Os alimentos que não são recomendados
Carnes	Recomenda-se o consumo de carnes de frango, perdiz, faisão, bode, cabrito, carneiro e porco. Estas devem ser servidas salgadas e preparadas com gengibre, cravinho e salsa.	É aconselhado o consumo só das carnes citadas e "nenhumas outras" (p.476).
Peixes	Recomenda-se o consumo de peixes de água fresca como a perca e caranguejos. Para acompanhar recomenda-se uma sopa de vegetais: salsa, funcho*, bredos* e borragem*.	Deve-se evitar: peixes sem escamas porque são muito viscosos; e animais marinhos e dos Pântanos porque são de difícil digestão.
Legumes	Não é recomendado nenhum legume.	Deve-se evitar ervilhas, favas, grãos-de-bico e outros legumes, porque impedem a digestão e provocam inchaço.
Lacticínios	Recomenda-se ovos porque suprem a falta de carne.	Deve-se evitar a manteiga porque impede a digestão. O queijo não é recomendado porque além de ser de difícil digestão, gera bílis negra, obscurece o cérebro e provoca cálculos.
Frutas	Devem ser usadas somente para fins terapêuticos. No verão, recomenda-se ameixas e cerejas para alterar a má compleição do calor e da secura. Depois das refeições faz bem o uso de pêras e figos, pois facilitam a capacidade expulsiva.	As frutas devem ser usadas para efeitos terapêuticos. Caso contrário pode gerar humores predispostos à putrefação.
Nozes	Recomenda-se as nozes e avelãs por fazerem bem contra veneno.	Deve-se evitar os cachos de uva porque são bastante maus.
Vinho	Deve-se beber vinho claro e bom.	Não deve consumir muito no verão por causa do excesso de calor.
Alhos	Recomenda-se usar no inverno alimentos temperados com alho, cebola, pimenta.	Esses temperos devem ser evitados no verão porque, assim como esta estação, são quentes e secos podendo gerar cólera.

Fonte: *Preservação da Saúde.*

Antes de analisar essa dieta é necessário compreender a origem do regime alimentar presente nesse período. Sabe-se que a Idade Média herdou da Antiguidade dois distintos modelos de alimentação: um greco-romano e outro germânico. Através da análise de obras médicas de Hipocrates e Galeno pode-se identificar os principais alimentos presentes na alimentação grega e na romana.

No tratado hipocrático *Medicina Antiga*, os alimentos são descritos de acordo com a sua qualidade e o seu papel na manutenção da saúde. Assim, entre os produtos que compõem a alimentação grega, destacam-se os cereais. Primeiro é descrito a cevada como

sendo fria, mas também de acordo com a teoria das qualidades é seca e tem uma função purgativa (aplicação da teoria dos humores). Em seguida, é listado o trigo e plantas leguminosas. Outros alimentos valorizados por Hipócrates são as carnes de quadrúpedes e aves, peixes e ovos (ACKERKNECHT, 1971).

A alimentação romana, assim como as outras civilizações da costa mediterrânea, associa cereais, vinho, óleo, legumes secos ou verdes, frutas, açúcares fornecidos pelas frutas ou mel, nozes aos alimentos ricos em proteínas de origem animal como leite, queijos carnes e peixes. Assim, percebe-se a tipologia dos alimentos romanos se dividem: em *fruges* que são os produtos da terra cultivada como as frutas, os legumes, os cereais e as leguminosas; e *pegudes* fontes de aprovisionamento de carnes, que poderia ser fornecidos por animais domésticos criados pela sua carne e utilizados em sacrifícios e os rebanhos selvagens (DUPONT, 1998).

Assim, a alimentação medieval herda o regime alimentar da cultura greco-romana em que predominava o cultivo do campo, horticultura, cerealicultura (trigo) e arboricultura (videira e oliveira) ás quais se juntavam a criação de suínos, ovinos e bovinos e também animais selvagens como o javali. Percebe-se que esse regime era muito rico em produtos de origem vegetal, à base de mingaus de farinha e de pão, vinho, azeite e legumes, completado com carne e queijo.

Já a cultura alimentar das populações germânicas era baseada numa economia silvo-pastoril, fundada mais na exploração de bosques e pastagens naturais do que no cultivo da terra. A caça, a pesca, a criação selvagem eram as principais fontes de alimentação. A tradição cultural celta e germânica propõe o “grande comedor” como personagem positivo que por meio desse tipo de comportamento (comendo e bebendo muito) exprime uma superioridade. A imagem do guerreiro valoroso é também a de um homem capaz de ingerir quantidades enormes de comidas e bebidas.

A partir do século V e VI houve uma aproximação entre esses dois modelos de alimentação. Com a afirmação do cristianismo como religião oficial do império alguns

alimentos que simbolizavam o modelo mediterrâneo tornaram-se sagrados pela liturgia cristã como o pão, o vinho e o óleo que voltam à moda na Europa Medieval. Do mesmo modo, a cultura da floresta e da exploração dos recursos naturais, ligada ao estilo de vida dos bárbaros é reabilitada durante os primeiros séculos da Idade Média.

Isso ocorre devido, principalmente, à afirmação política e social dos povos germânicos e de sua maneira de viver no meio natural em que a caça, a pesca e a criação de animais em semi-liberdade eram uma prática corrente. A carne torna-se aos olhos da elite um símbolo de poder e instrumento para obter energia física. Assim, na época medieval assistia-se uma combinação e um apoio recíproco entre uma economia agrária e outra silvo-pastoril.

Pelo estudo da dieta de Pedro Hispano, percebe-se que o primeiro alimento indicado é a carne e os primeiros tipos recomendados são as de aves como o frango, a perdiz e o faisão. São recomendados também as de mamíferos como o cabrito e o porco. Depois temos os peixes que deverão ser os de água doce. Após esses produtos considerados essenciais na alimentação medieval, vêm os ovos que de acordo com o *Líber de Conservanda Sanitate* são recomendados por serem importantes complementos na falta de carne. E de acordo com o *Regime de Saúde de Salerno*[29], eles devem ser consumidos frescos e acompanhados de vinho para facilitar a digestão.

A alimentação que nos regimentos era um dos principais recursos para se cuidar do corpo, pode ser analisada ainda sob um outro aspecto: a função social que pode ser identificada pelo comportamento à mesa e também pelos tipos de alimentos consumidos.

É nesse sentido que Sotrés (1995) afirma que “pelo viés da cozinha cuidava-se ao mesmo tempo do corpo humano e do corpo social” (p.272). Essa afirmação fica mais clara a partir do estudo da dieta alimentar, ordenada por Pedro Hispano. Ao analisá-la percebe-se que a maioria dos alimentos prescritos eram encontrados nas mesas das elites e estavam entre os mais caros do mercado. E o mais interessante é que os alimentos não recomendados como os

[29] Este regimento já foi citado no primeiro capítulo p. 26 e no segundo capítulo p.82.

legumes eram a base da alimentação camponesa. Esse fato comprova a afirmação de que os regimentos de saúde eram destinados às pessoas de um nível social elevado, uma vez que pode ser confirmado ao identificar os alimentos que são indicados e que são os que se encontram nas mesas das elites.

Ao analisar essa dieta nos questionamos o porquê dos regimentos reservarem uma atenção prioritária à carne. Já que até mesmo a indicação do consumo de ovos é justamente para suprir a falta deste produto. Por que a carne tem um papel tão importante na alimentação? Será pela idéia de poder e força que ela passa? Por que nem todos os tipos de carne eram considerados nobres? Qual era o requisito utilizado para classificar um alimento em nobre? Por que reservavam as pessoas importantes como às autoridades produtos que fizessem parte de uma categoria de alimentos considerada melhores como o peixe ou ave?

No que se refere aos legumes, Pedro Hispano afirma que deve-se evitar ervilhas, favas e grãos-de-bico porque impedem a digestão. Assim, os legumes que ocupavam um lugar de destaque nas mesas dos camponeses, na dieta alimentar das elites ocupavam um lugar secundário por serem considerados produtos pouco nobres e, segundo a teoria médica vigente, serem de difícil digestão. Mas por que os legumes não são nobres? Por que os físicos não os indicavam para o consumo da elite?

A explicação da natureza – nobre ou vulgar – de um alimento era definida por um código que traçava uma analogia entre o universo natural e o mundo dos humanos. Nesse código, chamado por Grieco (1998) de "Grande cadeia do ser"[30], as plantas e os animais ocupavam lugar definido entre os dois extremos dessa cadeia. Cada planta ou animal era mais nobre do que o que se situava mais abaixo e menos nobre do que o que ocupava o lugar superior (GRIECO, 1998, p. 472-477).

---

[30] Infelizmente no trabalho de Grieco (1998) não é mencionada as fontes medievais por ele utilizadas na elaboração desse código.

A “grande cadeia do ser” subdividia o conjunto da criação em quatro segmentos distintos que representavam os quatro elementos (terra, água, ar e fogo) e as quais pertenciam todas as plantas e animais (reais ou mitológicos). E dentro do mesmo segmento havia um rígido sistema hierárquico que nos lembra a estrutura de pensamento utilizada no segundo opúsculo do regimento, as “Coisas que fazem bem e mal” a cada parte do corpo. Ao descrever os órgãos do corpo humano, Pedro Hispano segue uma determinada hierarquia: começando do alto para baixo. Os primeiros a serem descritos são o cérebro e os demais órgãos da cabeça. Em seguida se passa aos órgãos do tórax, e por último os membros superiores e inferiores.

A “grande cadeia do ser”, também segue uma hierarquia baseada no esquema de alto e baixo relacionado aos quatro elementos constitutivos do universo. Assim, o mais nobre seria o fogo, seguido respectivamente pelo ar, pela água e a terra. Esse último elemento que era considerado o mais baixo e consequentemente o menos nobre, constituía o substrato natural ao qual pertenciam todas as plantas. As plantas menos nobres eram as que produziam um bulbo comestível (cebola e alho). Em seguida, plantas das quais se comiam as raízes (nabo e cenoura) e depois, as plantas das quais se comiam as folhas (espinafre e couve). As frutas eram os mais nobres produtos do mundo vegetal porque cresciam em arbusto e árvore e se encontravam mais afastadas do solo. Nasce daí a justificativa feita pelos físicos da não recomendação de melões, morangos e similares por serem frutas rasteiras e estarem mais em contato com a terra, portanto, menos nobre do que as demais.

O segundo segmento está associado à água. Primeiramente haviam as esponjas muito próximas das plantas; acima delas os mexilhões e outros moluscos; depois os camarões e lagostas. As diversas espécies de peixes eram um pouco mais nobres. A categoria superior agrupava todos os animais que como as baleias e os golfinhos tendem a nadar na superfície da água e entram em contato com o ar, considerado um elemento superior.

No terceiro segmento, o ar, havia também uma hierarquia. Os pássaros que viviam na água ou em suas proximidades, como os gansos e os patos, porque acreditavam que estes

estavam ligados á água, considerada um nível inferior. Os frangos e os capões eram considerados carnes mais superiores por serem animais mais aéreos. No ápice dessa hierarquia e, por isso considerados mais nobres, estavam os pássaros de grandes altitudes como os falcões e as águias.

O quarto segmento, o fogo, era considerado o mais importante e assim, os animais a ele ligados eram considerados os mais nobres. Dentre esses destacavam-se os seres mitológicos: a salamandra e a fênix. Em torno de ambos foram construídas lendas que sempre os relacionavam com o elemento fogo. Acreditavam que a salamandra era uma pequena criatura mitológica que vivia nas chamas, os “elementos do fogo”. A explicação para essa lenda seria o fato das pessoas as verem saindo às pressas das fogueiras. Mas ao observarmos a própria natureza desses animais, é comum habitarem troncos caídos que muitas vezes eram utilizados como lenha. Já a fênix, é uma ave mitológica, que fazia parte da crença popular na qual acreditava-se que poderia viver durante séculos e queimada renascia das próprias cinzas.

Já a classificação dos quadrúpedes era a mais difícil porque embora ligados à terra não podiam ser classificados como plantas, mas também não pertenciam ao ar. Nesse sentido, animais como carneiro, vitelo, porco, embora menos apreciados do que as aves, eram considerados alimentos mais nobres do que os produtos do mundo vegetal (GRIECO, 1998).

Assim, esse sistema que estabelecia uma ligação entre os quatro elementos e os tipos de alimentos permitia uma ligação com as qualidades dos produtos nos quais os melhores eram os que faziam parte do segmento mais alto e mais nobre e consequentemente mais adequados às elites. Assim, essa hierarquia era adotada na classificação dos alimentos, permitindo-nos analisá-los sobre a ótica da distinção social.

Nesse sentido, percebe-se que a relação entre a qualidade do alimento e a da pessoa chegava a estabelecer correspondência entre as posições sociais e a escala de recursos alimentares. Eram considerados mais nobres e assim bons para as elites os alimentos que se encontravam na copa das árvores, no ar como as aves... Já os alimentos que se encontravam

no solo ou abaixo dele eram destinados aos camponeses. Até a forma de comer demonstrava que pertenciam à comunidade privilegiada.

Assim, o termo qualidade de origem grega entendido como o conjunto das características (quente, seca, fria, úmida) das pessoas e dos alimentos e bebidas, passa a ser utilizado também com uma conotação de social. A qualidade da pessoa refere-se ao seu estado social, a sua posição hierárquica e, sobretudo ao seu poder. Assim, se estabelece uma relação entre a "qualidade do alimento" e estado social dos indivíduos.

Por isso que os físicos estabeleciam os alimentos destinados ao consumo nobres como sendo os mais elaborados e refinados. Ao contrário dos camponeses cujos estômagos acreditavam ser mais propícios ao consumo de alimentos comuns e grosseiros. Logo, havia alimentos para os camponeses e alimentos para a elite. Os tratados médicos teorizavam a diversidade de regimes alimentares de camponeses e nobres, prometendo males e doenças a quem comesse alimentos inadaptado a sua categoria (GRIECO, 1998).

Elias (1994), analisa livros de etiquetas e boas maneiras desde o século XIII aos dias atuais em busca da compreensão do processo de formação dos costumes ocidentais. Assim, no mundo medieval encontra as manifestações do que se chamará civilidade que se refere aos hábitos e comportamentos a que a sociedade procurou acostumar os indivíduos.

Além de referir-se ao decoro corporal externo como a postura, os gestos, o vestuário, as expressões faciais, esse conceito de civilidade engloba, ainda, as condutas às refeições. E é esse aspecto que chama atenção, porque no mundo medieval comer e beber ocupavam uma posição muito central na vida social e o conjunto de regras ligadas às boas maneiras à mesa pode ser analisado como um elemento de distinção social.

Aqui, saber se comportar durante as refeições torna-se um marco divisório entre o comportamento nobre e cortês das elites e as maneiras consideradas rudes dos camponeses. Para comprovar essa afirmação, Elias utiliza como fonte o poema Hofzucht, do século XIII, destinado aos cavaleiros que vivem na corte e no qual contém as raízes dos códigos de

comportamento em sociedade. Tannhauser, autor deste poema, considera “homem bem educado aquele que sempre pratica boas maneiras e nunca se mostra grosseiro” (TANNHAUSER. *Hofzucht*. Apud: ELIAS, 1994, p. 96).

Ao analisar este poema, o autor identifica, neste período, o momento em que emerge o conceito de civilização o qual expressa os costumes, a polidez e o policiamento das ações dos indivíduos em sociedade. Esse conceito inclui também o comportamento à mesa que pode ser compreendido como sinal de distinção social. “Um homem refinado não deve fazer barulho de sucção com a colher quando estiver em boa companhia. Esta era a maneira como se comportam na corte pessoas de hábitos grosseiros” (TANNHAUSER. *Hofzucht*. Apud: ELIAS, 1994, p. 77). Por homens refinados entendem-se as pessoas nobres, ou pessoas da corte. Este comportamento nobre é sempre comparado com as maneiras grosseiras dos camponeses: “Algumas pessoas mordem o pão e, em seguida, grosseiramente, mergulham-no na travessa. Pessoas refinadas rejeitam essas maneiras rudes” (p. 77).

Além disso, se pessoas de diferentes categorias comiam ao mesmo tempo, as de categoria mais alta tinham precedência quando lavavam as mãos ou quando se serviam de um prato. Até o uso de certos utensílios refletem a distinção social de seus donos ou quem os utilizava.

Entretanto, não vejo somente o ato de comer com a conduta às refeições como sinal de distinção social. Além desse, há outros aspectos ligados à alimentação e que também podem ser interpretados como diferenciação social. Em fins da Idade Média, o aspecto qualitativo era predominante e cada espécie de alimentos (tipo de pão, carnes...) constituem-se em objetos de identificação social. Pretendia-se assim, avaliar a “qualidade” de uma pessoa em função de sua alimentação e insistia-se na necessidade de todos comerem conforme sua qualidade. Esse é outro elemento introduzido pelos físicos e presentes em muitas das obras médicas.

É importante mencionar que o tipo de alimentação permitia estabelecer uma segregação não só entre as diferentes classes, mas também entre cultura rural e urbana. Assim,

em plena Idade Média aparece uma nova oposição entre modelos de consumo “urbano” e “rural”. Essa distinção entre alimentos do campo e das cidades não aparece no *Líber de Conservanda Sanitate*. Mesmo assim a sua análise é importante para se comprovar a idéia de distinção social.

As modificações da paisagem foram acompanhadas por uma transformação nas relações sociais: a exploração dos recursos silvestres e pastoris foi reservada com maior ou menor rigor aos grupos dominantes da sociedade. Isso provocou uma diferenciação social dos regimes alimentares, ou melhor, uma tendência desta distinção social exprime em termos dos tipos de produtos.

O modelo de alimentação rural associava, portanto leguminosas (feijão e favas), castanhas e cereais inferiores que eram utilizados na preparação de caldos, sopas, mingaus. Com base na idéia da qualidade dos alimentos acreditavam que havia carnes melhores que eram mais adequadas às camadas sociais elevadas, enquanto a de pior qualidade era conveniente às pessoas mais modestas. Nas cidades o consumo de produtos à base de carne de porco era preterido por outras carnes, sobretudo a ovina e bovina.

Sobre o uso da alimentação como uma forma de explicitar as diferenças sociais pode se afirmar que, nos final da Idade Média, a sociedade passa a utilizar o tipo de alimentação como um elemento diferenciador, principalmente na oposição entre o campo e a cidade. Essa distinção pode ser percebida mesmo em produtos como o pão e o vinho, encontrados tanto nas mesas da elite quanto na dos camponeses.

A diferenciação residia então na qualidade dos produtos: nas elites predominava o pão branco de trigo e o melhor vinho e, nas camadas mais baixas, a base da alimentação era o pão preto preparado a partir de cereais. Isso ocorre pelo fato do trigo exigir uma atenção laboriosa e produzir pouco, por isso os camponeses passaram a preferir grãos de qualidade inferior, mas de maior resistência e de rendimentos mais seguros como o centeio, a cevada, a aveia, espelta, milho-miúdo, sorgo... A maior parte deles era conhecida há séculos e utilizadas

como ração para os animais. Já os vinhos eram os mais “leves”, de qualidade inferior (MONTANARI, 1998).

Nas mesas das elites, a carne ocupava um lugar principal, podendo ser carne de aves como galinha, pato, ganso, cisne, pombo ou de animais domésticos, tais como vaca, carneiro, vitelo e principalmente porco; carne de caça como cervo, javali e lebre e de peixes de água doce, pescados em rios e lagos ou peixes do mar, consumidos frescos nas regiões litorâneas ou secos nas continentais. Essas carnes eram temperadas com especiarias, ervas aromáticas e outros condimentos como sal, salsa, hortelã, sumo de agraço, alhos, cebolas, pimenta, açafrão, gengibre, mostarda, vinagre, oréganos... Todos esses tipos de carne que alimentavam as elites eram assados – modo de preparar considerado nobre, ao contrário do cozido modo de preparar comum entre os camponeses para aproveitar o caldo da carne.

Nas mesas dos camponeses a carne era rara. As de aves como galinhas e patos eram consumidas nos dias festivos e, principalmente, a carne de porco por ser um animal fácil de criar e fornecedor de carne e toucinho. Além disso, os carneiros, cabras e ovelhas eram igualmente criados por quase todas as famílias camponesas. Estes só eram abatidos depois que alcançavam uma certa idade, uma vez que forneciam lã e o leite utilizados na fabricação do queijo. Sobre esse último alimento, sabemos da reprovação do seu consumo porque, para Pedro Hispano, ele era responsável por vários problemas como gerar a bílis negra e provocar cálculos.

No entanto, a imagem guerreira da abundância alimentar entrava em contradição com a ética cristã da moderação. As regras monásticas estabeleciam jejum, a penitência, as privações alimentares. Além disso, o calendário litúrgico acabava interferindo nos hábitos alimentares ao prescrever a substituição da carne pelo peixe ou pelo queijo (legumes) e da gordura animal pela vegetal. Proibia o consumo de carne e em alguns casos de todos os produtos animais em certos dias da semana e um período do ano: no total – mais de 150 dias em pequenas e grandes quaresmas (MONTANARI, 2003).

Além dos vários dias nos quais as pessoas tinham que praticar o jejum, a sobrevivência do homem medieval era ameaçada ainda pela fome. Os períodos de escassez alimentar ocorriam com freqüência. Na literatura medieval, o poema *flabiau* francês do século XIII o qual apresenta o país imaginário da Cocanha**,** é um dos documentos que nos fornece diversos testemunhos dessa presença constante do fantasma da fome.

Assim, podemos compreender o relato da Cocanha como uma utopia criada para superar imaginariamente aquela deficiência alimentar, pois o tema alimentar é constante nas diversas versões sobre este lugar. Neste país a fartura está ao alcance de todos. E mais que a fome refere-se ao insaciável desejo de comer. Enquanto na sociedade medieval há apenas duas refeições, na Cocanha a comida e as bebidas são intermináveis. Para o homem medieval sonhar era uma forma de enfrentar a fome. Assim, sonhavam com o país da abundância: um lugar onde a comida e a bebida fossem inesgotáveis e estivessem ao alcance de todos. Lá chovem pudins quentes três dias por semana e os riachos são de vinho.

Toda utopia, como por exemplo, o *fabliau* francês, exprime uma oposição a uma situação considerada intolerável. É o resultado das insuficiências e necessidades de cada momento histórico. É uma negação da sociedade existente. E está sempre relacionado a satisfazer as necessidades físicas do homem (MONTANARI, 2003). Assim, é em meio à situação alimentar deteriorada e o medo dos períodos de penúria que nasce o relato sobre a Cocanha, o qual não pode ser compreendido separado do medo da fome. A penúria e a escassez eram realidades conhecidas na Idade Média e não referia somente a uma colheita perdida, mas também pelo congelamento dos rios, aumento da mortalidade de animais selvagens.

Em um *flabiau* francês do século XIII, relata que no país da Cocanha “De barbos, salmões e sáveis são os muros de todas as casas/ Os caibros lá são de esturjões/ Os telhados de toicinho/ As cercas são de salsichas/ Basta pegar a seu bel-prazer/ carne de cervo ou de ave, assada ou ensopada, sem pagar nada...” (*O flabiau francês*, 1998, p.29).

Percebe-se pela análise deste relato que o traço alimentar é um dos temas presentes e sua análise nos permite perceber os gostos e hábitos alimentares no século XIII. Neste país imaginário, a fartura está ao alcance de todos e explicita a importância que se dava às práticas alimentares nas sociedades medievais. A palavra cocanha pode ter vindo de um termo provençal nativo referindo-se a casca de certos alimentos ou a um tipo de pão doce (FRANCO JÚNIOR, 1998).

Ao estudar as praticas alimentares presentes no relato da Cocanha o que chama atenção é a ausência de alguns produtos que pode ser explicada pelo fato da Cocanha ser a terra de coisas extraordinárias, onde não caberia a existência de alimentos comuns e de presença cotidiana nas mesas medievais.

O pão, por exemplo, base da alimentação medieval, não é mencionado em nenhum momento. E o mais estranho é a existência de campos de trigo nessa terá encantada "São cercados os campos de trigo" (*O flabiau francês*, 1998, p.29). Talvez, seja pelo fato deste ser um alimento comum e por isso não poderia ocupar um lugar no país dos sonhos. No entanto, não podemos nos esquecer que este lugar não é somente o da abundância alimentar. È também o da Ociosidade. Nada lá depende do trabalho humano. Afinal, "lá quem mais dorme mais ganha" (*O flabiau francês*, 1998, p.29).

Além disso, no preparo do pão era necessário trabalhar o trigo para fazer a farinha. E trabalhar era uma palavra que não fazia parte do dia-a-dia cocaniano. E nem era necessário, uma vez que os alimentos não eram preparados pelos homens. Basta se lembrar que pelas ruas de lá "vão se assando gordos gansos que giram sozinhos, regados com branco molho de alho/ as canecas, copos e taças dirigem-se por si sós até o riacho de vinho" (*O flabiau francês*, 1998, p.29-30).

Além do pão e das especiarias**,** nota-se que os legumes, as verduras e as frutas também não aparecem. A justificativa dessa ausência deve-se ao fato de que esses produtos não eram apreciados pelas elites e, também, porque, pelo que se vê, na análise do regimento

de Pedro Hispano a Medicina os reputava por os considerarem de difícil digestão (*Líber de Conservanda Sanitate*, 1973, p.478). Além disso, em obediência a idéia da qualidade dos alimentos, as verduras e os legumes por serem ligados ao elemento terra eram considerados menos nobres e portanto, mais adequados ao consumo dos camponeses" (GRIECO, 1998, p. 476-477).

Na apresentação da dieta o prato recomendado por Pedro Hispano é uma sopa "habitual" canja de galinha que deveria ser preparada com gengibre, açafrão e cravo. A partir do século IX e X verificava-se que o uso de especiarias já era difundido na cozinha européia. O interessante é que esses produtos tinham presença importante nos tratados dietéticos e o seu uso era predominantemente medicinal.

Trazidas do Oriente pelos mercadores italianos, as especiarias eram acessíveis às elites, mas consideradas caras para o consumo das pessoas de baixa renda. Elas eram utilizadas na composição de molhos para acompanhar todo tipo de carnes, mingaus, farinhas, peixes, legumes. Assim, pode se afirmar que esses produtos eram instrumentos de distinção social e a presença nos regimentos de saúde corrobora com a idéia de que estes eram direcionados às elites. No entanto, é estranho que mesmo sendo um produto caro e não acessível a todos não há especiarias no país da abundância.

Ao analisar o regimento de saúde de Pedro Hispano, nota-se que o consumo de produtos como o cravo, a pimenta e o gengibre eram indicados principalmente no inverno não apenas para temperar os alimentos, mas para direcionar a dieta no sentido do calor e assim propiciar o equilíbrio entre os humores. Assim, mais do que ingredientes culinários, as especiarias eram vistas como remédios. Talvez seja por isso que elas não têm um lugar reservado no país da Cocanha.

No que se refere aos alimentos mais citados no *Flabiau* francês podemos dividi-los em quatro grupos. O primeiro é o das carnes, mais especificamente a de ganso e de cervo que eram servidas assada ou ensopada. O segundo grupo alimentar é o dos peixes, como os

barbos, os salmões, sáveis e esturjões. O terceiro grupo é o dos vinhos: tinto e branco. O quarto grupo alimentar da Cocanha é o dos doces como os pudins (FRANCO JÚNIOR, 1998).

A alimentação camponesa foi desde então, baseada em produtos de origem vegetal (cereais e legumes), enquanto o consumo de carne (principalmente de caça) tornou-se apanágio de poucos. A carne era a realidade para alguns, mas um sonho para muitos. O sonho popular da abundância expressada pela invenção da Cocanha exprimia à sua maneira os objetos alimentares (comer muito e mostrar isso). Essa idéia contrapunha à posição concorrente do monasticismo que, ao exaltar a moderação alimentar e a abstinência de carne, terminava por conformar o domínio desses valores.

É também em contraposição a essa interferência da Igreja na alimentação com os vários dias do ano dedicados ao jejum e a penitências que o homem medieval sonhava com a Cocanha. Neste lugar, todo dia é feriado e motivo para comemoração: "Quatro Páscoas tem o ano, E quatro festas de São João, Feriado e domingo todo dia, quatro Natais, quatro Carnavais..." (*O flabiau francês*, 1998, p.30-31). Já a Quaresma só acontece a cada vinte anos e mesmo assim jejuar neste país é muito agradável já que você pode comer o que quiser e a hora que quiser.

3.3 O pecado capital da gula

No que se refere ainda à alimentação, há nos regimentos de saúde um outro aspecto que chama a atenção: a condenação do pecado capital da gula. É interessante perceber que do mesmo modo que no seio da Igreja criavam-se doutrinas combatendo o exagero na comida e na bebida, nas obras médicas, os físicos prodigalizavam vários conselhos de balanceamento alimentar, exaltando a importância da moderação no comer e no beber.

É importante questionar como este pecado é apresentado e analisado no *Líber de Conservanda Sanitate*? E na Igreja Católica? Como os teólogos o discutiam? Em que medida

há uma relação entre esses dois discursos? Como eles discutem o pecado da gula? Perguntas como estas são essenciais para compreender como se dava a discussão sobre este pecado nos dois âmbitos: o médico e o religioso.

Pelas teorias médicas vigentes na Idade Média, a dieta alimentar que ressaltava a moderação na comida e na bebida era um dos principais conselhos para se conservar a saúde. No regimento analisado, percebe-se que o pecado da gula é mencionado em vários momentos, principalmente quando Pedro Hispano discute sobre a alimentação e a saúde do estômago. Assim, a conservação da saúde estava intimamente relacionada à saúde estomacal. E para manter o bom funcionamento deste órgão, era recomendado consumir somente o necessário e não mais "do que aquilo que pode ser digerido" (*Líber de Conservanda Sanitate, 1973,* p.474), uma vez que o excesso de comida e bebida poderia prejudicar o bom funcionamento do estômago. É o que se percebe quando inicia o último opúsculo reportando-se à máxima de Galeno segundo a qual "alguns comem pra viver, como pessoas que vivem em sobriedade, mas alguns vivem para comer, como pessoas que vivem na gula. Por consequinte, o intuito desse é comer e não viver" (*Líber de Conservanda Sanitate, 1973,* p.474).

Assim, o pecado da gula, que é o excesso no uso de bebida e de comida, é condenado por dificultar a digestão, o que ocasionava o desequilíbrio e, conseqüentemente, gerava doenças. É nesse sentido que podemos compreender a afirmação de Pedro Hispano que, citando Galeno, diz que "a gula é uma das causas da morte. Pois matou mais gente do que a espada e o cutelo. Por isso os modernos são filhos da gula" (*Líber de Conservanda Sanitate, 1973,* p. 482).

Para Pedro Hispano, seguindo novamente os conselhos galênicos, o melhor remédio contra a gula é a abstinência. No início do terceiro opúsculo, há um prólogo em que prevalece a condenação de todo o excesso em bebida e comida por dificultar a digestão. E nesse sentido, utilizando os ensinamentos de Galeno, que considerava a abstinência era o remédio perfeito, Pedro Hispano a distingue em dois tipos: a primeira, a abstenção total de

comida e bebida (jejum exagerado), por um longo tempo, não é aconselhável por atrair humores de todos os órgãos para o estômago, gerando neles doenças; a segunda, a mais recomendável consiste em abster-se de “produtos semelhantes” e de humores dominantes, ou seja, nas pessoas em que predominam o temperamento colérico deve-se evitar todos os alimentos coléricos (quentes e secos), como alho e pimenta. Para os de temperamento sanguíneo deve-se evitar alimentos quentes e úmidos, e assim por diante com o restante dos humores.

Percebe-se assim, que Pedro Hispano não recomendava às pessoas fazer jejuns prolongados. O mais aconselhado consistia em abster-se de certos alimentos e bebidas de acordo com a estação do ano e o temperamento do indivíduo. Portanto, a recomendação de jejuns ou a abstinência de certos alimentos e bebidas tornava-se uma prática higiênica que visava a preservação da saúde.

O regimento *Líber de Conservanda Sanitate*, além de nos fornecer os pressupostos teóricos que guiaram Pedro Hispano na elaboração de seus preceitos para a conservação da saúde, apresenta em cada um dos seus três opúsculos conselhos práticos através de exercícios, banhos, alimentação e um modo de vida adequado para se manter um corpo saudável. É interessante ressaltar que as explicações para as causas das doenças têm um caráter científico. A enfermidade aparecerá quando as pessoas não obedecem aos conselhos dos físicos para se preservar a saúde. Somente quando se trata dos abusos cometidos com a alimentação e bebida desregrada, é que nos lembra o caráter moralizador das obras medievais.

Mas, neste caso, o regimento de Pedro Hispano ao condenar o pecado capital da gula tem como intuito moralizar a conduta alimentar das pessoas para assim, evitar o aparecimento de doenças geradas pelo consumo excessivo de bebidas e comidas. Mesmo assim, a ótica higiênica não é o único aspecto que justifica a condenação da gula. Há também o olhar de um teólogo. Afinal, não se pode esquecer da formação religiosa de Pedro Hispano, o primeiro papa médico. E na elaboração de suas obras podemos encontrar elementos que

caracterizam essa sua formação teológica. Além do pecado da gula, há uma outra passagem do regimento que nos fornece elementos dessa influência religiosa. Ao descrever as coisas que fazem bem e mal aos órgãos do corpo humano, Pedro Hispano afirma que "Depois de se ter considerado em geral a saúde do corpo, deve passar-se Deus o conceder, para a saúde dos órgãos..." (*Líber de Consevanda Sanitate,* 1973, p. 454).

No discurso eclesiástico, o homem medieval é considerado como pertencente a uma comunidade de pecadores. Essa afirmação é justificada pelo fato dele já nascer contaminado tanto pelo Pecado Original lhe transmitido por Adão e Eva, quanto pelo pecado no qual foi gerado: a concupiscência carnal. "O homem por sua natureza, carrega em si a hereditariedade dessa corrupção e termina inevitavelmente por reproduzir, ao infinito, o mecanismo do primeiro pecado" (CASAGRANDE; VECHHIO, 2002, p. 341).Várias práticas rituais, tais como, o batismo, o jejum, a confissão, a oração, originam-se na Idade Média, visando a limitação do poder e a extensão dos pecados. Com o batismo, restará do Pecado Original somente a culpa e as aflições. A partir de então, o homem se responsabiliza apenas pelos seus atos, cabendo-lhe a possibilidade de alcançar a salvação se evitar o pecado.

A doutrina dos vícios capitais nasceu da necessidade de organizar o comportamento no interior da vida eclesiástica. Durante muitos séculos, ao mesmo tempo em que os monges teciam reflexões sobre o pecado sentiam a necessidade de caracterizar, enumerar e classificar os vários tipos de pecados para assim conhecê-los melhor e poder reconhecê-los no cotidiano da experiência humana.

Um dos esquemas mais utilizados era o dos pecados capitais foi aperfeiçoado por João Cassiano (séc. V), que analisou as experiências dos primeiros monges que buscavam viver uma ascensão espiritual na solidão dos desertos. No século VI, esse esquema foi readaptado pelo papa Gregório Magno[31] (540 - 604) que os classificava em oito pecados

[31] Gregório Magno Nasceu em Roma, por volta de 540. Seu pontificado durou 14 anos de 31 de setembro de 590 a 12 de março de 604.

principais organizados como um exército sendo comandado pelo orgulho, seguido pelos outros setes vícios: vaidade, inveja, cólera, preguiça, avareza, gula e luxúria.

No século XIII, essa lista foi repensada e estudada de uma forma mais profunda por Tomás de Aquino[32] (1225 – 1274), defendia a necessidade de se analisar a experiência pessoal em que os vícios ocorrem, ou seja, reconhecê-los como se apresentam na realidade concreta. No seu esquema, prevê sete pecados a saber: vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia. Estes sete vícios são considerados capitais porque, assim como a cabeça comanda os outros membros do corpo, eles também exercem a função de líderes, chefes que não apenas comandam, mas geram outros vícios, ou seja, deles surgem os "maus hábitos", "filhas", "exército" a eles subordinados (AQUINO, 2000).

Pelo discurso religioso sabe-se que o pecado capital da gula é a falta da moderação no comer e no beber e é cometido quando se deseja e busca prazer nos alimentos em excesso, que são geralmente acompanhados pelo exagero na bebida (*ebrietas*). Para Tomás de Aquino, a gula refere-se às paixões e diz respeito aos desejos e prazeres do comer e beber. E para compreendê-la faz referência a Gregório Magno que apresenta as cinco facetas da gula, ou seja, os cinco modos dela nos tentar, levando-nos a: "antecipar a hora devida de comer, a exigir alimentos caros, a reclamar requinte no preparo da comida, a comer mais do que o razoável e a desejar os manjares com ímpeto de um desejo desmedido" (AQUINO, 2000*)*. Esses modos da gula nos tentar são resumidos por Tomás de Aquino em inoportunos, luxuosos, requintados, demasiados e ardentes.

Para Tomás de Aquino, dos vícios capitais decorrem outros vícios: as suas "filhas". Assim, do pecado da gula nascem cinco filhas: a imundice por parte do corpo; o embotamento da inteligência, que acontece quando a razão deixa de governar; a alegria

[32] Tomás de Aquino, filósofo nascido em Campânia no reino de Nápoles e iniciou seus estudos na abadia de Montecassino. Em seguida, cursou teologia na Universidade de Nápoles e em 1244 entrou para a ordem dominicana. Na Universidade de Paris, no período de 1245 a 1248, estudou teologia tendo como mestre Alberto Magno. Depois torna-se mestre na universidade de Nápoles e mais tarde em 1269 ocupa a cadeira de mestre em Teologia da Universidade de Paris. Falece em 1274 quando se dirigia ao Concílio de Leão do qual fez parte o próprio Pedro Hispano (Verger, 2001).

néscia, momento de desordens nos atos da vontade decorrentes do desgoverno da razão; a loquacidade desvairada, desordem no falar; e a expansividade debochada, desordem no agir. Assim, devido a essa desordem no pensar, no agir e no falar, que este pecado é condenado pela Igreja.

Para a Igreja Católica, o "remédio" contra a gula é o jejum. No entanto é importante lembrar que "a prática ritual do jejum não constituía uma necessidade higiênica, mas uma prática religiosa, destinada a denunciar o culto excessivo ao estômago" (ROUCHE, 1990). Havia alguns casos específicos nos quais as pessoas não eram obrigadas a jejuar. O critério para essa escolha era baseado em dois aspectos: o trabalho e a fraqueza. Assim, mulheres grávidas ou que estivessem amamentando e homens fracos e doentes não eram obrigados a passarem por privação alimentar. Do mesmo modo, aqueles que faziam trabalhos pesados lavrando a terra, por exemplo, e também aqueles que fizessem peregrinações a lugares santos ou até mesmo emissários que estivessem a serviço da Igreja. Nesses casos, para compensar a não prática do jejum, deveriam dar esmolas e não poderiam comer em demasia, no máximo duas ou três refeições ao dia (PÉREZ, 2002).

No âmbito religioso, ao contrário das obras higiênicas como os regimentos de saúde, essa penitência não tinha como preocupação o cuidado com a saúde do corpo humano. O jejum era uma forma das pessoas evitarem procurar o prazer na comida e bebida em excesso porque assim, a razão e a vontade governariam de acordo com os preceitos determinados por Deus.

De acordo com os preceitos contidos nos regimentos de Pedro Hispano, os cuidados que deviam ser tomados com a alimentação eram feitos de acordo com o temperamento dos indivíduos e em função das estações do ano e das qualidades inerentes aos alimentos. Tanto no discurso médico quanto no religioso o remédio indicado contra a gula é o jejum. Enquanto por um lado, na medicina, o jejum é visto como uma prática higiênica, por outro lado, na Igreja, ele é considerado uma prática religiosa.

Em suma, pode-se perceber que os discursos religiosos e médicos coincidem-se na condenação do pecado capital da gula. No religioso, este é definido pelos teólogos da Igreja Católica, como sendo um pecado cometido pela busca de prazer que só é encontrado no culto excessivo da comida e da bebida (*ebrietas*). Segundo Tomás de Aquino, este pecado que pode ser entendido como uma doença, impede o governo da razão sendo responsável pala desorganização no pensar, agir e no falar. Já no discurso médico, a gula é explicada a partir dos seus efeitos prejudiciais ao funcionamento natural do corpo humano. Os físicos aconselham a moderação porque o excesso tanto na comida quanto na bebida é responsável pelo desequilíbrio humoral e conseqüentemente pelo aparecimento de doenças.

Assim, conclui-se que há uma articulação entre os dois discursos. Ambos condenam o pecado da gula e pregam uma “moralização” do estômago. No discurso eclesiástico o pecado é trabalhado como algo nocivo à “saúde” da alma que deveria ser curado por intermédio da penitência: a prática de jejuns. Enquanto ao mesmo tempo, a medicina o via como algo nocivo à saúde do corpo humano que seria curado por intermédio dos cuidados com a alimentação e, principalmente, o jejum no qual seriam evitados determinados alimentos de acordo com os temperamentos do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o conhecimento médico, na Idade Média, herdou da Antiguidade Clássica suas teorias e assimilou as práticas médicas árabes por meio da difusão desses textos traduzidos para o latim. Dessa maneira, na análise dos regimentos de saúde medievais é importante o estudo das contribuições dos trabalhos das *auctoritates* greco-romanas a partir dos quais os físicos medievais buscaram subsídios para explicar as doenças e indicar certos conselhos para preservação da saúde.

É importante frisar que, com o florescimento das universidades no século XIII, houve uma afirmação da Medicina na sociedade, cuja contribuição relevante foi colocar em atividade um novo grupo que passou a ocupar o mais alto patamar da hierarquia médica: os físicos formados nestas instituições. Estes passaram a desempenhar importante papel junto à elite urbana em que a experiência por eles adquirida era utilizada pelas autoridades laicas e religiosas.

Além disso na medicina medieval, o conhecimento do físico era, essencialmente, um saber teórico apoiado sobre a filosofia natural de Aristóteles e sua interpretação por Galeno. E era a explicação médica, inserida nessa aproximação entre a filosofia e o ensino universitário, que fornecia legitimidade social e impulsionava a autoridade dos físicos. Além disso, é a essa fundamentação teórico-filosófica, baseada na filosofia natural e nas teorias das *coisas naturais, não naturais* e *contra a natureza* e a partir da qual o *Líber de Conservanda Sanitate* é estruturado que lhe confere um caráter científico e também explica a receptividade e circulação por diversas cortes e centros intelectuais europeus tanto dos físicos quanto das suas obras.

Nesse sentido, um importante papel desses profissionais com formação universitária era a prescrição de dietas ou regimentos de saúde. O estudo dessas obras é importante porque nos mostra como o saber teórico era sintetizado pelos físicos e utilizado

para dar embasamento e sustentação ao seu texto. Além disso, essa análise fornece ainda chaves que nos permite desvendar como esse conhecimento teórico era transformado em conselhos práticos. É nesse sentido, que pode se afirmar que o *Líber de Conservanda Sanitate* é uma obra que possui um caráter prático, uma vez que é rico em conselhos e prescrições referindo-se tanto a maneira de agir de acordo com as estações do ano e o conhecimento do ambiente onde o paciente vive, quanto ao uso de determinados medicamentos que visavam à conservação da saúde.

As prescrições dos regimentos de saúde resultadas das transformações pelas quais a medicina passava com a escolástica, fornecia ao físico elementos para que pudesse descobrir as causas das doenças, tornando possível assim, conselhos visando a sua prevenção. Deste modo, segundo os seus autor se o paciente seguisse os conselhos presentes nos regimentos de saúde teria como resultado uma vida tranqüila e saudável.

Além disso, esse saber médico, obtido nos estudos universitários, assumiu, aos poucos, um caráter prático, uma vez que não ficava restrito ao ambiente das faculdades. Era transmitido por intermédio de manuais escritos por estes físicos que se tornavam fontes de informações e encontravam grande receptividade entre os que praticavam a medicina sem nenhuma formação universitária, tais como os cirurgiões, os barbeiros, as parteiras e os boticários.

Isso ocorria porque tais saberes não eram acessíveis ao homem comum, pois dependiam de conhecimentos em filosofia natural e em teorias médicas que remontam aos mestres antigos e aos comentários feitos pelos árabes, que eram adquiridos principalmente através do ensino universitário o qual nem todos tinham acesso. Desse modo, podemos supor que o *Líber de Conservanda Sanitate* funcionasse como uma espécie de manual, que se poderia consultar mesmo sem o diploma universitário. Descontada a imensa maioria de iletrados, é provável que muitos praticantes de fora do circuito das universidades pudessem ter em Pedro Hispano um referencial na luta contra as doenças e, principalmente, em busca da conservação da saúde.

Com o objetivo de identificar as *autorictates* utilizadas pelos físicos na Idade Média, tracei ao longo do primeiro capítulo um resumo do surgimento das universidades no século XIII bem como as transformações que estas implicaram na sociedade. Assim, a compreensão do ambiente no qual a obra analisada foi escrita e também a formação e atuação de Pedro Hispano, tornou possível compreender a estrutura e o fundamento teórico utilizado na composição do *Líber de Conservanda Sanitate.*

Partindo dessas informações busquei identificar inicialmente no *Líber de Conservanda Sanitate* o conceito de saúde para Pedro Hispano que é compreendida como uma disposição que serve para conservar o natural no corpo humano. Nesse sentido, saúde é um estado de equilíbrio relacionado à natureza tanta interna quanto externa do homem, dependente assim, das *coisas naturais* como os elementos, os humores, as compleições e também, das *não naturais* como a influência do ar e do meio ambiente, os alimentos e as bebidas, o exercício...

Com a realização dessa pesquisa foi possível concluir que o regimento de saúde de Pedro Hispano possui um caráter científico, uma vez que o embasamento teórico utilizado na sua composição apóia-se tanto na filosofia natural aristotélica quanto nas teorias galênicas. Outro aspecto interessante e inovador da medicina no século XIII foi a condensação dos princípios dietéticos utilizados desde a Antiguidade numa única obra: os regimentos de saúde que podem ser compreendidos como normas e regras dietéticas que aconselhavam e ensinavam a viver com saúde visando impedir o aparecimento de doenças e comprovando assim, a existência de uma medicina preventiva na Idade Média.

FONTES IMPRESSAS

ALIGHIERI, Dante. *Obras completas.* São Paulo: América, 1968.

AQUINO, Tomás. Os sete pecados capitais. In: *Sobre o ensino (De magistro).* São Paulo: Martins, 2000, p. 65- 109.

ARISTÓTELES. *Da geração e da corrupção.* São Paulo: Landy, 2001.

O FLABIAU FRANCÊS (Séc. XIII). In: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: Várias facetas de uma utopia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998, p. 19-32.

PEDRO HISPANO. Bula Flumen Aquae Vivae. In: ANTUNES, José. *A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV (juristas e teólogos*). Dissertação (Doutorado em História), Faculdade de Letras, Coimbra, 1995, p. 159.

PEDRO HISPANO. Bula *Jucundidatis et exultationis*. In: ANTUNES, José. O percurso e o pensamento político de Pedro Hispano. *Separata das actas do IX centenário da Dedicação da Sé de Braga.* Braga, 1990, p.159-163.

PEDRO HISPANO. *Líber de Conservanda Sanitate*. In: PEREIRA, M. R. Rocha. (Org.). *Obras médicas de Pedro Hispano*. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1973, p. 427 – 500.

PÉREZ, Martín. *Libro de Las Confesiones: una radiografia de la sociedad medieval española.* Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

REFERÊNCIAS

ACKERKNECHT, Erwin H. The End of Greek Diet. *Bulletin of the History of Medicine*. Baltimore: Hopkins Press, XLV (3), 1973, p. 242-249.

ALESSIO, Franco. Escolástica. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, J. C. (Orgs.). *Dicionário Temático do ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, 2 v., p. 367-381.

ANTUNES, José. Poder e sociedade nos escritos de Pedro Hispano e papa João XXI. In: *A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV (juristas e teólogos*). Dissertação (Doutorado em História), Faculdade de Letras, Coimbra, 1995, p. 117-268.

BAGLIANI, Agostinho Paravicini. *La cour des papes au XIII siècle*. Paris: Hachette, 1995.

BOULHOSA, Patricia Pires. Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. *Signum Revista da ABREM*. São Paulo: USP, 7, 2005, p.13-39.

CABRERA, Margarita. Médicos, cirujanos y curanderos en Córdoba durante la segunda metad del siglo XIV. *Anuário de estúdios medievais*, 26, 1996, p. 329-363.

CASAGRANDE, Carla e VECCHIO, Silvana. Pecado. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, J. C. (Orgs.). *Dicionário Temático do ocidente Medieval*. Bauru (SP): EDUSC, 2002, 2 v., p. 337-351.

BOYLE, Cornelius. Surgical texts and social contexts: physicians and surgeons in Paris. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis (Org.). *Practical medicine from salerno to the Black Death*. Cambridge University Press, 1994, p. 156-185.

DUPONT, Florence. Gramática da alimentação e das refeições romanas. In: FLANDRIN, Jean-Louis, e MONTANARI, M. (Orgs.). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1998, p 199-216.

ELIAS, Nobert. A civilização como transformação do comportamento Humano. In: *O processo civilizador: Uma História dos Costumes.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, 1 v., p. 65-213.

FERREIRA, João. Os estudos de Pedro Hispano. *Separata de coletânea de estudo*. Braga, 2ª série, nº 3, 1954, p. 1-18.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. O fabliau francês. In: *Cocanha: Várias facetas de uma utopia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998, p. 19-32.

_____. *Cocanha: A História de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FRENCH, Roger. Where the Philosopher Finisches, the Physician Begins: Medicine and the Arts Course in Thirteenth-Century Oxford. *Dynamis:* Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam, Granada, 2000, 20, p. 75-106.

GARCÍA-BALLESTER, Luis. Introduction: pratical medicine from Salerno to the Black Death. In: *Practical medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge University Press, 1994, p. 1-29.

_____. Medicina y filosofía natural en la Europa latina de los siglos XII y XIII: un debate abierto. *Revista Arbor,* CXLII, 1992, p. 119-145.

GONÇALVES, Iria. *Imagens do mundo medieval*. Lisboa: Horizontes, 1988.

GOUREVITCH, Danielle. Les voies de la connaissance: la médecine dans le monde romain. In: GRMEK, Mirko D. e FANTINI (Orgs.). *Histoire de la pensée medical em Occident*: Antiquité et Moyen age. Paris: Seuil, 1995, T. 1, p. 95-122.

GRANT, Edgard. The medieval university. In: *The foundations of modern Science in the Middle Ages:* Their religious, institucional and intellectual contexts. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 33-51.

GREGORY, Tullio. Natureza. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, J. C. (Orgs.). *Dicionário Temático do ocidente Medieval*. Bauru (SP): EDUSC, 2002, 2 v. p. 263-277.

GRIECO, Allen F. Alimentação e classes sociais no fim da Idade Média e na Renascença. In: FLANDRIN, Jean-Louis, e MONTANARI, M. (Orgs.). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1998, p. 466-477.

JACQUART, Danielle. La scolastique médicale. In: GRMEK, Mirko D. e Fantini (Orgs.). *Histoire de la pensée medical em Occident*. Tomo I – Antiquité et Moyen age. Paris: Seuil, 1995, p. 175-210.

KOYRÉ, Alexandre. Aristotelismo e platonismo na Filosofia da Idade Média. In: *Estudos de História do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Brasília: Universidade de Brasília, 1982, p. 22-45.

LEGOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

MAZZINI, Innocenzo. A alimentação e a medicina no mundo antigo. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, M. (Orgs.). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1998, p. 254-265.

MEIRINHOS, José F. Petrus Hispanus Portugalensis? Elementos para uma diferenciação de autores. *Revista Espanhola de Filosofia Medieval*, 3, 1996, p. 51-76.

MELO, José Maria. *A Medicina e sua História*. Rio de Janeiro: EPUC, 1989.

MONTANARI, Massimo. *A fome e a abundância:* história da alimentação na Europa. Bauru (SP): EDUSC, 2003.

_____. Alimentação. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, J. C. (Orgs.). *Dicionário Temático do ocidente Medieval*. Bauru (SP): EDUSC, 2002, 2 v., p. 35-45.

OLIVEIRA, Antônio Bernardes de. *A Evolução da Medicina:* até o início do século XX. São Paulo: Pioneira, 1981.

PEREIRA, Maria Helena Rocha. Introdução e comentário. In: *Obras médicas de Pedro Hispano.* Coimbra: Por ordem da Universidade, 1973.

PONTES, J. M. da Cruz. Para situar Pedro Hispano Portugalense na história da filosofia. *Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga, 7, 1968, p. 5-29.

POUCHELLE, Marie-Christine. Medicina. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, J. C. (Orgs.). *Dicionário Temático do ocidente Medieval*. Bauru (SP): EDUSC, 2002, 2 v., p. 151-165.

PRIMOR, Ana L. M.; SIQUEIRA JÚNIOR, l. Gabriel; ADAM, Silvia Maria. História da Ciência: da Idade Média à atualidade. In: *Psicólogo in Formação*. **Cidade**, nº 4, 2000, p. 35-51. Disponível em: <http://www.editora.metodista.br/psicologo/editora.pdf >Acesso em: 13 fev. 2006.

QUEIRÓZ, Teresa A. Pereira de. Aprender a saber na Idade Média. (Org.) In: *Trivium e Quadrivium:* as artes liberais na Idade Média. São Paulo: Íbis, 1999, p.09-31.

REBOLLO, Regina André. Considerações sobre o estabelecimento da medicina no tratado hipocrático. *Scientiae Zudia*. **cidade,** v.1, n. 3, p. 275-297, 2003. Disponível em: <http://www.scientiastudia.org.br/revista/pdf >Acesso em: 04 fev. 2006.

REZENDE, Joffre Marcondes de. *História da Medicina.* Goiânia, UFG, 2002.

RIERA-MELIS, Antoni. Sociedade feudal e alimentação (séculos XII – XIII). In: FLANDRIN, Jean-Louis, MONTANARI, M. (Orgs.). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1998, p. 394-408.

RONAN, Colin A. *História Ilustrada da Ciência:* Oriente, Roma e Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

ROUCHE, Michel. A Alta Idade Média. In: VEYNE, Paul (Org.). *História da Vida Privada:* Do império Romano ao ano mil. São Paulo**:** Companhia das Letras, 1990, p. 399-530.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmem Lúcia (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 3-23.

SCHIPPERGES, H. Petrus Hispanus. In: *Die Grossen der Weltgeschichte*. Zurich: K. Fasmann, 1973, p. 679-691.

SERRÃO, Joel. *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Iniciativas Editoriais, 1971, 1 v., p. 441-442.

SIGERIST, Henry E Medical Theories. In: *A History of Medicine:* early greek, Hindu and Persian medicine. New York: Oxford University Press, 1961, p. 317-335.

SILVA, Ana Maria. A natureza da *physis* humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 25-41.

SOTRES, Pedro Gil. Les regimes de santé. In: GRMEK, Mirko D. e FANTINI (Org.). *Histoire de la pensée medical em Occident*: Antiquité et Moyen Age. Paris: Seuil, 1995, t 1, p. 257-281.

SOUSA, Arnaldo Tavares de. *Curso de História da medicina: das origens aos fins do século XVI*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

VERGER, Jacques. Os médicos de Salerno. In: *Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII*. Bauru (SP): EDUSC, 2001, p. 139-151.

_____. Universidades. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, J. C. (Orgs.). *Dicionário Temático do ocidente Medieval*. Bauru (SP): EDUSC, 2002, 2 v., p. 573- 587.

VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. São Paulo: EDUSC, 1999.

OBRAS DE REFERÊNCIA

Dicionário Médico. FORTES, Hugo, PACHECO, Genésio. Rio de Janeiro: Mello, 1968, 1139 p.

Dicionário Médico Blakiston. 2ª edição. São Paulo: Andrei Editora, 1982, 1489 p.

Dicionário de Termos Médicos. PINTO, Pedro A. (Org.). 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1962, 463 p.

APÊNDICE

Glossário

Abcesso: tumor constituído por uma coleção de pus que se desenvolve em qualquer parte do corpo, em conseqüência de uma inflamação.

Acrumina: significado desconhecido.

Agraço: uva não madura ou qualquer fruta verde de sabor azedo ou ácido.

Aloés: gênero de plantas, da família Liliácea, cujo princípio ativo é estomáquico de gosto fortemente amargo, também conhecido como babosa.

Anhos: cordeiros.

Anis: erva doce usada na fabricação de licores e xaropes.

Apoplexia: hemorragia maciça em qualquer órgão.

Apostema: ver abcesso.

Borrachos: pombos.

Borragem: planta herbácea cujas flores são usadas como sudorífero.

Bredos: erva de emprego medicinal e cujas folhas são comestíveis.

Clister: injeção retal de líquido no intestino para fim terapêutico. Eram usados com duas finalidades: introdução de medicamentos (menor volume) e lavagem intestinal (maior volume).

Codorniz: o mesmo que codorna (ave).

Coriza causa frigida: corrimento nasal.

Decocto: preparação líquida obtida pela fervura, em água, de substâncias vegetais medicinais.

Dracma: antiga medida grega correspondente a 4 gramas.

Edema: acúmulo anormal de líquido em qualquer tecido ou órgão.

Electuário: medicamento de consistência mole, pastosa, misturado com açúcar ou mel, feito com polpas ou outros extratos.

Eméticos: medicamentos que provocam vômitos

Epilepsia: doença que se caracteriza por crises convulsivas e perda repentina dos sentidos.

Fistula: conduto proveniente de ulceração por onde sai o pus ou outro líquido anormal.

Flebotomia: sangria, abertura da veia.

Funcho: planta da família das umbelíferas de flores aromáticas, usado em cozimento, como carminativo (substância que alivia cólica). Os principais carminativos, além do funcho, são: anis, cominho, cinamono, cravo, gengibre, alfazema, hortelã, água de noz-moscarda.

Hemicrânica: enxaqueca.

Herbolários: aquele que conhece as plantas medicinais.

Humor (fleuma): um dos quatro humores caracterizado pelo corrimento nas vias nasais.

Humor (bile amarela): substância amarga segregada pelo fígado nos intestinos.

Lepra: afecção da pele caracterizada pelo aparecimento de pústulas e tumores, principalmente entre o polegar e o indicador, a insensibilidade das extremidades, mutação das mãos e pés.

Libra: antiga medida correspondente a 0,453 g.

Mastique: resina da *Pistácia lentiscus*, usada contra doenças infectuosas e também empregada como estimulante.

Pão ázimo: pão sem fermento.

Purgações/laxativos: substâncias que, aumentando as secreções intestinais, ou os movimentos dos intestinos, lhes facilitam a evacuação sem dor e sem irritação intestinal.

Ruibarbo: nome genérico da plantas poligonáceas cujas raízes são usadas com fins medicinais.

Sangrias: medida terapêutica usada para quase todas as doenças. Havia três formas de retirar sangue: a flebotomia (retira sangue da veia), ventosa e aplicação de sanguessugas.

Sempre viva: planta medicinal com propriedade adstringente indicada no tratamento de diarréias, feridas e queimaduras.

Síncope: perda da consciência ligada a uma súbita anoxia cerebral. É acompanhada de palidez e parada respiratória. É reversível e de breve duração.

Sufocação da madre: madre (o mesmo que útero) era considerada fria, seca, tinha a finalidade procriativa e era responsável por provocar na mulher diversas enfermidades.

Tanchagem: planta da família das plantagináceas com emprego medicinal**.**

Teriaga: electuário antigo tido como eficaz contra mordedura de animais peçonhentos.

Tísica: tubeculose, especialmente pulmonar. Qualquer moléstia caracterizada por emagrecimento e fraqueza.

Urgebão: planta verbanácea com uso medicinal.

Ventosa: pequeno recipiente de vidro, com capacidade de 80 a 100 g, no qual por aquecimento, se rarefaz o ar e se aplica sobre a pele para retirar o sangue.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo